

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CRISTINA MARTINS TAVELIN

Os impasses do “sujeito-pedra”:
Expressões do mal-estar contemporâneo na literatura e na clínica

São Paulo
2023

CRISTINA MARTINS TAVELIN

Os impasses do sujeito-pedra:

Expressões do mal-estar contemporâneo na literatura e na clínica

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safra

São Paulo
2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tavelin, Cristina Martins

Os impasses do “sujeito-pedra”: Expressões do mal-estar contemporâneo na literatura e na clínica / Cristina Martins Tavelin; orientador Gilberto Safra. -- São Paulo, 2023.

102 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. mal-estar. 2. psicanálise. 3. literatura. 4. contemporaneidade. I. Safra, Gilberto, orient. II. Título.

TAVELIN, Cristina Martins. **Os impasses do “sujeito-pedra”**: Expressões do mal-estar contemporâneo na literatura e na clínica. 2023. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Aos que me incentivaram e sempre estiveram presentes de alguma forma ao longo desse caminho, especialmente à Ana Paula Pereira Lima e aos colegas da graduação e do mestrado.

Ao Prof. Dr. Gilberto Safra, pela orientação e confiança nos caminhos que decidi seguir.

À Profa. Dra. Regina Herzog e a todos do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (NEPECC/UFRJ).

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

Aos meus pacientes, pelo tanto que me ensinam dia após dia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Small marks of fatigue are emerging on the otherwise sturdy and modern buildings.

(Von Trier; Gislason, 1994)

RESUMO

TAVELIN, Cristina Martins. **Os impasses do “sujeito-pedra”**: Expressões do mal-estar contemporâneo na literatura e na clínica. 2023. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O mal-estar contemporâneo se apresenta na clínica por meio de formas de subjetivação complexas que excedem a descrição dos manuais diagnósticos e da própria metapsicologia psicanalítica. O campo literário oferece formas de compreensão que abrangem outros vértices da experiência humana e podem ser de grande valor para ampliar a escuta clínica, destacando-se a dimensão estética e paradoxal da poesia. Diante disso, o objetivo desta pesquisa interdisciplinar foi apontar as possíveis intersecções entre a voz lírica contemporânea do “sujeito-pedra” – que aparece nos poemas de Francisco Alvim, Rubens Rodrigues Torres Filho e Sebastião Uchoa Leite – e o sofrimento psíquico na atualidade. Nesse sentido, realizamos a explanação sobre o mal-estar do ponto de vista da psicanálise, compreendendo esta como discurso inserido na modernidade que fornece ferramentas críticas aos modos de vida incorporados com o avanço do capitalismo. Em um segundo momento, caracterizamos a voz do sujeito-pedra no contexto da literatura contemporânea brasileira para posterior diálogo entre os campos. A metodologia psicanalítica foi utilizada para explorarmos a seguinte hipótese: a voz do sujeito-pedra, que transcende os autores e aponta para um mal-estar mais amplo, poderia mobilizar aspectos importantes para a escuta clínica? Com esse objetivo, foram selecionados quatro casos clínicos, colocados em diálogo com os poemas. Como resultado, identificamos alguns pontos de confluência: a predominância da categoria espaço em detrimento da categoria tempo, a redução da linguagem e a alteração do lugar do eu enquanto sujeito e objeto. Entre as reflexões abertas pelo campo da literatura, destaca-se a necessidade de uma abordagem mais ampla no que concerne aos fenômenos estéticos, incluindo a compreensão da linguagem para além do âmbito verbal e da alteridade não restrita às relações intersubjetivas.

Palavras-chave: mal-estar; psicanálise; literatura; contemporaneidade.

ABSTRACT

TAVELIN, Cristina Martins. **The impasses of the “stone-subject”**: Expressions of contemporary malaise in literature and clinical practice. 2023. Dissertation (Master) – Institute of Psychology, University of Sao Paulo, Sao Paulo, 2023.

The contemporary malaise has been appearing in clinical practice through complex forms of subjectivation which go beyond the description of diagnostic manuals and psychoanalytic metapsychology. The literary field offers forms of understanding that encompass other vertices of human experience and can be of great value to expand clinical listening, highlighting the aesthetic and paradoxical dimension of poetry. Therefore, the objective of this interdisciplinary research was to point out possible intersections between the contemporary lyrical voice of the “stone-subject” – which appears in poems of Francisco Alvim, Rubens Rodrigues Torres Filho and Sebastião Uchoa Leite – and current psychic suffering. In this sense, we performed the explanation about the malaise from the point of view of psychoanalysis, understanding it as a discourse in modernity that provides critical tools in front of advanced capitalism ways of life. Secondly, we characterize the stone-subject's voice in the context of contemporary Brazilian literature for further dialogue between the fields. Psychoanalytical methodology will be used to explore the following hypothesis: could the voice of the stone-subject, which transcends the authors and points to a broader malaise, mobilize important aspects for clinical listening? In this sense, four clinical cases were selected and put in dialogue with the poems. As a result, we identified some points of confluence: predominance of space category in detriment of time category, reduction of language and alteration of self's place as subject and object. Among the reflections opened by the field of literature, the need for a broader approach in regard to aesthetic phenomena is highlighted, including the understanding of language beyond verbal scope and otherness not restricted to intersubjective relationships.

Keywords: malaise; psychoanalysis; literature; contemporaneity.

RESUMEN

TAVELIN, Cristina Martins. **Los puntos muertos del “sujeto-piedra”**: Expresiones del malestar contemporáneo en la literatura y la práctica clínica. 2023. Disertación (Maestría) – Instituto de Psicología, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2023.

El malestar contemporáneo aparece en la clínica a través de complejas formas de subjetivación que van más allá de la descripción de dos manuales de diagnóstico y de la propia metapsicología psicoanalítica. El campo literario ofrece formas de comprensión que abarcan otros vértices de la experiencia humana y pueden ser de gran valor para ampliar el campo clínico, destacando la dimensión estética y paradójica de la poesía. Frente a esto, el objetivo de esta investigación interdisciplinaria fue señalar las posibles intersecciones entre la voz lírica contemporánea del “sujeto-piedra” — que aparece en los poemas de Francisco Alvim, Rubens Rodrigues Torres Filho y Sebastião Uchoa Leite — y el sufrimiento psíquico actual. En este sentido, hacemos una explicación sobre el malestar desde el psicoanálisis, entendiéndolo como un discurso inserto en la modernidad que proporciona herramientas críticas a los modos de vida incorporados con el avance del capitalismo. En un segundo momento, caracterizamos la voz del sujeto-piedra en el contexto de la literatura brasileña contemporánea para un posterior diálogo entre los campos del saber. Se utilizó la metodología psicoanalítica para explorar la siguiente hipótesis: ¿la voz del sujeto-piedra, que trasciende a los autores y apunta a un malestar más amplio, podría movilizar aspectos importantes para la investigación clínica? Con este objetivo, seleccionamos cuatro casos clínicos, puestos en diálogo con los poemas. Como resultado, identificamos algunos puntos de convergencia: el predominio de la categoría espacio en detrimento de la categoría tiempo, la reducción del lenguaje y la alteración del lugar del yo como sujeto y objeto. Entre las reflexiones abiertas por el campo de la literatura, se destaca la necesidad de un abordaje más amplio de los fenómenos estéticos, incluyendo la comprensión del lenguaje más allá del ámbito verbal y de la alteridad no restringida a las relaciones intersubjetivas.

Palabras clave: malestar; psicoanálisis; literatura; contemporaneidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. SITUANDO O MAL-ESTAR	7
1.1 Psicanálise como crítica à modernidade	7
1.2 Pós-modernidade e sujeito neoliberal.....	13
2. NOVAS MODALIDADES DE MAL-ESTAR	20
2.1 Do conflito aos excessos: outros tempos, outra dinâmica	22
2.2 Depressão, hipótese depressiva e enfrentamentos possíveis	26
2.3 Sem passado ou futuro: um mundo sem raízes	29
2.4 O afastamento do <i>ethos</i> e as agonias contemporâneas	32
3. SUJEITO-PEDRA	38
3.1 Literatura e psicanálise: possibilidades de expressão do mal-estar	38
3.2 A gênese do sujeito-pedra	41
3.3 A voz de cada poeta.....	45
4. METODOLOGIA	54
5. CASOS CLÍNICOS	59
5.1 “Onde o chão é chão”: Um corpo preso ao presente	59
5.1.1 Algumas considerações sobre o caso.....	62
5.2 Uma outra terra possível.....	65
5.2.1 Algumas considerações sobre o caso.....	68
5.3 Um falso poeta.....	70
5.3.1 Algumas considerações sobre o caso.....	72
5.4 Esse obscuro objeto chamado sujeito	75
5.4.1 Algumas considerações sobre o caso.....	77
CONCLUSÃO	81
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Em 2013, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) realizou um ciclo de palestras intitulado *Escutas poéticas*, e, ao longo daquele ano, literatura, poesia e psicanálise estiveram em diálogo a partir das vozes de vários escritores, psicanalistas e pesquisadores. Anos depois, em meio à pandemia de 2020, quando o projeto que culminou nesta pesquisa ganhava corpo, deparei-me com duas palestras desse ciclo disponibilizadas online: *O sujeito na poesia contemporânea*¹, de Viviana Bosi, e *As escutas da psicanálise*, de Luís Cláudio Figueiredo². Após ouvir os comentários de Bosi sobre o “sujeito-pedra”, Figueiredo sublinhou que a descrição daquela voz lírica não “estava muito distante do que conhecemos por estados-limite”. Esta fala, que deu início à sua palestra sobre os diferentes tipos de escuta em psicanálise, ganhou os contornos de uma observação e de uma questão em aberto.

A partir dessa questão que ficou ressoando de forma insistente, desenvolveu-se a hipótese de pesquisa. A proposta de nos pautarmos pelos caminhos inusitados do objeto conduziu-nos por rumos ligeiramente diferentes: ao invés da categoria de estados-limite, a voz lírica do sujeito-pedra nos levou a adentrar os impasses do mal-estar na contemporaneidade. Tal voz, localizada por Bosi em três poemas – *Escolho*, de Francisco Alvim, *um toque*, de Rubens Rodrigues Torres Filho, e *Dentro/Fora Rio de Janeiro*, de Sebastião Uchoa Leite –, parecia ecoar, de algum modo, os impasses que se apresentam na clínica psicanalítica e ainda não têm contornos muito bem definidos.

A discussão sobre o mal-estar no campo psicanalítico remete à obra freudiana publicada em 1929, *Mal-estar na civilização*. Nela, Freud reflete sobre o preço a ser pago subjetivamente para a vida em sociedade: as pulsões precisam ser recalçadas em prol do coletivo, o que implica a impossibilidade de satisfação pulsional. Por conta desse arranjo, o mal-estar advém em seus vários modos e é intrínseco à dita cultura civilizada.

Desde a publicação dessa obra, muitos desenvolvimentos ocorreram no pensamento psicanalítico, com diferentes visões sobre o mal-estar. Com a mudança no perfil clínico dos pacientes que começaram a chegar aos consultórios, houve também a necessidade de que a investigação psicanalítica circulasse por outras áreas do saber, na medida em que uma metapsicologia se mostrava cada vez mais limitada.

¹ Para mais sobre o tema, cf. BOSI, V. **Poesia em risco**: Itinerários para aportar nos anos 1970 e além. São Paulo: Editora 34, 2021.

² O texto base para a referida palestra foi publicado como artigo no ano seguinte. Cf. FIGUEIREDO, L.C. Escutas em análise/ Escutas poéticas. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 123-137, abr. 2014.

Nesse sentido, no primeiro capítulo da pesquisa, buscaremos abordar a discussão sobre o mal-estar com atravessamentos de outros campos, como economia e história, mas sem perder de vista a centralidade da psicanálise. Primeiramente, passaremos pela modernidade, período em que a obra freudiana foi concebida. Com o avanço do capitalismo a partir do século XIX e a mudança de perspectiva espaço-temporal, o modernismo surge como crítica aos modos de vida modernos, e a obra *O Mal-estar na civilização* pode ser compreendida dentro desse contexto maior, como uma crítica à sua época. Fazendo uma síntese da história do pensamento na modernidade, Birman (2000) aponta o marco inicial no postulado de Descartes, “penso logo existo”, que traz aspectos importantes como a centralidade do eu e da razão.

O declínio dessa centralidade acontece paulatinamente, como veremos, e no início do século XX se mostra inteiramente aos que lançam um olhar mais atento à própria época. Em 1917, ao tratar dos problemas na condução da psicanálise no texto *Uma dificuldade da psicanálise* (1917/2010), Freud aponta o inconsciente (e decorrente declínio da supremacia da consciência) como a terceira ferida no narcisismo humano – precedida pelo darwinismo, que colocou o ser humano na linhagem evolutiva dos animais, e pela revolução copernicana, que tirou a Terra do centro do universo. Fora do centro e diante da morte de Deus, proclamada por Nietzsche, o terror do desamparo acomete a experiência humana.

Se, com o movimento do modernismo, a crítica à modernidade estava posta, com o avanço do capitalismo e os experimentos neoliberais do pós-guerra, a possibilidade crítica foi tragada por ideologias que sustentam o individualismo em detrimento da coletividade. Nesse processo, a psicanálise também perdeu espaço para os psicofármacos e para terapêuticas que visam à adaptação, sem um questionamento mais amplo sobre o mal-estar – que diz respeito também a mudanças sociais e políticas, mesmo que esses aspectos passem a ser ofuscados com a tentativa de redução do humano ao indivíduo.

As novas modalidades de mal-estar, dessa forma, traduzem um movimento mais amplo do contemporâneo. No entanto, cabe destacar que os casos difíceis, mesmo em número reduzido em outras épocas, também se faziam presentes e colocavam questões importantes para teoria e clínica. A psicanálise clássica, que emergiu do manejo de quadros neuróticos, pode ser compreendida, entre outros aspectos, como uma clínica centrada na fala. O caso de Anna O., relatado por Joseph Breuer e Freud em *Estudos sobre a histeria* (1895/1996), iluminou esse aspecto nos primórdios da psicanálise com a nomeação feita pela paciente da “cura pela fala”. No entanto, com a reflexão sobre as neuroses de guerra, Freud se deparou com os limites da representação e, posteriormente, com os limites da própria psicanálise.

Segundo Green (2005, p. 100, tradução nossa), há uma virada importante na obra freudiana com *Além do princípio do prazer* (1920/2010): “a evolução das evidências clínicas e da prática conduziu a uma certa reserva quanto à representação e a uma validação do elemento dinâmico (afetivo) característico da pulsão [...]”. Desse período em diante, Freud passou a se confrontar com os limites da técnica psicanalítica diante das possibilidades ou não de rememoração e interpretação, reflexão que registra nos textos *Análise terminável e interminável* (1937/1996) e *Construções em análise* (1937a/1996).

Dando continuidade aos desafios da clínica, Sándor Ferenczi buscou novas formas de trabalhar com os pacientes considerados difíceis e contribuiu para o desenvolvimento da psicanálise com noções como a de elasticidade da técnica analítica e tato analítico (FERENCZI, 1928/1989), o qual também exige uma maior disponibilidade empática do analista. A postura autêntica e sincera, necessária à confiança, passa a ser fundamental para que o paciente possa vivenciar o relaxamento e a regressão e abrir espaço para as manifestações neocatárticas, estas que “expressavam vivências traumáticas da infância, sensações de uma agonia psíquica e física que não poderiam ser evocadas verbalmente” (LEJARRAGA, 2008, p. 118). Tendo isso em vista, Ferenczi elaborou dispositivos como o de análise pelo jogo, no qual tom de voz, ritmo da fala, gestualidade, silêncios e risos são elementos importantes de análise (KUPERMANN, 2004).

Uma das analisandas de Ferenczi foi Melanie Klein, figura central entre os teóricos das relações de objeto. Entre as diversas contribuições da psicanalista inglesa, como o olhar atento ao campo do arcaico e o conceito de identificação projetiva, Klein “explorou clínica e teoricamente os destinos das sensações corporais mais arcaicas e a sua transformação em fantasia inconsciente”, sendo esta “o lugar onde se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo” (CINTRA & RIBEIRO, 2018, p. 11). As inovações de Ferenczi e Klein ressoaram em vários autores posteriormente, incluindo D.W. Winnicott, que se aprofundou na experiência não verbal em sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo. A partir da preocupação materna primária, mãe e bebê tornam-se um só, e o ego da mãe serve como auxiliar diante da precariedade psíquica da criança (WINNICOTT, 1990).

Winnicott desenvolveu sua teoria a partir de casos graves que exigiram repensar o manejo clínico, separando estes das “pessoas totais”, aquelas em que o desenvolvimento emocional primitivo ocorreu dentro do esperado (WINNICOTT, 1990). Para elas, o tratamento psicanalítico padrão (baseado na interpretação e na associação livre) pode ser utilizado. Já no caso de psicóticos e pacientes *borderline*, como houve uma ruptura arcaica na continuidade do ser, o analista deve proporcionar o ambiente suficientemente bom que

faltou ao paciente. Nesse sentido, Safra (2016) aponta como a dimensão estética anterior às palavras é central para a constituição de aspectos fundamentais do *self*, especialmente no trabalho com pacientes em estado de dispersão de si mesmos, nos quais uma análise tradicional provocaria ainda mais fragmentação.

No segundo capítulo, trataremos das novas modalidades de mal-estar, buscando os principais traços das subjetividades contemporâneas sem restringi-las à nosografia vigente. Os casos difíceis sempre estiveram presentes na clínica, mas a predominância de alguns traços indica uma mudança de perfil clínico que difere de forma significativa daquele dos primeiros tempos da psicanálise. Trataremos de algumas características mais presentes no mal-estar contemporâneo que podem ser compreendidas aqui a partir de dois vieses.

A noção de excesso pulsional, energia que rompe as possibilidades de elaboração do psiquismo, consta no início da teoria freudiana com a noção de neuroses atuais, e ganha novos contornos a partir de 1920, quando a pulsão de morte passa a integrar a metapsicologia psicanalítica. A partir dos novos caminhos teóricos que se abrem, diferentes autores vão pensar a contemporaneidade com base no excesso pulsional que não pode ser representado e encontra outras formas de vazão. As modalidades de mal-estar destacadas por Joel Birman, que ganham as vias do *corpo*, da *ação* e do *sentimento*, são pensadas a partir desse caminho.

Ainda no campo das intensidades, a figura do depressivo se faz emblemática em contraste com a demanda de máxima eficiência da atualidade. Pensando nos modos de vida pautados pelo neoliberalismo, veremos como a depressão pode ser compreendida como egossintônica a esse modelo, pois oculta a hermenêutica do conflito e se apoia sobre a dinâmica das intensidades (DUNKER, 2021). A identificação com a doença e o apaziguamento do mal-estar por via medicamentosa acabam por desvincular os elementos políticos e sociais presentes na falta de adequação do depressivo. Ao mesmo tempo, sua identificação coloca-se como um empecilho, uma espécie de protesto inconsciente contra as demandas do neoliberalismo.

Também veremos como os ritmos da contemporaneidade afastaram o ser humano daquilo que lhe é singular, seu *ethos*, podendo ocasionar agonias no início e no decorrer da vida. Winnicott já traçava como fundamental a comunicação silenciosa entre mãe e bebê, destacando como a ruptura na continuidade do ser poderia levar a quadros graves no desenvolvimento. Atualmente, o ritmo acelerado do capitalismo afeta movimentos muito básicos do ser humano, como a temporalidade da dimensão estética. O cuidado primário mediado pela tecnologia pode gerar agonias muito primitivas, expressadas na vivência dos “espectrais”, jovens que se sentem apartados da comunidade humana (SAFRA, 2015). As agonias contemporâneas também podem ocorrer ao longo da vida, decorrentes das desigualdades sociais e de situações que levam à

humilhação, invisibilidade e desenraizamento. Para melhor compreensão desse último ponto, veremos a noção de enraizamento a partir do pensamento da filósofa Simone Weil.

No terceiro capítulo, adentraremos a poética do sujeito-pedra, voz lírica que suscitou o nascimento desta pesquisa. Na mesma medida que os casos difíceis começaram a se fazer mais presentes na clínica contemporânea, no campo da poesia, o eu lírico também passou por transformações. A voz lírica tem sido caracterizada, a partir do paradigma da modernidade, como uma alteridade, uma construção em relação com o outro. Octavio Paz, por exemplo, trata do eu lírico como uma outridade constitutiva e um vir a ser; Emil Staiger apresenta a disposição do eu lírico como o um-no-outro, quando sujeito e objeto se dissolvem e se reconstituem como nova unidade imagético-sonora no poema; Michael Collot refere-se ao eu lírico como matéria-emoção a projetar-se e dissolver-se num espaço interiorizado; e Maulpoix inventou o termo “transpessoa”, quarta pessoa do verbo, para descrever este sujeito expandido (BOSI, 2021).

É importante destacar a face da outridade do eu lírico, pois esta se opõe a uma visão simplista da poesia como “sublimação”, como um processo que concerne a um sujeito específico. Bakhtin (1997) nos lembra que um autor está além do homem real, apesar de emergir das mãos do segundo: o eu lírico o transcende como sujeito, e somente assim encontra ressonância na experiência de tantos leitores. Desse modo, justifica-se a pertinência de um olhar atento ao sujeito lírico para pensar a clínica psicanalítica contemporânea, na medida em que o poeta consegue captar o *Zeitgeist*, o espírito de seu tempo.

Figueiredo (2014, p. 131) pontua que há uma aproximação possível entre a escuta poética e a escuta do analista, pois ambas dizem respeito a captar climas, coloridos e atmosferas para que as figuras possam se destacar dentro das penumbras associativas: “É aí ‘dentro’, nos espaços para que somos atraídos no ‘interior’ da experiência de linguagem, que podemos escutar as ressonâncias, as melodias, as harmonias e os ritmos”.

A voz lírica que será objeto dessa pesquisa se apresenta nos poemas *Escolho*, de Francisco Alvim, *Dentro/Fora Rio de Janeiro*, de Sebastião Uchoa Leite, e *um toque*, de Rubens Rodrigues Torres Filho. Apesar de não manterem um olhar ingênuo em relação ao eu lírico, esses autores não têm como intuito apagá-lo de seus textos, como o fizeram os concretistas. Mesmo desconfiada, a voz lírica do sujeito-pedra dá as caras ao olhar para si mesma, ainda que seja para perceber-se como coisa pétreia. Os autores mencionados chegaram à maturidade poética no início da década de 1970, atravessando mudanças sociais importantes que ajudaram a compor uma poética intermediária. Justamente por manter certa fagulha acesa, tal voz lírica pode iluminar alguns caminhos tanto para o próprio fazer poético quanto

para o encontro clínico. Partindo de uma breve contextualização sobre a poesia contemporânea no Brasil, poderemos observar as continuidades e descontinuidades do grupo de autores e da voz lírica que emerge nos poemas selecionados.

Após a explanação da metodologia a ser utilizada, orientada especialmente pelo método psicanalítico, apresentaremos as vinhetas clínicas que servirão como base para o diálogo com os poemas, com intuito de explorarmos aproximações e diferenças entre literatura e clínica no que diz respeito ao mal-estar na contemporaneidade.

As vinhetas foram extraídas da experiência clínica da autora, com alteração de nomes e dados que pudessem identificar ou expor de qualquer forma os pacientes atendidos, mas com a preservação de uma linha mestra que visa manter aspectos importantes como a fidedignidade para análise das questões propostas, dinâmica psíquica em cada caso e contexto social vivenciado por cada sujeito. Neste momento, também serão trazidos os aspectos da voz lírica que possam dialogar ou não com os casos apresentados, para termos uma base para a discussão proposta no capítulo seguinte. O capítulo que antecede a conclusão tem por objetivo demarcar os pontos de confluência entre o sujeito-pedra e o mal-estar na contemporaneidade, vistos a partir do encontro clínico nos casos propostos.

Longe de esgotar qualquer discussão sobre um tema tão amplo, a pesquisa tem como proposta reafirmar o frutífero diálogo entre os campos da literatura e da psicanálise, caminho que se mostra importante na medida em que a racionalidade excessiva reitera o mal-estar experimentado na contemporaneidade.

1. SITUANDO O MAL-ESTAR

O ano de 1929, aquele em que Sigmund Freud redigiu a obra clássica *O Mal-estar na civilização* (1929/2011), ficou marcado como o ano da quebra da bolsa de Nova York, acontecimento que gerou inúmeras consequências. Publicada em 1930, na Alemanha, a obra também pode expressar muito sobre o mal-estar entre as duas Guerras que assolaram a Europa e repercutiram a nível mundial. Não há dúvidas de que essa confluência de crises econômica, política e subjetiva não foi mera coincidência, mas há algumas leituras possíveis dessa obra icônica do pensamento freudiano.

Podemos tomá-la especificamente a partir da dinâmica entre sujeito e civilização ali proposta – pensando como “civilizado” o ser humano inserido na cultura. Freud postulou que, quanto mais recalcados fossem os instintos para a vida em sociedade, mais tal mal-estar estaria presente: isso se daria justamente por conta da submissão a certas leis e regras para uma mínima harmonia coletiva. Essa leitura carrega, inevitavelmente, um tom pessimista. Na medida em que o ser humano se afasta do ambiente natural e entra para uma dinâmica coletiva, o mal-estar se fará presente. Seguindo apenas por esta via, também corremos o risco de negligenciar questões sócio-históricas que permeiam a formação da subjetividade de cada época.

Por isso, a leitura que Birman faz desta obra, uma leitura crítica e apoiada no lastro da história, nos parece um caminho interessante para pensarmos essa questão. Para o autor, o mal-estar designado por Freud se refere mais a uma tentativa de circunscrever o estado do sujeito na modernidade do que apontar a antinomia entre pulsão e civilização – o que colocaria a psicanálise em um lugar um tanto “resignado” (BIRMAN, 2000, p. 17). Nesse sentido, a compreensão de certas categorias psicanalíticas precisa estar ancorada em uma base histórica e antropológica. A partir desta leitura, a psicanálise é compreendida como parte do movimento do modernismo, como efeito da própria modernidade.

1.1 A psicanálise como crítica à modernidade

Primeiramente, é necessário explicitar do que se trata a modernidade, compreensão que integra tanto aspectos discursivos quanto materiais. Uma cena famosa que sintetiza um pouco do espírito da modernidade está no filme *Tempos Modernos* (1936), no qual o personagem *Little Tramp*, vivido por Chaplin, é literalmente engolido pelo ritmo acelerado de uma linha de montagem. O movimento incessante e sem propósito em si mesmo, que será traduzido em um

produto final ao qual o operário provavelmente não terá acesso, não pode ser desvinculado da experiência de sofrimento na modernidade.

Tédio, exaustão e falta de sentido eram experiências comuns entre os operários de uma fábrica da Renault, onde a filósofa e militante Simone Weil trabalhou durante algum tempo para compreender melhor o dia a dia da classe trabalhadora de sua época. Seus registros sobre a vida operária traduzem um pouco das sensações e sentimentos que se apossavam dos operários após longas horas de serviço. Uma espécie de torpor, de sono a partir de uma atenção constante, sobrevinha com a repetição da atividade e do barulho das máquinas. “Mais depressa, ainda mais depressa, vamos! [...]. Não tenho velocidade. Forço ainda. Pouco a pouco a monotonia da tarefa me leva à distração. Durante alguns segundos penso numa porção de coisas. Despertar brusco; quantas fiz?” (WEIL, 1936/1996, p. 120).

As críticas ao racionalismo moderno e ao modelo capitalista, com suas consequências sentidas nas dimensões objetivas e subjetivas, se intensificaram especialmente a partir da segunda metade do século XIX. Harvey (1992) situa um ponto de virada na crise que assolou a Inglaterra em 1846-1847, quando a superacumulação capitalista levou à estagnação econômica e ao desemprego, estado crítico que se alastrou mundo afora. Anteriormente, o modelo capitalista havia passado por períodos críticos, porém estes estavam atrelados a desastres ou condições naturais, não evidenciando desta forma os limites de seu próprio modo de funcionamento.

Antes desta quebra de confiança ocorrida na metade do século XIX, a burguesia de então conseguia defender com mais propriedade o sentido progressista de tempo, mesmo que este não fosse o único discurso a circular. A ideia de que o desenvolvimento econômico levaria à maximização do bem-estar, de certa forma, sofreu um abalo significativo naquele momento, mostrando que o sistema não era tão infalível quanto se pensava. Além disso, ficou evidente a crescente dependência entre as nações e como qualquer oscilação em uma região do mundo poderia gerar impacto a nível global. Nesse sentido, a perspectiva sobre espaço e lugar absolutos foi alterada, “substituída pelas inseguranças de um espaço relativo em mudança, em que os eventos de um lugar podiam ter efeitos imediatos e ramificadores sobre vários outros” (HARVEY, 2012, p. 238).

O movimento do modernismo, então, surge como uma tentativa de tradução desse deslocamento do tempo e do espaço, cuja crise de representação alcança o auge pouco antes da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Os primeiros anos da década de 1920 foram paradigmáticos no que diz respeito à desintegração do sistema de referências que anteriormente servia de apoio à percepção:

Consideremos alguns aspectos desse momento crucial situado, significativamente, entre a teoria especial da relatividade (1905) e a teoria geral da relatividade (1916), de Einstein. Ford, como nos recordamos, instalou sua linha de montagem em 1913. Ele fragmentou tarefas e as distribuiu no espaço, a fim de maximizar a eficiência e minimizar a fricção do fluxo produtivo. Com efeito, ele usou certa forma de organização espacial para acelerar o tempo de giro produtivo. Assim, o tempo podia ser acelerado em virtude do controle estabelecido por meio da organização e fragmentação da ordem espacial da produção. Naquele mesmo ano, contudo, o primeiro sinal de rádio foi transmitido para o mundo a partir da Torre Eiffel, acentuando a capacidade de *fazer o espaço decair, na simultaneidade de um instante*, no tempo público universal. (HARVEY, 1992, p. 242, *itálico nosso*)

Como podemos perceber, as mudanças concretas nos modos de produção também fizeram emergir tentativas de elaboração dessas alterações que se espalharam por diferentes áreas de conhecimento. Apoiado no estudo de Kern³, Harvey traz exemplos de como a rápida compressão do tempo-espaço repercutiu nesse momento de inovação modernista. As escritas de James Joyce e Marcel Proust, por exemplo, exemplificam tentativas de apreensão de uma multiplicidade espaço-temporal na literatura. Nas artes plásticas, a perspectiva linear cede espaço a outras formas de representação da experiência, como visto no movimento cubista. Há uma tentativa de apreensão desse novo compasso no qual andam as multidões das cidades, cada vez maiores e mais anônimas.

Birman (2017) faz uma interessante reflexão sobre como a psicanálise se insere no movimento do modernismo como efeito da própria modernidade. Na história do pensamento, a modernidade se constitui em torno da centralidade do eu e da consciência, com um marco importante na proposição de Descartes (1637/1996, p. 38), “penso, logo existo”, e suas repercussões enquanto discurso metafísico. Antes submetido ao cosmos, parte do todo, o sujeito passa a se compreender como centro do mundo. O lugar do outro, da alteridade, começa a ser definido a partir do eu e de suas fronteiras, reforçando uma concepção “atomística” da sociedade, compreendida então como uma reunião de indivíduos (BIRMAN, 2017, p. 37).

Assim, de forma progressiva, a racionalidade centrada no eu e a razão científica ganharam espaço em relação aos campos filosófico e teológico, utilizando a tecnologia como instrumento de verificação da verdade e de transformação da natureza. Birman (2017) destaca alguns mitos forjados nesse contexto que tratam de um tema em comum: a criatura que se sobrepõe ao criador e sofre as consequências do saber absoluto. Fausto⁴, personagem de Goethe,

³ KERN, S. **The culture of time and space: 1880-1918**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

⁴ GOETHE, J. W. **Fausto**. Uma tragédia. Primeira Parte. São Paulo: Editora 34, 2004. _____. **Fausto**. Uma tragédia. Segunda Parte. São Paulo: Editora 34, 2007.

faz um pacto com o diabo em troca da verdade da ciência. Frankstein⁵, de Mary Shelley, aborda como a criação realizada pelas mãos do homem – e tirada do poder divino – traz consequências nefastas à criatura e ao criador. São exemplos bem conhecidos que ilustram um certo temor diante da centralidade adquirida por esse eu cartesiano em posse da técnica e deslocado do âmbito divino.

Seguindo esse lastro, o modernismo surge como um questionamento sobre a modernidade e sobre as dimensões do eu e da razão, assim como da própria noção de consciência. Alguns pensadores exprimem e embasam o descentramento do sujeito pelas diversas forças operantes no mundo, sendo que três deles são fundamentais para esse processo de ruptura: Nietzsche, Marx e Freud⁶.

No registro econômico, essas forças foram representadas por Marx, que sublinhou a inscrição da consciência no campo imantado pelas forças produtivas e as relações de produção reguladoras das sociedades humanas, ou seja, o descentramento da consciência e do eu em relação aos registros da economia e da política, sendo este representado pela luta de classes. Com Freud, houve o descentramento da consciência em relação à sexualidade e às pulsões, inscrevendo o eu em uma encruzilhada de forças provenientes do inconsciente. Por fim, com Nietzsche ressaltou-se a dimensão do poder no processo de produção da verdade, indicando-se que as verdades são produzidas pelas relações de forças existentes entre os homens, esvaziando assim a pretensa soberania do eu e da razão como os seus fundamentos. (BIRMAN, 2017, p. 43)

Além desta dispersão de forças antes centradas no eu, o autor situa outros dois aspectos importantes na perspectiva trazida pelo modernismo: a *novidade* vem de encontro a um sujeito repleto de horizontes abertos pelo descentramento do eu, ávido por se perder em tantos caminhos possíveis. A preocupação com aquilo que é atual, com a *atualidade* dos movimentos em um mundo em constante transformação, também se impõe ao sujeito, que precisa estar minimamente a par dessas mudanças para conseguir se situar no campo social. A figura do *flâneur*, de Baudelaire, exemplifica bem o espírito daquele que transita pelos crescentes centros urbanos de forma errante, interessado por aquilo que não sabe bem o que é.

No que diz respeito ao descentramento do eu, cabe fazer um retorno ao texto *Uma dificuldade da psicanálise* (1917/2010), no qual Freud aponta que esta seria a terceira ferida narcísica na história da humanidade. A primeira ferida seria aquela aberta pela revolução copernicana, quando o centro do sistema planetário foi colocado em questão, tirando a Terra

⁵ SHELLEY, M. **Frankenstein ou o prometeu moderno**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.

⁶ Birman se baseia na reflexão de Michel Foucault sobre as novas técnicas de interpretação a partir desses três pensadores, que fazem objeto e sujeito da interpretação coincidirem. Cf. FOUCAULT, M. **Nietzsche, Freud e Marx/ Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

desse posto soberano. A segunda ferida diz respeito à revolução darwinista, que, ao contrário dos mitos religiosos, tirou o ser humano do lugar de uma criação especial e o colocou ao fim de um longo processo evolutivo – mais um ser em uma cadeia de acontecimentos ao longo de milhares de anos. Por fim, ao apostar no inconsciente, a psicanálise indica que o ser humano não está no domínio pleno e consciente de seus movimentos e decisões, que há forças importantes que o levam a ser quem é e que nem sempre conseguem ser vistas com nitidez. Ou seja, fez com que o eu e a consciência perdessem o posto de soberanos.

Para além disso, Birman (2017) sublinha que o descentramento psíquico na obra freudiana ultrapassa a dimensão do eu, avançando sobre outros domínios. Na elaboração do conceito de narcisismo e na fundação da segunda tópica, por exemplo, Freud indica que o eu é construído a partir do outro, não há autonomia nessa construção. Já com o advento da noção de pulsão de morte, o psiquismo passa a ser regulado pela economia das pulsões, não pelo sistema de representações. O desejo também ocupa um lugar central nessa discussão: toma a posição daquilo que diz algo sobre o sujeito. No movimento do modernismo, o desejo está conectado a duas de suas figuras mais importantes: à vanguarda, no registo da estética, e à revolução, no registo da política (BIRMAN, 2017, p. 46).

Os elementos dessa composição trouxeram um grande impulso de transformação social, assim como a germinação de diferentes linguagens estéticas a partir de novas perspectivas. No entanto, a junção desses elementos também teve seu custo. O sujeito fascinado pela novidade e pela atualidade em um mundo marcado pelo descentramento depara-se com o sentimento de *desamparo*.

Tal desamparo também se apoia na perda do lugar literal e simbólico do pai no Ocidente⁷, que poderia ser traduzida no aforisma “Deus está morto”. Se, antes da modernidade, os mistérios da existência estavam guardados na palavra divina, quando o ser humano se instaura como fundamento do mundo, “o desamparo se impõe como base existencial da condição humana [...]. Nesse sentido, foi o modernismo como crítica da modernidade que pôde enunciar a condição de orfandade da subjetividade produzida pela modernidade” (BIRMAN, 2017, p. 50-51).

Para ressaltarmos a importância da ação histórica na produção da subjetividade, podemos contar também com o pensamento de Winnicott e um dos conceitos mais importantes de sua teoria, o de tendência natural. Para Plastino (2012), a noção de tendência sintetiza a

⁷ Para o aprofundamento dessa questão, cf. LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

originalidade do pensamento do autor inglês, pois traz um novo olhar para pensarmos a natureza e a história quando tratamos do desenvolvimento de uma pessoa:

Uma tendência natural constitui um movimento da natureza cuja concretização não acontece necessariamente, mas cuja frustração acarreta sérias consequências [...]. Assim sendo, a efetiva concretização das tendências naturais constitui, em cada caso singular, um evento que pode ou não acontecer. Na concepção winnicottiana, o vir a ser efetivo das tendências naturais requer a ação histórica. É por isso que é possível afirmar que o ser humano está radicalmente inserido na natureza e radicalmente inserido na história. (PLASTINO, 2012, p. 81)

Nesse sentido, há um afastamento do dualismo que constitui o pensamento moderno. Como explica o autor, a separação entre natureza e cultura, corpo e consciência, paixão e razão, fundamenta a dinâmica do conflito e do recalque, e o polo passional é aquele que deve ser dominado. Esse direcionamento está enraizado no racionalismo grego, com a moralidade baseada na capacidade de domínio das paixões pela razão. Já a paixão, o polo a ser controlado, está associado à natureza e ao que há de instintivo no homem, forças a serem dominadas pela civilização, ou seja, pela cultura.

É interessante notar, como pontua Plastino, que a psicanálise, por um lado, colocou a ênfase no inconsciente e no primado dos afetos e, por outro, insistiu na sobreposição do polo da razão, inclusive por meio da metapsicologia elaborada por Freud. Por isso nos parece pertinente a leitura feita sobre a psicanálise como modo de expressão do mal-estar na modernidade, pois esta consegue apontar outros caminhos possíveis para além do dualismo entre pulsão e cultura.

Winnicott acabou por trazer um olhar mais otimista em relação à civilização, na medida em que esta não está destinada a tornar o homem necessariamente infeliz por barrar suas pulsões. Em sua perspectiva, há uma tendência natural humana para a capacidade de criar e agir, a qual precisa ser sustentada por um ambiente suficientemente bom para se desenvolver. Nesse sentido, as mudanças concretas na sociedade abrem um caminho para a redução do mal-estar, pois a civilização não seria resultado do recalque das pulsões. Com suporte e espaço para ser criativo, agindo de forma singular de modo a poder trazer sua contribuição para o coletivo, o ser humano pode alcançar seu verdadeiro *self*, aquilo que o faz sentir-se plenamente vivo. Então, tanto a dimensão da singularidade (que difere da individualidade) quanto a dimensão coletiva são essenciais desse ponto de vista.

1.2 Pós-modernidade e o sujeito neoliberal

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, mudanças que já estavam em curso na modernidade e uma nova conjuntura econômica, política e cultural trouxeram novos contornos e urgências subjetivas. Nos planos político e econômico, ainda no início da década de 1950, foram criadas entidades como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), e o livre-comércio passou a ser incentivado por meio de um sistema de câmbio fixo baseado no dólar. Nesse período, surgiram várias formas de Estado, que tinham em comum a concepção de que este deveria se concentrar na geração de emprego, no crescimento econômico e no bem-estar social. Para isso, o Estado deveria intervir ou substituir processos dos mercados, além de aplicar políticas fiscais e monetárias para garantir o nível de emprego e alguma estabilidade econômica (HARVEY, 2008).

Situa-se também nesse período, no fim da década de 1950, um segundo momento de ruptura espaço-temporal. Jean-François Lyotard foi o primeiro autor a delinear o termo pós-modernidade, apontando para a centralidade da informação na sociedade que compreende como pós-industrial⁸. Já Jameson (1997), em sua leitura materialista-histórica do período, destaca que qualquer ponto de vista sobre essa noção implica uma posição política, na medida em que muito se discute sobre se avançamos nos moldes da modernidade ou adentramos novos caminhos práticos e teóricos. Mesmo com a continuidade de alguns pontos, o autor considera que:

[...] os dois fenômenos ainda continuariam radicalmente distintos em seu significado e função social, devido ao posicionamento muito diferente do pós-modernismo no sistema econômico do capitalismo tardio e, mais ainda, devido à transformação da própria esfera da cultura na sociedade contemporânea. (JAMESON, 1997, p. 31)

Nesse sentido, as novas formações sociais ainda poderiam ser pensadas a partir da evolução do capitalismo clássico – resultando na discussão sobre o capitalismo tardio –, mas devem ser consideradas com suas especificidades, e não apenas como o desenrolar de certos aspectos que já estavam em curso.

Entre as principais marcas da pós-modernidade, o autor destaca uma falta de profundidade que se vê prolongada na cultura da imagem e do simulacro, bem como uma certa perspectiva sobre o futuro na qual a ideia de esgotamento – das artes, das ideologias, etc. – se impõe. Diante da impossibilidade de experimentar a história ativamente, os estereótipos sobre o passado passam a preencher o horizonte, resultando no “pastiche” – uma imitação que tenta

⁸ LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

reproduzir o passado de forma superficial, sem a densidade da experiência. Assim, o estilo único é substituído por uma reprodução infinita.

Já a noção de simulacro, elaborada por Jean Baudrillard, tem suas bases na reflexão de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo (1967/1997). Segundo este autor, a cultura do espetáculo está intimamente conectada ao capitalismo: mais do que isso, é a expressão de seus processos, e o espetáculo é compreendido como a forma contemporânea da mercadoria⁹. O autor destaca como as relações sociais são mediadas por imagens e que há uma supremacia do emissor em relação ao receptor, sendo que o consumo passivo de imagens substitui a própria experiência. No entanto, Debord compreendia que o então estado de coisas da sua época poderia ser superado dialeticamente, enquanto Baudrillard (2007), partindo da ideia de uma “neorrealidade”, indica que a produção passa a girar em torno de si mesma, sem um referente necessário. Assim, o princípio de realidade seria substituído por uma espécie de mundo simbólico autônomo. Há uma concordância entre os autores no que diz respeito à mediação das relações sociais pela imagem, mas, como percebemos, existem divergências sobre a possibilidade de superação.

Essa crise na historicidade – o passado como uma sequência de imagens e o futuro como um horizonte fechado – está relacionada a uma cultura dominada pela lógica espacial, o que leva à questão da organização e da forma da temporalidade. Poderíamos denominar tal cultura de esquizofrênica, não no sentido patologizante, mas considerando seu aspecto descritivo, fragmentário¹⁰.

Jameson (1997) aponta ainda um novo tipo de matiz emocional básico denominado intensidades, com o esmaecimento afetivo, uma espécie de achatamento, dando a tônica desse período. Para exemplificar o ponto, o autor toma como exemplo um quadro icônico de Edward Munch, *O grito*, que agrega temas importantes para o modernismo – alienação, anomia, solidão, fragmentação social, isolamento –, mas também parece romper com a própria estética proposta. Nele, a estética da expressão, dominante no alto modernismo, é rompida internamente, ao mesmo tempo em que se mantém.

A ideia de expressão implica uma separação entre dentro e fora, entre o interior de uma mônada e a projeção externa das emoções. Na obra de Munch, o grito do homúnculo sem

⁹ Para Marx, a riqueza nas sociedades capitalistas aparece como uma coleção de mercadorias; Debord (1967) indica que o modo de produção moderno traz uma acumulação de espetáculos. Cf. MARX, K. **O capital** – Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹⁰ O autor utiliza a descrição de Lacan para esquizofrenia, dando ênfase à quebra na cadeia de significantes e à perda da unificação temporal, o que aproximaria a cultura pós-moderna da experiência fragmentária. Cf. LACAN, J. **O Seminário**. Livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ouvidos não pode ser ouvido pelo observador, mas pode ser visto: círculos concêntricos parecem emanar daquela figura muda, distante dos outros: “o mundo visível transforma-se, então, no muro que cerca a mônada” (JAMESON, 1997, p. 42). Acompanhando o pensamento do autor sobre a obra de Munch, chega-se ao seguinte quadro:

Tudo isso sugere uma hipótese histórica mais geral: que conceitos como ansiedade e alienação (e as experiências a que correspondem, como em *O grito*) não são mais possíveis no mundo pós-moderno. As grandes figuras de Warhol – a própria Marilyn ou Edie Sedgwick –, os casos notórios de autodestruição e *burnouts* do final dos anos 60 e a proliferação das experiências com drogas e a esquizofrenia pareciam não ter mais quase nada em comum com as histéricas e neuróticas do tempo de Freud, ou com aquelas experiências canônicas de isolamento radical e solidão, de revolta individual, de loucura como a de Van Gogh, que dominaram o período do alto modernismo. Essa mudança na dinâmica da patologia cultural pode ser caracterizada como aquela em que a alienação do sujeito é deslocada pela sua fragmentação. (JAMESON, 1997, p. 42)

Apesar de a noção de ansiedade destacada não ter a ver com a compreensão da psicanálise sobre essa questão (que poderia ser compreendida pelo viés da angústia, por exemplo), é interessante notar como a discussão sobre as intensidades, além da já mencionada fragmentação, pode estabelecer um diálogo fértil com o campo psicanalítico. A ideia de que a subjetividade deixa de ser habitada pelo conflito (como nas neuroses) e passa para o registro dos excessos, a exemplo do uso de drogas, mostra-se muito pertinente para o debate sobre o mal-estar na atualidade.

O descentramento ou morte do sujeito é outro tema em destaque na pós-modernidade: na leitura historicista, o sujeito centrado da família nuclear passa a ser dissolvido nas estruturas burocráticas, processo que se reflete no fim das psicopatologias do ego burguês com o esmaecimento dos afetos. Para Jameson, os sentimentos, agora, são autossustentados e individuais, não remetem ao sujeito da mônada em conflito entre a possibilidade de expressão e o isolamento. A superfície parece ser o lugar onde habita o sujeito pós-moderno. Percebemos, neste ponto, um aspecto que já começava a germinar na modernidade, justamente com o processo de descentramento produzido no âmbito filosófico, econômico, político e subjetivo, por meio de pensadores como Marx, Nietzsche e Freud.

Apesar de os pontos citados sobressaírem, eles não são únicos. O autor adverte que a pós-modernidade se trata de uma lógica cultural dominante em um campo de força heterogêneo, onde as forças não dominantes também podem e devem encontrar suas vias para emergirem. Esse é um aspecto importante em sua teorização, pois, como o próprio indica, as tentativas de descrever uma dinâmica totalizadora podem neutralizar a capacidade crítica e os impulsos de revolta diante de uma realidade esmagadora.

Até o início da década de 1970, o liberalismo nos moldes keynesianos se manteve como ordem do dia, com pequenas mudanças: o relativo bem-estar social alcançado em alguns países com a ampliação do poder de consumo e a garantia de direitos gerou o clima de otimismo no pós-guerra. Nesse contexto, a ideia de que o trabalho envolve algum nível de sofrimento, que será compensado pela tranquilidade futura, faz parte de uma noção mais geral de progresso. As estratégias de gerenciamento de pessoas passaram a ganhar força à medida que se percebia o aumento da força produtiva com um relativo bem-estar dos trabalhadores.

Esse cenário acabaria abalado com as mudanças no início da década de 1970, quando a perspectiva neoliberal começa a abrir caminho. Uma nova crise do modelo capitalista faz com que governos e mercados comecem a pensar em novas estratégias para lidar com impasses cada vez mais profundos; e, novamente, a confluência entre fatores políticos, econômicos e sociais traz uma nova gama de urgências subjetivas. Se as políticas keynesianas visavam algum bem-estar social, agora a administração do sofrimento passa a ser compreendida como um impulso a mais na produtividade (DUNKER, 2021).

A ex-primeira-ministra britânica Margareth Thatcher resumiu de maneira ímpar os propósitos da mudança que implicou uma revisão dos modos de vida: “A economia é o método, mas o objetivo é transformar o coração e a alma¹¹”. Apesar de a regulação estatal ter tido um papel significativo em muitos países, inclusive nos Estados Unidos, essa resposta se mostrou incompatível com a regulação do capital em meados da década de 1970, com o interesse crescente na ampliação da liberdade de mercado. A abertura econômica da China, em 1978 – país que abrigava 20% da população mundial – ajudou a fomentar esse desejo de expansão. Além disso, a grande insatisfação popular gerou apoio aos movimentos de esquerda à época, o que fez acender um sinal de alerta para as elites, que também começaram a ver seus lucros diminuírem (HARVEY, 2008).

Alguns anos antes, houve um primeiro experimento para a aplicação do modelo neoliberal, mais precisamente no Chile. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos passaram a financiar o treinamento de economistas chilenos na Universidade de Chicago, onde Milton Friedman, teórico neoliberal, foi professor. Quando as elites de negócios começaram a se organizar contra o governo de Salvador Allende, logo se uniram a esse grupo de economistas, financiando suas pesquisas. Dois anos após o golpe de Pinochet, em 1975, esses economistas ganharam um lugar no governo do ditador e implementaram como primeira medida a negociação de empréstimos com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Além disso,

¹¹ THATCHER, M. Mrs. Thatcher: The first two years. [Entrevista concedida a] Ronald Butt. **Sunday Times**, London, 3 May, 1981.

promoveram a privatização de ativos públicos, liberação de recursos naturais para exploração pela iniciativa privada de forma não regulada, facilitação de investimentos estrangeiros, entre outras medidas (HARVEY, 2008).

Em 1979, após o aprendizado com os efeitos da privatização forçada ocorrida no Chile, os países desenvolvidos passaram a implementar o modelo neoliberal como tentativa de reestabelecer o crescimento econômico. Thatcher foi eleita primeira-ministra da Grã-Bretanha e alterou radicalmente as políticas fiscais e sociais: atacou o poder sindical, as associações de profissionais, os compromissos do Estado com o bem-estar social, privatizou empresas públicas, reduziu impostos, favoreceu investimentos estrangeiros e o empreendedorismo; ou seja, abriu o campo para um mercado cada vez mais competitivo.

Harvey (2008, p. 32) destaca outra frase de Thatcher que representa bem o espírito do neoliberalismo e nos interessa para pensar a formação subjetiva do sujeito contemporâneo: “A sociedade não existe, apenas homens e mulheres individuais”. De fato, essa frase exprime os valores associados ao modelo neoliberal. A liberdade – liberdade de mercado – faz com que cada um se responsabilize pelo próprio destino, com base na ideia de meritocracia. Podemos intuir a gama de problemas que advém dessa ideia ilusória de que cada um é responsável pelo próprio sucesso.

Dunker (2021) descreve alguns pontos que embasam a transição de uma cultura centrada no paradigma do conflito para uma na qual os aspectos da individualização, intensificação e instrumentalização estão na ordem do dia. No âmbito político global, a narrativa entre visões distintas de mundo no interior da Guerra Fria acabou por diluir-se aos poucos, cedendo espaço a uma perspectiva cada vez mais homogênea baseada nas diretrizes do neoliberalismo. Na dimensão trabalhista, conflitos entre empregados e trabalhadores, assim como as formas organizadas de enfrentamento, perdem força diante da flexibilização cada vez maior das forças de trabalho. No campo das ciências e dos estudos culturais, lança-se um olhar menos hierárquico para saberes e linguagens e, nas artes, a estética da pós-modernidade traz mais uma mistura de estilos do que o conflito entre eles.

Além disso, o adiamento da satisfação a fim do amanhã, de projetos para o futuro, perde espaço para o consumo da experiência imediata. Isso se dá também por conta da falência das utopias, de modo que um discurso único sobre as possibilidades de vivência em sociedade é repetido de forma constante, anulando as crenças sobre o futuro.

A ênfase na economia em detrimento do bem-estar social ganhou força por meio da política monetária do Federal Reserv Bank, instituída por Paul Volcker, que visava conter a inflação a qualquer preço sem medir as consequências para a geração de emprego. No fim da

década de 1970, com a recessão profunda provocada pelas altas taxas de juro, as fábricas foram esvaziadas, o que também abalou a organização dos sindicatos. Ronald Regan assumiu a presidência em 1980 e manteve Volker no mesmo posto, direcionando politicamente o que faltava para o assentamento do modelo neoliberal.

Com o passar dos anos e o crescente endividamento dos países considerados menos desenvolvidos, a armadilha do ajuste estrutural¹² garantiu plena adesão à dinâmica neoliberal, e o discurso ideológico tem cumprido sua função no que diz respeito à manutenção desse modelo como única saída possível para os impasses econômicos e sociais. “Em suma, o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretarem, viverem e compreenderem o mundo” (HARVEY, 2008, p. 38).

Podemos perceber como esse discurso está enraizado, por exemplo, com a culpabilização individual diante da falta de oportunidade de emprego – o que obscurece o fato de que um nível mínimo de desemprego é desejado neste modelo econômico, pois mantém os salários nivelados por baixo na medida em que aumenta a disputa por vagas. Como veremos mais à frente, a depressão se mostra egossintônica ao momento atual e está diretamente relacionada à figura de um sujeito supostamente fracassado.

As diferenças na forma como cada país absorve tal ideologia não podem ser subestimadas, mas há uma certa homogeneidade nos grandes centros urbanos por conta da simultaneidade espacial de um mundo globalizado. Nesse sentido, a propagação de discursos, modos de vida, práticas sociais, etc. atravessa produtos culturais que são assimilados e digeridos de formas diferentes – mas guardam algo de um direcionamento mais amplo.

[...] o neoliberalismo enfatiza a significação das relações contratuais no mercado. Ele sustenta que o bem social é maximizado se se maximizam o alcance e a frequência das transações de mercado, procurando enquadrar todas as ações humanas no domínio do mercado. Isso requer tecnologias de criação de informações e capacidades para acumular, armazenar, transferir, analisar e usar massivas bases de dados para orientar decisões no mercado global. (HARVEY, 2008, p. 13)

Assim, percebemos também como o avanço das tecnologias e a digitalização cada vez mais ampla do cotidiano têm um objetivo de caráter econômico, mesmo que possa promover benefícios às populações. Como as tecnologias também perpassam as relações interpessoais na

¹² Em 1973, com o embargo do petróleo, países produtores passaram a dispor de um poder financeiro maior e estabeleceram acordos com bancos de investimentos em Nova York, os quais viram como uma aplicação lucrativa o empréstimo de recursos a países em desenvolvimento. Endividados, esses países precisavam renegociar suas dívidas, e isso se dava por meio do ajuste estrutural, que os levava a abrirem mão de ativos importantes por um preço pífio (HARVEY, 2008).

atualidade, seus efeitos não podem ser desconsiderados. Esse processo não tem passado em branco no que diz respeito ao desenvolvimento humano, especialmente por promover um distanciamento excessivo de aspectos fundamentais para a vivência humana e seus ritmos particulares – ponto sobre o qual nos deteremos no decorrer desta pesquisa.

2. NOVAS MODALIDADES DE MAL-ESTAR

A partir do contexto brevemente traçado, o mal-estar passa a se apresentar na clínica de alguns modos predominantes. Há diferentes leituras sobre essas manifestações, que costumam estar alinhadas a uma visão pautada na fisiologia ou a um questionamento mais aprofundado sobre suas causas e possíveis destinos. A psiquiatria e as neurociências, de modo geral, visam eliminar o mal-estar de maneira mais rápida, assim como as correntes terapêuticas que têm no âmbito fisiológico sua base principal. Do lado da psicanálise, há mais perguntas do que respostas: não há o intuito de apaziguar o mal-estar, mas tampouco há uma possibilidade de delimitação tão efetiva como havia no início do século XX. Na atualidade, a crise que se coloca a esse campo diz respeito também a um processo histórico de medicalização no Ocidente, colocando os psicofármacos em primeiro plano.

Psiquiatria e psicanálise andaram próximas durante várias décadas, mas um rompimento significativo se deu na década de 1970 e merece ser revisto. A partir de 1950, com o avanço da psicofarmacologia, a psiquiatria começou a se afirmar e ganhar respeito entre as outras especialidades. No campo da racionalidade médica, essa especialidade sempre se viu em um lugar incômodo, por conta da ausência de uma causa física ou localização anatômica que pudessem legitimá-la¹³. Outro ponto de apoio importante se deu com o avanço das neurociências: seus instrumentos teóricos que auxiliam na construção de explicações psiquiátricas deram à psicopatologia uma aparente e desejada cientificidade, buscada com afincos desde o fim do século XIX. A possibilidade de ter bases na medicina somática completou o quadro necessário para legitimar a psiquiatria no campo do saber médico. Desse modo, “a economia bioquímica dos transmissores poderia explicar as particularidades do psiquismo e da subjetividade” (BIRMAN, 2000, p. 183). Assim, conseguiu-se estabelecer uma pretensa base biológica para a psicopatologia, ofertando ao discurso psiquiátrico uma certeza que as psicoterapias em geral não poderiam oferecer – a capacidade de incidir em âmbito sináptico e fisiológico, alcançando uma espécie de cura. Nesse sentido, as questões subjetivas foram resumidas à expressão de dinâmicas fisiológicas, o que fez grande parte da população aderir a diagnósticos como parte fundamental de suas possibilidades de ser (Idem, 2000; 2017b).

Esses processos em curso se refletiram na elaboração dos manuais diagnósticos, instrumentos de orientação, construção e reafirmação de certas bases teóricas no campo da saúde mental. Até o DSM-II (1968), segunda edição do manual americano de psiquiatria, a

¹³ Cf. FOUCAULT, M. **História da loucura**: Na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2019.

teoria psicanalítica ajudava a dar contorno e situar alguns diagnósticos, a exemplo da “neurose histérica¹⁴”. A terceira edição do DSM (1980) sofreu alterações importantes, que excluíram de forma significativa a influência da psicanálise e ressaltaram traços epistemológicos específicos que delimitam o novo discurso psicopatológico.

Essa transformação produziu mudanças terapêuticas importantes. Em resumo, a psicofarmacologia se transformou no referencial da psiquiatria, com as neurociências sendo instrumento de leitura do psiquismo. Por conta dessa aproximação da psicopatologia com a racionalidade médica, aquela passou a incorporar o novo recorte das enfermidades que se tornou hegemônico nesse meio.

[...] as diferentes modalidades de mal-estar corpóreo são delineadas e classificadas como síndromes, fundando-se para isso na ação terapêutica do medicamento, o que constituiu, pois, outra concepção nosográfica. [...]. Além disso, as dimensões da história do enfermo e do tempo da doença se transformaram em questões secundárias diante do investimento realizado no disfuncionamento corpóreo e espacial da enfermidade. (BIRMAN, 2000, p. 185)

Entra em cena, novamente, a impossibilidade de uma extensão temporal narrativa, ofuscada pela tentativa de eliminar o mal-estar o mais rápido possível, sem observar suas conexões com a história de cada sujeito. A conjunção de alguns fatores – como a denegação do sofrimento em prol da maximização do prazer, a pressão produtiva e de aprimoramento constante, a culpabilização individual em um novo modelo econômico, o crescimento exponencial das pesquisas com psicofármacos – construiu o cenário adequado para o apagamento do mal-estar. No entanto, ele insiste em se fazer presente, apoiado no sentimento de desamparo.

Como vimos anteriormente, o período final da modernidade iniciou um processo de erosão de algumas bases que antes serviam de apoio para a subjetividade humana, como a centralidade do eu e a crença em uma figura paterna simbólica e literal. Em meados do século XX, com o adensamento da cultura do narcisismo e do espetáculo, os referenciais subjetivos passaram a ter um apoio especialmente no olhar do outro enquanto objeto que legitime os anseios do eu. Nesse sentido, a aderência ao outro é uma das saídas encontradas pelo sujeito, que oferece seu corpo e seu psiquismo desde que tenha proteção contra o desamparo.

Como sugere Birman (2000), esse quadro do mal-estar estaria baseado na dor, uma experiência solipsista, e não no sofrimento, que tem a marca da alteridade, revelando a

¹⁴ OWENS, C.; DEIN, S. Conversion disorder: The modern hysteria. *Advances in Psychiatric Treatment*, 12(2), 152-157. doi:10.1192/apt.12.2.152, 2006.

vulnerabilidade e o apelo à interlocução. Como na cultura narcisista deve-se prezar por ser autossuficiente e pragmático, esse solipsismo afetaria a dimensão das trocas com o mundo – há justamente uma dificuldade em transformar a dor em sofrimento, pois não há metabolização possível sem o suporte do outro.

Ainda segundo o autor, com o declínio do potencial crítico do discurso modernista, o desamparo se intensificou e abriu espaço para novas formas de salvação. Essas estratégias aparecem por via da autoajuda, do fundamentalismo religioso, entre outros modos utilizados para apaziguar a dor e o desamparo. O crescente processo de medicalização entra nesta seara como um dos mais potentes, contando com a legitimação da racionalidade científica.

2.1 Do conflito aos excessos: outros tempos, outra dinâmica

Em sua origem, a psicanálise objetivou tratar especificamente dos conflitos neuróticos. Com o passar dos anos e as novas configurações sócio-históricas, e também com o avanço da própria teoria psicanalítica, outros quadros passaram a integrar as investigações desse campo.

Birman (2017a) indica que novas modalidades de mal-estar passaram a se apresentar especialmente a partir dos anos 1970 e 1980, aparecendo com mais definição na década de 1990. O autor aponta os registros do *corpo*, da *ação* e do *sentimento* como aqueles onde o mal-estar se expressa na contemporaneidade. Primeiramente, trata do corpo: imerso em uma cultura da melhor performance possível, é requisitado a funcionar em plena potência, utilizando todos os recursos disponíveis. Nesse sentido, há uma espécie de dívida constante, o que leva a um estado de estresse permanente – estado que pode tomar para si diversos sintomas, como dores difusas, elevação arterial, elevação dos batimentos cardíacos, etc. Alguns outros sintomas entram nesse campo como aqueles que compõem a chamada síndrome do pânico, cuja primeira descrição foi feita por Freud com a definição de neurose de angústia. Na crise de pânico ou de angústia, sintomas como taquicardia, dispneia, aumento da pressão arterial e sudorese se conjugam à imobilidade diante do terror da morte.

Freud sistematiza suas reflexões iniciais no texto *Sobre os critérios para se destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia* (1895/1996), onde aponta similaridades e diferenças entre alguns quadros. Diferente de uma neurose de transferência, a neurose de angústia estaria no campo das neuroses atuais, sendo “mais especificamente caracterizada pela acumulação de uma excitação sexual que se transformaria diretamente em sintoma, sem mediação psíquica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 302).

A similaridade com a neurastenia passa justamente pelo campo somático; no entanto, neste caso, uma descarga adequada é substituída por uma menos adequada (empobrecimento de excitação), enquanto na neurose de angústia a excitação não pode ser psiquicamente elaborada e há um acúmulo, resultando no excesso. Por conta desse processo, que não passa pelo conflito psíquico, Freud aponta a neurose de angústia como o equivalente somático da histeria.

A crise de angústia se daria por conta de uma falha no mecanismo de angústia-sinal no psiquismo, o que expõe a sua fragilidade simbólica. Não há construção de signos, como no caso das fobias, e a sobrecarga pulsional seria despejada diretamente no corpo, sem anteparo. A partir desse excesso, o trauma aconteceria, levando à imobilidade do psiquismo. Ou seja, o excesso pulsional não pode ser inscrito em uma série simbólica que daria anteparo à pulsão. Como aponta Birman (2017a, p. 178), “se os sintomas referidos dominam a experiência contemporânea do mal-estar, algo de crucial se produziu na subjetividade que a tornou incapaz de antecipar o perigo e de regular suas relações com o mundo”.

O estresse, o pânico e as perturbações psicossomáticas indicam que o excesso pulsional gerou efeitos imediatos sobre o corpo e não tomou a via anterior, da *ação*, que inclui direcionamentos como a *explosividade*, a *violência* e diferentes tipos de *compulsão*. O primeiro movimento é sempre no sentido exterior por conta da economia do narcisismo: para manter a autoconservação e a homeostase, o psiquismo tende a colocar tal excesso para fora, visando a sua preservação (BIRMAN, 2017a).

Age-se para expurgar o excesso, sem o tempo necessário ao pensamento. Ou seja, a ação é uma forma de não cair na angústia paralisante. O tipo de ação recorrente na atualidade diz respeito à passagem ao ato e não ao *acting out*, que traz consigo um lastro simbólico¹⁵. Da mesma maneira, o excesso psíquico que se apresenta no corpo não encontra vias de simbolização, como se dava nos casos de histeria.

A *explosividade* é uma das modalidades de agir que escapam ao simbólico, com explosões emocionais que decorrem do excesso no psiquismo e acabam por se adequar ao contexto em que foram despertadas – nos diversos casos de violência gratuita, por exemplo. Outra modalidade aparece com as *compulsões*, que trazem uma repetição no agir cujo alvo nunca é alcançado, e, por isso mesmo, esse agir se repete.

¹⁵ A discussão sobre as diferenças entre *acting out* e passagem ao ato é extensa e inclui também questões relacionadas à tradução da obra de Freud para outros idiomas. O importante aqui é recordarmos que o *acting out* está relacionado ao mecanismo de recalque, presente nas neuroses clássicas, e que a passagem ao ato tem caráter imediato. Cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 6-7.

No âmbito das compulsões, as toxomanias se apresentam pelo uso de drogas ilegais, mas também das legalizadas, aqui incluso o processo de medicalização do sofrimento psíquico. Há também a compulsão alimentar, que pode trazer consigo a bulimia e a anorexia, mostrando o lado paradoxal da alimentação no mundo contemporâneo: por um lado, estímulo ao consumo, por outro, sua evitação diante dos padrões de beleza ocidentais. O consumo propriamente dito também entra neste rol crescente das compulsões, independente do objeto eleito dentro deste circuito. Enfatiza-se o preenchimento do vazio que perpassa tais compulsões, um aspecto central na dimensão do sentir (BIRMAN, 2017a).

Em ambos os casos, do excesso sobre o corpo ou do excesso expurgado por meio da ação, um ponto importante se destaca: o da temporalidade:

[...] age-se igualmente sobre o corpo e o mundo, na medida em que estes são tomados apenas na dimensão espacial para a descarga das intensidades. Isso porque existe aqui um impasse, que se refere ao registro da temporalidade no psiquismo, que seria o que possibilitaria a simbolização e a antecipação das afetações. O mal-estar, assim, se apresenta hoje, tanto no corpo quanto na ação, pela pregnância assumida pela categoria de espaço e pelo esvaziamento da categoria do tempo. (BIRMAN, 2017a, p. 184)

Percebemos, então, como este traço do mundo pós-moderno apontado anteriormente por Jameson (1997) – a pregnância da categoria de espaço em detrimento da categoria de tempo – ajuda a moldar as subjetividades contemporâneas. Se pensarmos no pouco tempo oferecido ao trabalho de luto na atualidade, por exemplo, percebemos a dimensão da problemática do esvaziamento do tempo e suas consequências complexas.

Junto aos registros do *corpo* e da *ação*, Birman (2017a) pontua ainda as mudanças no registro do *sentimento*. Antes de se deslocar para o corpo e para a ação, o excesso pulsional ganha contornos no plano do humor, indo da exaltação à depressão. Essas intensidades escapam à regulação da vontade – justamente uma marca do excesso. Percebe-se que o limiar de irrupção e de possibilidade de controle pela vontade diminuiu de forma significativa nas subjetividades contemporâneas. Assim, o traumático se impõe, como no caso do pânico, pois o psiquismo está mais à mercê do incontrolável.

Nesse contexto, em que a subjetividade fica impotente diante do excesso, há um estado de suspensão do eu, pois este não consegue mais regular a relação do corpo com o mundo, o que o autor denomina *desposseção de si*: essa perda de potência, de segurança psíquica, uma problemática central no mal-estar contemporâneo. No registro do sentimento, a desposseção de si aparece nas depressões contemporâneas, que carregam o signo do vazio, mas também nas inibições psíquicas dos estados-limite e nas perturbações psicossomáticas, por exemplo. Em

todas essas modalidades se apresenta um pacto masoquista, realizado às custas da humilhação, e a violência ganha destaque: há uma figura onipotente do protetor que goza a partir da fragilidade do outro. Nesse sentido, o mal-estar exhibe sua marca perversa (BIRMAN, 2000).

Esses três registros, do corpo, da ação e do sentimento, se contrapõem ao do pensamento, que perde espaço na contemporaneidade. O pensamento, na subjetividade moderna, estava ligado à imaginação e exercia o papel de solucionar os conflitos de um psiquismo dividido. Atualmente, há uma espécie de curto-circuito provocado pelo excesso pulsional que paralisa essa capacidade de síntese (Idem, 2017a).

Um efeito desse processo diz respeito à redução da linguagem, quer dizer, à redução simbólica desta. Tal efeito se evidencia na feição metonímica e na redução do caráter metafórico. Perceberemos, mais adiante, como esse ponto dialoga com a poética do sujeito-pedra, pois uma das características centrais dos poemas estudados é justamente a redução de metáforas, recurso linguístico que em outros períodos ajudava a definir a poesia.

Essas reflexões nos levam novamente às transformações da temporalidade, que alteram a capacidade simbólica e de temporalização do psiquismo, deixando-o restrito à espacialização: “Em decorrência disso, a linguagem se transforma, perdendo suas marcas simbólicas e transmutando-se em retórica instrumental [...] se esvazia como *poïesis*” (Ibid., p. 190). Pensamos que nesse ponto é preciso marcar uma sutil diferença em relação aos poemas que servirão de base para a discussão dos casos.

Na clínica, a redução da linguagem não traz a intencionalidade dos poetas que, por meio dessa redução, fazem questionamentos tanto a certas tradições da poesia quanto ao mundo contemporâneo – ou seja, consideramos que nos poemas está presente a qualidade de *poïesis*. Entre os analisados, a literalidade costuma aparecer como dificuldade para expressar afetos, sentimentos, angústias. No encontro da dupla analítica, a *poïesis* é importante pois possibilita “pensar pensamentos ainda não pensados” a partir do encontro entre inconscientes, que formam o terceiro analítico (RIBEIRO, 2019). É o que Bion denomina Linguagem de Consecução – “uma linguagem que é tanto um prelúdio para a ação quanto uma espécie de ação” (1970, p. 125). Percebemos que nessa leitura a linguagem porta a feição do gesto direcionado a um outro. O psicanalista se baseia em uma citação do poeta John Keats acerca da capacidade negativa¹⁶, que diz respeito à capacidade de estar aberto a dúvidas, incertezas, ao mistério. Assim, a

¹⁶ “[...] várias coisas se encaixaram em minha mente e imediatamente me ocorreu a qualidade necessária para formar um Homem de Consecução, especialmente na Literatura, e que Shakespeare possuía tão enormemente – refiro-me à Capacidade Negativa, isto é, quando um homem é capaz de estar em meio a incertezas, Mistérios, dúvidas, sem qualquer busca irritante por fato e razão.” Cf. KEATS, J. **The Letters of John Keats**. 2 vl. ROLLINS, H. E. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1958, p. 193-4.

literalidade, que traz questões importantes na poesia, na clínica, aparece como uma espécie de fechamento.

Sem dúvida, esse fechamento diz muito sobre a relação com o outro. Assim como no caso da despossessão de si diante do pacto masoquista, outras nuances dessa relação nos mostram certos traços das subjetividades. Segundo Birman (2000, p. 23), na contemporaneidade há um paradoxo entre o autocentramento no eu e o valor dado à exterioridade. As formulações de Debord (1967/1997), sobre a sociedade do espetáculo, e de Lasch¹⁷, sobre uma cultura baseada no narcisismo, lhe servem de suporte para explicar esse paradoxo. Há um direcionamento exibicionista, na medida em que o sujeito necessita integrar a cultura do espetáculo para ser acolhido socialmente. Por outro lado, a exibição é autocentrada, pois seu objetivo maior é fazer com que os olhares se voltem para o eu. Nesse sentido, o valor atribuído ao olhar do outro tem papel fundamental na economia psíquica.

Como consequência desse cenário, o valor da solidariedade e seu correlato, a alteridade, perdem espaço, sendo os atributos desta última pouco reconhecidos – quais sejam, a diferença e a singularidade. O outro é visto como objeto a ser usado para o próprio gozo, como “instrumento para incremento da autoimagem” (BIRMAN, 2000, p. 25).

2.2 Depressão, hipótese depressiva e enfrentamentos possíveis

A mudança de perspectiva em relação ao sofrimento psíquico – que em grande medida passa do conflito entre desejo e recalque para a problemática narcísico-identitária, incluindo questões relacionadas ao excesso e à dificuldade na delimitação entre o eu e o outro – tem na depressão uma de suas principais figuras. Junto aos quadros de hiperatividade, que se multiplicaram nos últimos anos, os estados depressivos se colocam como uma expressão enfática do mal-estar na contemporaneidade.

Partindo da reflexão de que cada época é marcada por traços específicos, contemplando aspectos históricos, econômicos e culturais, devemos considerar as formações subjetivas encarnadas na materialidade da história. Quando Freud começou a observar os sintomas das históricas, que mais tarde seriam pensados a partir do conflito entre recalque e desejo, tomou como base elementos que estavam em estado latente na cultura para formular sua hipótese.

Ao refletir sobre o nascimento da psicanálise, Foucault (1988) considera que formulação da questão sexual pela via da racionalidade já se mostrava em curso antes daquele período.

¹⁷ LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

Desde a era vitoriana, o debate em torno da sexualidade passou a ser incitado no âmbito econômico, político e técnico por meio de pesquisas quantitativas ou causais, entre outras estratégias. Para o autor, Freud captou os elementos que compunham aquela atmosfera sócio-histórica para elaborar a sua teoria – esta seria a hipótese repressiva pensada pelo filósofo francês.

Dunker (2021), a partir dessa reflexão, sugere que o período pós-moderno também traz certos traços latentes que confluem para a figura da depressão – ou seja, estaríamos frente a uma hipótese depressiva.

[...] poderíamos dizer que a hipótese repressiva foi substituída pela hipótese depressiva, em meados dos anos 1970, em função de transformações discursivas e econômicas. Chegamos assim a entender a emergência e a dominância da depressão como uma redefinição de nossas formas de vida de modo a evitar a hermenêutica do conflito e substituí-la por uma retórica da intensificação ou da desintensificação, da potência ou da impotência, em torno das funções do eu. (DUNKER, 2021, p. 182)

Nesse sentido, a depressão se tornou uma forma de sofrimento tão generalizada pois é egossintônica ao modo de interpretação dos conflitos na atualidade, ou seja, há uma identificação com o sintoma, que encobre o conflito. Diversas mudanças nos âmbitos econômico, político e social impulsionaram a transição de uma cultura centrada no paradigma do conflito para outra cuja base principal está na individualização, intensificação e instrumentalização (Ibid., p. 182). Quando se trata do apaziguamento do conflito, a psicopatologia centrada nos psicofármacos a partir do DSM-III e a evolução das medicações que prometem cessar o sofrimento adensam e promovem esse processo.

Da mesma forma que ocorre com a depressão, as neuroses, segundo Dunker (2021, p. 186), já tiveram o seu momento “normalopático”, ou seja, aproximaram-se de um modo padrão a respeito de como viver e expressar certos conflitos a partir de algumas narrativas, como a da quebra do pacto edipiano e a da alienação do desejo. Atualmente, o sofrimento está ligado a estados do presente, sem lastro no passado ou no futuro, o que nos leva novamente à perda de uma extensão da temporalidade psíquica. Esse presente que não deixa muito espaço para as narrativas do passado ou para as utopias do futuro não promove mais o adiamento da satisfação a fim do amanhã: a experiência imediata em suas várias formas, inclusive por meio do consumo, traduz a urgência de um tempo que não passa.

Interessante notar, como destaca o autor, que, antes de se consagrar como categoria psicopatológica, a depressão ganhou popularidade a partir da grande crise da bolsa americana em 1929, ou seja, a partir do uso desse termo enquanto conceito econômico. Em 1932, o então

presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, abordou a crise que ocorreu anos antes em termos que nos são bem familiares: por conta da “superprodução e *mania especulativa*”, Estados Unidos e Europa caíram no “*estresse da depressão*”, depressão também associada à “fraqueza” do sistema econômico¹⁸ (HOOVER, 1932, apud DUNKER, 2021, p. 178-179, *itálico nosso*).

Ainda segundo Dunker, a depressão herda a figura social do fracassado, para quem há um rebaixamento da disposição laboral e de consumo, do desempenho, da potência sexual e da possibilidade de usufruir ao máximo das sensações de prazer – ou seja, aquele que é disfuncional dentro dos preceitos do neoliberalismo. Com isso, a hipótese depressiva “consegue isolar completamente a dimensão política das determinações objetivas que atacam nossas formas de vida, redimensionando trabalho, linguagem e desejo, do sofrimento psíquico” (Ibid., 2021, p. 190). Isso não quer dizer que a depressão seja apenas efeito dos processos neoliberais. A questão é que essa narrativa social do fracasso está em sintonia com a experiência depressiva do sujeito, na qual algumas características como autoavaliação e juízo comparativo causam grande desgaste psíquico.

Apesar de ser uma figura disfuncional dentro do neoliberalismo, a depressão também traz um caráter de resistência. Kehl (2009) aponta esse quadro como uma forma de oposição aos ritmos acelerados do capitalismo, uma recusa inconsciente a participar desse jogo social. Para a autora, a depressão faz uma espécie de crítica, nas entrelinhas, às imposições do neoliberalismo. Já Fédida (2009) compreende a depressão como uma espécie de ponto zero do psiquismo, a base que daria condições para as oscilações da depressividade, essencial para a criatividade. Nos estados depressivos, haveria uma retração a esse ponto zero para preservar o narcisismo do sujeito a fim de evitar desfechos dramáticos, como acontece nas atuações melancólicas (em casos extremos, o suicídio).

Dunker (2021) considera que um outro conjunto de características faz frente, de forma mais direta, ao modelo neoliberal. A chamada personalidade *borderline*, conhecida também por estados-limite ou personalidade limítrofe, tem como uma de suas principais características justamente o conflito – não o conflito inconsciente, entre desejo e recalque, mas um tipo de conflito mais explícito, que fica evidente na relação com o outro. Para o autor, enquanto a depressão (e a mania) são egossintônicas ao neoliberalismo, o *borderline* estaria do lado oposto, como egodistônico a esse modo de vida.

¹⁸ HOOVER, H. H. Presidential Nomination Adress. Aug. 11, 1932.

Da tradição inglesa e americana, veio o termo *borderline*, com um caráter mais “estrutural” mesmo que instável, enquanto os autores de língua francesa costumam utilizar “estados-limite” para indicar estados que podem integrar diferentes quadros clínicos (FIGUEIREDO, 2000). De forma generalista, referem-se a pacientes com uma precariedade nos limites do espaço psíquico que apresentam traços como instabilidade acentuada e sentimento de vazio.

A indeterminação *borderline* teria entrado em cena como uma terceira forma de resistência. Primeiramente, a histeria se mostrou uma forma de resistência de mulheres consideradas “desafiadoras”, “simuladoras”, as quais também não respondiam aos tratamentos da época. Um segundo modelo de resistência e transgressão pode ser visto nas patologias narcísicas, que começaram a emergir na década de 1950, e se aproximam da descrição de sujeito feita por Lasch em *A cultura do narcisismo* – entre elas, a sensação de vazio e um ponto de vista resignado em relação ao mundo. Aqui, notamos um contraste em relação à leitura de Birman (2000; 2017; 2017a), que compreende o paradoxo entre narcisismo e espetáculo ainda presente na contemporaneidade como uma extensão que se adensou desde a década de 1950.

Para Dunker (2021), a resistência estaria presente na experiência *borderline* atual por conta da indeterminação desse quadro, assim como dos vínculos precários e do funcionamento instável do sujeito, tornando-o improdutivo tanto para si mesmo quanto para os outros, o que o desloca completamente das possibilidades de performance absoluta. Além disso, a questão das fronteiras se mostra um impasse tanto para aquele que traz alguns traços descritos como *borderline* quanto para os limites territoriais aos quais o neoliberalismo se vê às voltas.

2.3 Sem passado ou futuro: um mundo sem raízes

Com o avanço do capitalismo no último século e seu auge enquanto estilo de vida no modelo neoliberal, percebemos como o lugar do outro, da alteridade, entra em xeque. Ao invés de ser aquele com quem se compartilha a dor para que esta talvez seja elaborada enquanto sofrimento, o outro entra em um lugar de uso: para legitimar o brilho almejado pelo eu ou para maximizar as possibilidades de prazer. Esse tipo de relação, muito mais autocentrada, difere do compartilhamento estimado na vida em comunidade.

Nesse sentido, a noção de “enraizamento” – proposta por Simone Weil e destacada por Safra (2015) – mostra como o sentido de comunidade é essencial para o humano e pode ser afetado por questões econômicas e relações de classe. Segundo Weil (1943/1996), o

enraizamento diz respeito a uma participação natural na coletividade, onde está dado certo lugar de nascimento, ambiente, profissão, incluindo as relações com o passado e com o futuro.

Para tratar deste tema, a autora toma como base a condição operária de sua época, centralizada em torno da necessidade de obtenção do mínimo para viver. Todo o tempo e esforço do sujeito estavam direcionados ao ganho de um salário precário, provocando o grau máximo de desenraizamento. Apesar de os escritos da filósofa serem da primeira metade do século XX, a intensificação do capitalismo e o advento da globalização tornaram essas questões ainda mais complexas. O desemprego seria uma espécie de desenraizamento em segundo grau, pois os desempregados “não estão em suas casas nem nas fábricas, nem em seus alojamentos, nem nos partidos e sindicatos – que se dizem feitos para eles –, nem nos lugares de prazer, nem na cultura intelectual, se tentarem assimilá-la” (WEIL, 1943/1996, p. 413).

Além das questões relacionadas à segurança do trabalho, o bem-estar dos operários era ainda menos considerado em sua época. Segundo a autora, diante das condições precárias e do ritmo repetitivo de produção, há um desenraizamento moral. A execução de tarefas para as quais não é necessária qualificação e a relação com o tempo imposta nesses ambientes – onde a produtividade precisa ser alcançada a qualquer custo – fazem com que seres providos de pensamento sejam colocados no mesmo nível das coisas inertes.

A instrução é apontada como um segundo fato relacionado ao desenraizamento. Primeiramente, baseia-se em uma cultura orientada para a técnica, fragmentada pela especialização, pragmática e sem conexão com o universo ou possibilidade de transcendência. A educação estaria pautada em uma cultura fechada, deteriorada, que ao invés de estimular o pensamento e a reflexão visaria apenas à formação das massas para o trabalho.

Mesmo diante de um cenário difícil, em sua vivência na greve da Renault, em 1936, Weil notou como certos aspectos traziam vivacidade para os trabalhadores. Antes subjugados pelos chefes de fábrica e submetidos a duras broncas em quaisquer circunstâncias, tiveram a oportunidade de levantar a cabeça e dialogar com seus colegas, apropriando-se daquele espaço de forma a se sentirem parte dele. Muitos, inclusive, levaram as famílias para conhecer o ambiente onde trabalhavam, dando algum sentido para o dia a dia que estava limitado ao barulho das máquinas e à repetição.

O ser humano possui uma raiz na coletividade, e perder essas raízes pode levar a comportamentos extremos: a uma inércia da “alma” que equivale à morte ou a um excesso de atividade que pode levar à intensa violência (Ibid., p. 415). As trocas com outros meios são constantes, mas não podem ser impostas a partir de um meio externo ou importadas sem terem

sido “digeridas” anteriormente – pois, desse modo, provoca-se justamente o desenraizamento, o arrancar de raízes que coisifica o ser humano.

Assim como no caso da condição operária, os processos de colonização provocam tal desenraizamento quando há supressão das tradições locais. Além dessa forma mais direta de intervenção, a própria dominação econômica tem esse efeito quando a influência estrangeira é de tal magnitude que os povos perdem a relação com a própria história – algo que podemos notar na atualidade com a dominação norte-americana nos níveis financeiro e cultural.

O enraizamento requer um olhar para a tradição, dimensão que tem sido dissipada desde a modernidade. No entanto, Weil faz questão de enfatizar que esse olhar é muito distinto daquele que um nacionalista nutre pela antiguidade, por exemplo. A própria revolução estaria pautada em aspectos do passado:

O futuro não nos traz nada, não nos dá nada; nós é que, para construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter, e não temos outra vida, outra seiva, a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós. [...] Como todas as atividades humanas, a revolução extrai toda a seiva de uma tradição. Marx o sentiu tão bem que fez questão de buscar a origem dessa tradição nas mais longínquas idades fazendo da luta de classes o único princípio de explicação histórica. (WEIL, 1943/1996, p. 418)

A autora utiliza diversas vezes o verbo “digerir” para indicar a forma salutar com que uma cultura deveria ser apropriada pela outra. Esse processo de digestão requer um tempo e um modo particular a cada comunidade, pois, de outro modo, acaba sendo forçado e provoca o desenraizamento e seus males. Ora, tais apontamentos sobre a importância da tradição dialogam harmoniosamente com a ideia de criatividade proposta por Winnicott (1975). Para ele, a criatividade diz respeito à apropriação do que já existe na cultura de forma inédita, particular, e tal gesto criativo dá a cada ser humano o sentimento de existir. Esse sentimento de apropriação da existência é impossível diante do desenraizamento, pois não há uma tradição na qual se apoiar.

São muitas as discussões possíveis a partir dos escritos de Weil, considerando o contexto em que foram produzidos e as mudanças que ocorreram nas últimas décadas. Várias de suas reflexões são pertinentes para a atualidade na medida em que o capitalismo continuou avançando intensamente, bem como a precarização do trabalho, ambos apoiados no discurso do empreendedorismo neoliberal.

O que se mostra fundamental para pensar o mal-estar contemporâneo é o lugar que a alteridade encontra ou deixa de encontrar na experiência humana. Desde sua origem, a psicanálise trata da constituição do narcisismo a partir da presença de um outro, que influenciará

no plano das identificações e dos destinos da pulsão. Como veremos, em um segundo momento do pensamento psicanalítico, o olhar para o ambiente ganha mais centralidade, e a continuidade do ser passa a depender completamente dos cuidados primários. Com a noção de *Sobornóst* avançaremos no sentido de compreender a alteridade em âmbito ontológico, base indispensável para que o sujeito possa partilhar da experiência humana.

2.4 O afastamento do *ethos* e as agonias contemporâneas

No que diz respeito aos adoecimentos psíquicos da atualidade, Safra (2015) encontrou na noção de *Sobornóst* uma fonte de reflexão acerca do sofrimento humano, especialmente em vista dos modos de vida no mundo pós-moderno. Trata-se de um substantivo identificado pela terminação “*nost*”, cuja raiz indica “associação, comunidade” (Ibid., p. 25). Essa concepção de caráter ontológico, pré-subjetiva e pré-reflexiva, está arraigada no modo de ser do povo russo e foi veiculada pela primeira vez por Alexei Khomiakov e Ivan Kireevsky¹⁹.

Podemos dizer que a concepção de *Sobornóst* amplia o olhar para o outro levando em conta o sentido de comunidade, desse outro a nível ontológico. Existir a partir de uma comunidade, de um gesto único endereçado e reconhecido, difere de outros processos resultantes de identificações e projeções que dão contorno à dimensão psíquica. Ao mesmo tempo que um gesto é singular, também é atravessado por gerações passadas e futuras, pelo contexto histórico e atual.

Da perspectiva de *Sobornóst*, cada pessoa é a singularização de muitos, do todo. Então, cada ser humano está ontologicamente conectado aos seus semelhantes, conexão que representa a possibilidade de sua própria existência – o que difere de maneira significativa da ideia de indivíduo, cuja existência está pautada, a princípio, em si mesma. Nesse sentido, uma pessoa traz em si a presença de seus ancestrais e a possibilidade de seus descendentes, está enraizada tanto na natureza quanto na cultura, que oferece a base transgeracional na qual o humano se constrói e pode criar o novo.

¹⁹ Khomiakov e Kireevsky integraram o grupo de jovens intelectuais conhecido posteriormente como a *intelligentia* russa. Entre eles já se encontravam as ideias embrionárias dos movimentos eslavófilo e ocidentalista, ambos influenciados pelo romantismo alemão. Cf. HUBENĀK, F. **La formación del pensamiento nacional ruso**. [em línea] Prudentia Iuris. 1996, 41. HUGHES, M. J. **Moscow Slavophilism 1840-1865: a Study in Social Change and Intellectual Development**. 1991. Thesis (PhD) – London School of Economics, University of London, London, 1991.

Na perspectiva de *Sobórnost*, cada ser humano está fundado, em registro ontológico, [...] a seus contemporâneos, a seus ancestrais, a seus descendentes, à natureza e às coisas (os artefatos humanos), ao mistério, simultaneamente. A fratura de qualquer uma dessas facetas ou mesmo sua redução a um outro registro diferente do ontológico (por exemplo, sociológico ou psicológico) leva a um adoecimento do homem (SAFRA, 2015, p. 49-50).

Percebemos como a questão da temporalidade entra em jogo: sem conexão com seus ancestrais e com o porvir, o ser humano se vê sem raízes na comunidade humana. A busca de algum sentido, que necessariamente dirige-se a um outro, à alteridade, é o que define o *ethos*²⁰ humano na perspectiva de *Sobórnost*. Tendo isso em vista, o diferencial que esta concepção traz ao pensamento psicanalítico é a forma de conceber o ser humano a nível ontológico, considerando os diferentes vértices mencionados a partir de uma dimensão comunitária. Tratar do humano apenas como uma derivação do corpo biológico ou efeito das relações sociais reduziria a compreensão da experiência como um todo, gerando fraturas que podem levar a diferentes tipos de adoecimentos.

No Ocidente, especificamente dentro do campo psicanalítico, os chamados teóricos das relações de objeto intuíram o lugar fundamental do outro para a possibilidade do acontecer humano, com foco na intersubjetividade para o desenvolvimento psíquico. Freud (1914/2010) já trazia essa questão de forma mais sutil, se considerarmos a importância dos primeiros investimentos psíquicos no bebê pelas figuras parentais. No entanto, a pulsão, situada entre o psíquico e o somático (FREUD, 1915/2017), já está dada desde o início, o que leva a algumas leituras da obra de Freud que destacam sua teoria do psíquico enquanto mônada.

Winnicott é um dos autores, talvez o primeiro deles, a dar uma ênfase maior à importância do ambiente, justamente por estudar os primeiros anos da infância, anteriores ao complexo de Édipo, e também os casos mais graves, que o levaram a articular as falhas nos primórdios do desenvolvimento a certos tipos de adoecimento psíquico. Como aponta Loparic (1999, p. 358-359, *itálico do autor*), Winnicott trabalha com a ideia de que o inconsciente é uma formação posterior ao momento inicial da vida do bebê, sublinhando que o “o tema central da psicanálise winnicottiana não é mais a sexualidade recalcada e seus derivativos, mas a *cisão*, uma parada no acontecer do ser humano [...]”. São as falhas no ambiente, as quais podem provocar uma ruptura na comunicação primária e levar a quadros graves, que interessam ao psicanalista inglês.

Com a teoria do desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott traçou a importância fundamental da relação de mutualidade entre a mãe (ou a figura que exerce o papel de cuidado)

²⁰ O autor utiliza a palavra *ethos* no sentido de morada, pátria, a possibilidade de *habitar*, de fato, o mundo humano.

e o bebê para a elaboração de um sentido de confiabilidade e continuidade de ser. Nos primeiros tempos de vida da criança, o ego da mãe serve como auxiliar diante de sua precariedade psíquica, tornando os dois um só (WINNICOTT, 1994). A função de espelhamento do olhar materno e de estados emocionais silenciosos, advindos da preocupação materna primária, são fundamentais para que o bebê possa, posteriormente, vivenciar as falhas do outro e seguir no sentido de tornar-se si mesmo.

Cada vez que a mãe segura o bebê, a cada gesto ou afago – tudo aquilo que constitui o *holding* e *handling* – são produzidas experiências constitutivas do psiquismo, que não necessitam da linguagem verbal. É a partir de um modo silencioso, de uma comunicação física e intuitiva proporcionada pela preocupação materna primária, que a mãe será capaz de oferecer ao bebê uma experiência satisfatória de onipotência e ilusão – a qual será, aos poucos, desfeita ao longo do processo de maturação.

Como a experiência da comunicação primária não pode ser traduzida em palavras, há um *self* secreto que nunca se comunicará com a realidade externa, responsável por uma solidão essencial: “*cada indivíduo é isolado, permanentemente isolado sem se comunicar, permanentemente desconhecido, na realidade nunca encontrado*” (WINNICOTT, 1983, p. 170, itálico do autor). A “capacidade de estar só”, que é paradoxalmente “a experiência de estar só na presença de alguém”, dá base para que a criança se diferencie como pessoa e tenha acesso ao silêncio criativo, ao brincar e à imaginação (Ibid., p. 37).

Em seus estudos sobre o desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott (1983) criou a noção de agonias impensáveis para tentar traduzir o tipo de sofrimento que pode acometer um bebê nos primeiros tempos de sua vida. Quando há falhas ambientais severas e persistentes, o bebê pode entrar em tal sofrimento, anterior à formação de qualquer psiquismo, que não é passível de ser representado e nem nomeado enquanto angústia.

Para Safra (2015), a falta de alteridade e transcendência no mundo contemporâneo pode colocar o bebê frente a essas agonias. Para que um ser humano venha a existir, sua ação criativa deve ser aceita e compreendida a partir da hospitalidade de um outro que possa acolher o que há de inédito com essa presença. O papel dos cuidadores, entre outros aspectos, é constituído pela memória do *ethos* humano transmitido ao longo de gerações; e, no momento do nascimento da criança, de sua recepção, podem haver fraturas que impossibilitam o acolhimento do gesto criativo. Dentre essas fraturas que levam a uma situação de incomunicabilidade, de ausência do outro, destacamos aquela que Safra aponta como característica do mundo pós-moderno: a recepção por uma mãe/maternagem tecnológica.

A dimensão da técnica atravessa a organização das sociedades e torna mais complicada a aproximação a dimensões originárias e ao gesto criativo – dificultando, assim, o estabelecimento do objeto subjetivo, objeto criado pelo bebê a partir da experiência de ilusão. O fluxo de informações dos meios de comunicação, com uma temporalidade cada vez mais distante dos ritmos da corporeidade e da subjetividade, anula em grande parte a possibilidade de silêncio, da não comunicação. O mundo organizado pela digitalização promove organizações estéticas em que as condições necessárias para o aparecimento da subjetividade humana são rompidas. Assim,

A criança é apresentada de tal forma ao mundo que ela não mais vislumbra a presença humana em seu meio ambiente: os gestos, os cuidados recebidos, não se remetem à corporeidade humana, mas sim a medidas tecnológicas. Essas crianças desenvolvem-se para fora do mundo humano em repúdio às configurações estéticas decorrentes da tecnologia. Sentem nostalgia por um mundo que não chegaram a conhecer pelo negativo, pelo saber que emerge de sua corporeidade. (SAFRA, 2015, p. 133)

Como destaca o autor, o ritmo pode ser considerado um elemento fundamental no encontro mãe-bebê. A mãe suficientemente boa se organiza a partir do ritmo do bebê, para suprir suas necessidades, enquanto este também passa a reconhecer os ritmos de sua cuidadora. O ritmo pode ser compreendido, principalmente, como um interjogo de tensões e distensões presentes no respirar, nas batidas do coração, na contração e no relaxamento da musculatura, no ciclo das mamadas, no ciclo do sono, na cadência do acalanto, no encontro do corpo materno com o corpo do bebê (SAFRA, 2016, p. 61).

É por meio desse ritmo que o bebê expressa sua singularidade: nesse interjogo se constitui um núcleo em torno do qual os elementos sensoriais vão se integrar e compor o *self*. A sustentação desse núcleo pelo outro levará o bebê a vivenciar a qualidade de duração e, posteriormente, constituir seu tempo subjetivo. As pessoas que se desenvolveram a partir de um cuidado tecnológico, que se autodescrevem como fantasmas ou “espectros”, têm três destinos frequentes segundo o autor.

Quando se organizam em um niilismo defensivo, há uma descrença generalizada e uma espécie de enamoramento pelo Nada – são os “Kirilovs”²¹ contemporâneos. A experiência de liberdade também coloca o ser humano em um estado originário de desamparo, daí a importância de um outro que testemunhe seu gesto criativo singular. O anseio por liberdade

²¹ Kirilov, personagem de Dostoiévski, é adepto do suicídio lógico e foi inspirado por uma história que impressionou o escritor, o assassinato de um estudante por um grupo niilista. Inicialmente, a obra foi concebida como um protesto contra a ocidentalização da Rússia. Cf. DOSTOIÉVSKI, F. **Os demônios**. São Paulo: Editora 34, 2013.

sem um *ethos* que dê alguma sustentação torna-se anseio pelo Nada, e a morte aparece como uma saída, um gesto no sentido do acontecer humano que não teve lugar. Quando há possibilidade do gesto criativo, da ação, o sujeito é capaz de transitar pelas várias nuances entre vida e morte e além desses dois polos, pelo vértice da transcendência.

Um segundo destino comum aos espectrais se refere àqueles que se tornam críticos do mundo, que encontram seus meios para se apropriar do conhecimento que pressentem em relação ao originário da condição humana, o que pode se dar também na relação com o outro. Por fim, a terceira via que aparece como resposta ao cuidado tecnológico é a da identificação com a técnica e sua estética, quando os emblemas da técnica se apresentam como fetiche e o sujeito parece viver no nível da superfície, sem uma história própria ou filiação. Esse nível superficial é recorrente na pós-modernidade e dentro da sociedade de consumo.

Há também as agonias que aparecem no percurso da vida, que podem ocorrer por conta de exclusão e desenraizamento nas dimensões étnica, ética e cultural – as quais, segundo Safra (2015, p. 138), devem ser compreendidas como acontecimentos ontológicos e não apenas fenômenos sociais, pois são fenômenos que “rompem a possibilidade de o ser humano habitar eticamente o mundo humano”. Das agonias que ocorrem no percurso da vida, o psicanalista destaca aquelas decorrentes de *humilhação*, de *desenraizamento* e de *invisibilidade*.

As situações de *humilhação* estão associadas a questões de classe, com suas diversas formas de inclusão e exclusão a partir da posse de bens e acesso a determinados lugares. Podemos pensar também na humilhação causada pelo racismo, que muitas vezes pode aparecer de forma sutil por conta do caráter estrutural dessa forma de discriminação. A *vergonha de si* acaba por individualizar esses eventos e obscurece o mecanismo social perverso por trás deles – o que pode atravessar diferentes gerações e impedir um gesto direcionado à ação política.

Sobre o *desenraizamento*, este pode aparecer sob diferentes formas. No registro étnico, acontece quando há perda da conexão com elementos sensoriais e culturais de origem, o que resulta na impossibilidade de pertencimento. Percebemos essa questão entre os refugiados de guerra, mas não é preciso ir tão longe. Por vezes, migrantes dentro do mesmo país acabam perdendo o contato com elementos culturais de origem ou passam por situações de humilhação quando buscam resgatá-los. Já o desenraizamento estético ocorre por conta da divergência entre as organizações estéticas – rítmicas, temporais, espaciais – em relação à estética da corporeidade humana. Como mencionado anteriormente, a crescente digitalização pode levar a “um tipo de adoecimento vivido com forma de enlouquecimento, em que o corpo deixa de ser um lugar de alojamento da psique” (SAFRA, 2015, p. 142). Há também o desenraizamento ético, quando o *ethos* humano é atacado, sobrepujado, e tais situações são vividas como

traumáticas e violentas. Aqui, podemos pensar nas situações de preconceito não veladas, abuso físico e psicológico, entre outras.

Safra (2015) aponta também a *invisibilidade* no campo social como outra agonia que pode ocorrer ao longo da vida. A vivência pode ser acompanhada pela humilhação, mas o fato de não ser visto ganha preponderância. Esse tipo de experiência é recorrente em atividades de menos prestígio social como, por exemplo, a de garis e domésticas – cujo relato sobre a indiferença do outro os coloca, muitas vezes, próximos ao desenraizamento ético. A invisibilidade afeta o sentimento de participação na comunidade humana, provocando vários níveis de adoecimento.

3. O SUJEITO-PEDRA

O quadro que se coloca, deste mal-estar na contemporaneidade, passa por diferentes tentativas de apreensão. A questão dos diagnósticos e do domínio psiquiátrico, por exemplo, expressa uma tentativa de delimitar, controlar e racionalizar aquilo que nem sempre cabe nesses moldes. Há também as investidas da História, da Sociologia, da Economia, entre outras especialidades, muitas delas apontando a explicação do mal-estar com base em uma teoria, em um ponto de vista, uma via muito comum na modernidade, que atualmente cede espaço para uma visão interdisciplinar. Nesta pesquisa tomamos este último caminho, especialmente por conta da compreensão de que seria impossível reduzir a experiência humana a um único vértice.

No entanto, há também uma aposta específica, a de que a literatura pode expressar certa sensibilidade sobre esse mal-estar que muitas vezes não consegue ser colocado em palavras nem por analistas nem por pacientes; de que alguns poetas conseguem objetivar o *Zeitgeist* de seu tempo justamente por apostarem em uma abertura criativa que não se restringe às especificidades de uma pesquisa científica, por exemplo. Essa aposta não é nova no campo da psicanálise, como veremos a seguir.

3.1 Literatura e psicanálise: possibilidades de expressão do mal-estar

É interessante notar como o caráter ficcional está no âmago da própria psicanálise, o que nos leva além da possibilidade de simplesmente “analisar” textos literários, aplicando a teoria como uma espécie de interpretação de obras e narrativas. Herrmann (1999; 2001) aponta para a centralidade da ficção enquanto processo originário de formação do Eu, processo que permanece na cultura e que levaria a ficção a aproximar-se com mais êxito de alguma “verdade” no que concerne ao ser humano – uma verdade diversa daquela alcançada pelas ciências biológicas, por exemplo. Assim, a ficção estaria intimamente ligada ao humano, à própria gênese do psiquismo e seus modos de expressão.

Em vários de seus textos, Freud se inspirou em obras literárias para desenvolver suas ideias, arriscando-se também a pensar a respeito do processo criativo de artistas e autores. Entre as diferentes incursões nesse campo, a principal delas diz respeito à arte enquanto expressão do inconsciente: ou seja, está relacionada ao conceito de sublimação. Para ele, enquanto o médico

parte da observação consciente dos processos psíquicos do paciente, o poeta ou romancista²² “dirige a atenção para o inconsciente em sua própria psique, espreita os possíveis desenvolvimentos dele e lhes proporciona uma expressão artística, em vez de suprimi-los com a crítica consciente” (FREUD, 1907/2015, p. 117).

Como percebemos, essa leitura de Freud aponta a literatura como expressão do inconsciente, o que difere da concepção de Hermann sobre a ficção e seu caráter formador para o Eu. Em relação a esse debate, acrescentamos a reflexão de Loureiro (2003) que aponta a dupla vinculação da estética na obra freudiana: alinhada tanto ao recalçamento quanto ao prazer.

O estético, em termos kantianos – ligado ao belo, de caráter elevado e primordial –, estaria associado ao recalque, enquanto a forma estaria ligada a um prazer estético secundário, não essencial. Um bom exemplo disso aparece em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905/2017), onde o autor aponta o chiste (e sua forma) como uma experiência prazerosa, mas não de uma necessidade vital. Ou seja, há uma primazia do conteúdo recalcado a ser revelado – aquele que oculta o prazer mais intenso – em relação à forma, compreendida como um prazer de “segunda classe”. De modo geral, a fruição do prazer estético está atrelada a uma formação de compromisso, seja pela forma ou pelo conteúdo (LOUREIRO, 2003).

Os questionamentos contemporâneos sobre arte e psicanálise parecem sair deste lugar de formação de compromisso e se direcionar mais ao caráter processual, aos paralelos possíveis entre esses dois campos e possíveis conexões no que diz respeito à criatividade humana. Dessa perspectiva, um dos campos não fica subjugado ao outro, como poderia dar a entender a via mais tradicional desse debate.

Rancièrè (2009), por exemplo, ao falar sobre um “inconsciente estético”, aponta o paralelo entre arte e psicanálise, mas não no sentido de que a arte seja fruto de processos inconscientes, pelo contrário: a própria teoria psicanalítica só seria formulável porque já existe, de algum modo, fora da clínica:

Tais figuras [artísticas] não são o material com que a interpretação analítica prova sua capacidade de interpretar as formações da cultura. Elas são os testemunhos da existência de certa relação do pensamento com o não-pensamento, de certa presença do pensamento na materialidade sensível, do involuntário no pensamento consciente e do sentido no insignificante. (RANCIÈRE, 2009, p. 10-11)

²² O termo alemão *Dichter*, de forma geral, designa o poeta como “criador”, o que engloba as noções de escritor e romancista, assim como aquele que escreve versos. Cf. nota de tradução de Ernani Chaves em FREUD, S. O poeta e o fantasiar. In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Autêntica Editora, 2018, p. 65.

Essa reflexão vai de encontro à discussão de Herrmann sobre o caráter ficcional fazer parte da gênese do Eu, não ser apenas um destino possível para as pulsões. Ou seja, podemos perceber que a compreensão do processo criativo e da arte em si foi adquirindo contornos mais complexos, escapando a uma determinação causal.

A ideia de que o processo criativo tem caráter basal para o ser humano passou a encontrar mais consistência a partir de autores como Winnicott, cuja teoria de um *self* verdadeiro, que pode criar e agir no mundo, também passa pelas dimensões estéticas, um caminho interessante para pensarmos literatura e poesia. De acordo com Safra (2016, p. 27), “o *self* se constitui, se organiza, se apresenta por fenômenos estéticos”. Nesse sentido, o autor aponta que algumas experiências são melhor expressadas pela linguagem discursiva, mas há outras que encontram sua forma de expressão nos símbolos orgânico-estéticos, os quais dizem respeito a formas de ser, sentir e existir.

A importância da materialidade da experiência, que já se apresentava nos objetos transicionais de Winnicott, é a base dos símbolos do *self*, símbolos estéticos que veiculam o *self* de cada sujeito; é pela “forma sensorial privilegiada para um determinado indivíduo que se abre a constituição do seu objeto subjetivo e seu estilo de ser” (Ibid., p. 39). O estilo que compõe o *self* central pode se dar em torno de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis – todo esse campo de sensorialidade onde o bebê esteve envolvido.

Apesar de estar situada no campo discursivo, é também nesse caldo de símbolos estéticos que a poesia se encontra. Diferente da prosa, cujo embasamento está na descrição, com uma palavra levando à outra (à semelhança da associação livre), o poema se apoia naquilo que Octavio Paz denominou de imagem poética. Em resumo, tal noção diz respeito a “toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que, unidas, compõem um poema” (PAZ, 2014, p. 119).

Aparentemente, seria possível pensar que a concepção de Paz está inserida apenas no campo discursivo. Mas a imagem poética, apesar de composta por palavras, visa alcançar aquilo que as extrapola: há uma tensão permanente e constitutiva entre o que se diz e o que se deixa de dizer, assim como uma inserção no campo das sensações que não poderiam ser abarcadas pela palavra. A materialidade e o paradoxo – este último tão caro à concepção de espaço potencial de Winnicott – talvez sejam as principais características da poesia:

O poeta nomeia as coisas: estas são plumas, aquelas são pedras. E de súbito afirma: as pedras são plumas, isto é aquilo. Os elementos da imagem não perdem seu caráter concreto e singular: as pedras continuam sendo pedras, ásperas, duras, impenetráveis, amarelas de sol ou verdes de musgo; pedras pesadas. E as plumas, plumas: leves. A imagem resulta escandalosa porque desafia o princípio de contradição: o pesado é o leve. (PAZ, 2014, p. 120)

Na poesia, então, o nomear difere de outras operações que unificam, mas acabam por mutilar os termos. O nomear permite mais de uma compreensão possível para cada termo e também preserva a materialidade da coisa, como fica evidente no exemplo do autor. Há também um caráter imediato da imagem do poema, no sentido de uma apreensão da totalidade do objeto sem mediação. Como bem resume Paz (2014, p. 132), “o poeta não descreve a cadeira: coloca-a diante de nós”.

O poema, diferente de um texto descritivo, não separa as partes – cor, material, medidas, etc. –, e sim resgata a dimensão de totalidade, recriando o objeto. Borges (2011), nesse sentido, pontua que a poesia é uma *experiência estética*. Segundo o autor, o fato estético é imediato e indefinível, assim como o amor ou o sabor de uma fruta. O impacto da beleza – exemplifica – é uma sensação física que se sente de corpo inteiro, não é alcançado por meio do juízo.

Além de conjugar forma e conteúdo, o poema enquanto fato estético traz a dimensão da experiência imediata e abarca também aquilo que não é dito. Por conta disso, a poesia parece ser um veículo privilegiado para tentarmos captar algo da complexidade do mal-estar contemporâneo, justamente por anteceder e exceder a dimensão de gestos e palavras ainda sem tradução na clínica.

3.2 A gênese do sujeito-pedra

A experiência estética da poesia, atravessada pela imagem poética, costuma ser mediada por aquilo que chamamos de voz lírica, o “eu” do poema. Essa instância, que ultrapassa a figura do autor, pode dizer algo sobre o período em que um texto foi produzido, na medida em que diz respeito também a um contexto histórico de produção. Nesse sentido, o poema acaba por refletir um modo de ser por meio de sua forma e conteúdo, daquilo que diz e deixa de dizer.

Para pensarmos o mal-estar contemporâneo na clínica por meio da poesia, nada melhor do que olharmos para a produção poética de três autores brasileiros contemporâneos. Viviana Bosi (2021) encontra uma discreta alteração na voz lírica em três poemas mais recentes de

Francisco Alvim, Rubens Rodrigues Torres Filho e Sebastião Uchoa Leite, nos quais localiza a voz do *sujeito-pedra*²³.

Os poemas foram produzidos nos anos 1990 e indicam um caminho possível a ser seguido no que concerne à questão do mal-estar na contemporaneidade, justamente por reunirem na voz mencionada vários aspectos instigantes para pensar a subjetividade. O principal deles é que “a voz lírica percebe-se convertida em coisa, negando-se, portanto enquanto tal, num tipo de não relação consigo mesma e com o outro: nem se projeta pra fora, numa ‘íntima alteridade’ (como intentaram os objetivistas Ponge e Cabral), nem é atravessada pelo externo a si” (BOSI, 2021, p. 259). Há uma precariedade na intersecção entre o eu e o outro, o que de saída aponta para uma problemática contemporânea que traz várias consequências para a formação da subjetividade. Como vimos anteriormente, seja na teoria freudiana do narcisismo ou com os teóricos das relações objetais e seu foco no ambiente, o outro tem um papel central na formação do eu e, quando há ruído nesse processo, os desfechos acabam por trazer sofrimento psíquico para o sujeito.

Os três poetas mencionados adquiriram o estilo maduro que os acompanha entre o fim dos anos 1960 e o início dos anos 1970, justamente quando a expressão subjetiva começa a despontar novamente após o racionalismo do concretismo – mas esse retorno não se deu sem cicatrizes, pois tal voz faz essa volta desconfiada de sua centralidade (Ibid., 2021).

Para compreender a gênese do *sujeito-pedra*, é preciso retroceder, brevemente, ao caminho trilhado pela literatura brasileira a partir da segunda década do século XX. Já é bem conhecida a importância da Semana de Arte Moderna e de toda a estética que se abriu a partir de 1922. Ao comentar sobre o movimento de 22, Alfredo Bosi (1970/2015) aponta que, apesar de toda a transformação que este trouxe, ainda se tratava de um experimentalismo *in abstracto*, pautado por um pequeno grupo de intelectuais que se deslocava entre São Paulo e Paris. A partir da década de 1930, com os metros parnasianos já desmembrados por Mário e Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, bem como com a introdução de uma linguagem coloquial, prosaica e irônica, a vida cotidiana passou a integrar cada vez mais a poesia.

Um desses autores que falou bastante a respeito do dia a dia, importante para a gênese do *sujeito-pedra*, é Carlos Drummond de Andrade. Drummond foi o primeiro a se afirmar após os modernistas, dos quais teve influência evidente em suas primeiras obras. Já na fase mais madura, aparece alinhado a uma espécie de reificação vigente: após o sopro de esperança de *A Rosa do Povo* (1945), abraça o desencanto em *Claro Enigma* (1948-51) e começa a interrogar

²³ A noção de *sujeito-pedra* foi desenvolvida por Viviana Bosi em sua tese de livre-docência, posteriormente transformada em livro, que será central para as reflexões a seguir.

e negar o real, negação que chega à organicidade do reino mineral; posteriormente, radicaliza em termos de forma, aproximando-se do modo concreto-formalista (BOSI, 1970/2015). Foi com ele que o motivo da pedra ficou marcado na poesia brasileira, por meio do poema “No Meio do Caminho”²⁴. Mas como veremos, a pedra de Drummond, que aponta para a estagnação, para um empecilho, diverge daquela que aparece nos poetas contemporâneos.

Na sequência da poética de 1945, que se opôs aos versos livres do modernismo e recobrou os versos tradicionais e intimistas para a poesia, chega-se aos anos 50 com uma mudança significativa no fazer poético. A “nova objetividade” veio à tona em termos de forma e conteúdo: junto à rejeição do verso tradicional, o poema adquiriu *status* de objeto integrado ao aparato da vida cotidiana, incluindo as reverberações dos meios de comunicação em massa emergentes naquele período, com a ascensão das críticas social e política. Mensagens e códigos daquele período “tendem a negar o valor estético da efusão do eu e a privilegiar o universo do trabalho, da técnica e das tensões ideológicas que operam no âmago da história” (Ibid., p. 468).

Entre os expoentes dessa nova objetividade, destaca-se João Cabral de Melo Neto, com sua aposta na forma e na eliminação de quaisquer ornamentos da poesia. Os rigores métricos e semânticos caracterizavam o poeta, que trouxe o elemento mineral para seus versos – destacamos *A Pedra do Sono*, de 1942, e *Educação pela Pedra*, de 1966 –, mas de modo diferente daqueles autores contemporâneos que mencionamos. Como destaca Viviana Bosi (2021, p. 263-264), no poema “O ovo de galinha”, Cabral opõe a pedra ao ovo, que anuncia a vida, ao contrário do mineral de peso “inanimado, frio, goro”. Nos autores contemporâneos já mencionados, a pedra é encarnada na própria voz lírica.

A partir de 1950/55 entra em cena a ideologia do desenvolvimento no país, quando o nacionalismo se torna base de todo um pensamento social. Nesse sentido, renova-se o gosto pela arte regional, mas, diferente do modernismo, a aposta é no caráter revolucionário da cultura popular. Com certa influência do formalismo cabralino e aversão a um eu lírico autocentrado e intimista, ganha força o concretismo. Além da ênfase em temáticas que evidenciam tensões políticas, há um trabalho cuidadoso com a estrutura do verso, intimamente vinculada à mensagem. O fetichismo da máquina, a industrialização e a aposta no “progresso” para mudança social se refletem na materialidade do poema: o significante toma a frente do significado e a arte é definida como *techné*, ou seja, atividade produtora (BOSI, 1970/2015, p. 476).

²⁴ “No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho [...]”. DRUMMOND de A., C. **Alguma Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 22.

Desde o fim da década de 1950, houve vários desdobramentos da vanguarda concretista. A escrita de Ferreira Gullar, por exemplo, evidencia uma “reação antiobjectualista” a partir de 1958. Na década de 1970, outras tendências parecem sensibilizar os poetas, como o ressurgimento do discurso poético e do verso, o espaço dado à fala autobiográfica que expressa o desejo e a memória (algo que vemos em *Poema Sujo*, de 1976) e a volta do caráter público e político da fala poética (BOSI, 1970/2015, p. 487).

Com esse breve percurso como base, e considerando o fato de diversos desses momentos se influenciarem mutuamente, é possível compreender melhor quais caminhos ajudaram a compor a voz lírica do sujeito-pedra com suas continuidades e rupturas.

Chico Alvim, Torres Filho e Uchoa Leite integraram a mesma geração, mas não o mesmo grupo literário, e chegaram à maturidade poética em um período que carregava o lastro do concretismo – mesmo que de forma indireta e lhe fazendo oposição. Viviana Bosi (2021, p. 261) coloca uma questão que nos parece importante: se junto à desconfiança relacionada à formalização da obra, propagada pelos concretistas, “[...] teriam acontecido tais alterações na experiência, agora descontínua, do sujeito contemporâneo, num momento em que também a voz autoral entrava em crise – não para ser reprimida e assepsiada, mas para aparecer lanhada, partida em lascas?”. Lembremo-nos que um dos pontos em evidencia nas subjetividades contemporâneas é justamente o seu caráter fragmentário e descontínuo.

Além dessa influência, os três autores vivenciaram um processo de mudanças e lutas políticas, quando uma mudança radical parecia possível à sociedade brasileira. Diferentemente da geração posterior, dos anos 1980, passaram pela expectativa e decepção, o que lhes trouxe um olhar específico mesmo no pessimismo e na descrença. Também é importante destacar que o período de formação desses poetas se deu durante a grande urbanização das metrópoles brasileiras, quando houve uma mudança abrupta dos modos de vida, especialmente daqueles que migraram do campo às cidades.

Habitantes de grandes cidades e trabalhando em ambientes intelectualizados, a produção de cada um desses três poetas [...] pode ser definida como altamente meditada em relação à sociedade brasileira contemporânea, representada, nesses poemas, por indivíduos isolados que não conseguem entrar em contato nem com os outros nem, aparentemente, consigo mesmos. Outra característica marcante desses poemas é a sensação da incapacidade para o movimento. Essas vozes manifestam-se, como encapsuladas e empacadas. (BOSI, 2021, p. 260)

Conforme destaca a autora, esses poetas não renegaram completamente a presença do eu lírico, como fizeram os concretistas, mas também não se deixaram levar pela inocência da centralidade dessa voz: justamente o lugar intermediário que ocupam, “entre o moderno e o

contemporâneo”, proporcionaria a capacidade de auto-observação, de uma voz que se percebe convertida em coisa (BOSI, 2021., p. 262). Podemos citar como elo entre esses autores, então, uma voz lírica consciente de seu alheamento e apartada de seu entorno, o que deixa o eu lírico em um estado de isolamento.

3.3. A voz de cada poeta

Para explicitar a voz lírica do sujeito-pedra, Viviana Bosi faz a análise de três poemas, um de cada autor. Vamos acompanhar o pensamento da autora para, posteriormente, relacionarmos os elementos aqui encontrados aos casos clínicos escolhidos, no sentido de observarmos como o mal-estar se apresenta em cada campo ou, ainda, de modo que a literatura possa ampliar nosso olhar acerca das subjetividades contemporâneas.

Primeiramente, acompanhemos o poema *um toque*, de Rubens Rodrigues Torres Filho, seguido de sua análise. Assim como outros de sua geração, Torres Filho iniciou a carreira com uma influência significativa do lirismo modernista, traço que se modificou de forma abrupta. Entre o primeiro e o segundo livro passaram-se 16 anos, tempo que trouxe também uma nova linguagem ao poeta. De *Investigação do olhar*, de 1962, até o livro seguinte, o espírito juvenil universitário deu espaço a um poeta atento à forma e às sutilezas do humor e do cotidiano, com uma linguagem elíptica e irônica (BOSI, 2021a).

Em sua obra madura, o lirismo aparece em lampejos, cuja brevidade se destaca. O cansaço se sobrepõe ao desejo, mas este ainda existe. Avesso a transcendências, o sujeito apoia-se no mundo sensível e no corpo, apesar de não entrar em comunhão com a natureza, como os românticos. A ilusão de transcendência, assim como a tristeza, aparece pelo ar de deboche, pela ironia que reflete a desesperança (Idem, 2021). Vejamos como isso aparece no poema.

um toque

Estive
algumas vezes só
como um rochedo
batido pelas bestas ondas verdes
do mar adjacente. Só
é como estar ausente
no centro exato. Limita por dentro.

O céu redondo, capa impermeável
 ou sobretudo lírico, acrescenta
 um toque de ironia
 ou de clemência: ave,
 algumas vezes chuva,
 no mínimo uma estrela.²⁵

À primeira vista, percebemos o que foi relatado sobre uma voz lírica em estado de isolamento, o que fica evidente na repetição da palavra “só”. Bosi (2021, p. 262) indica uma “semiaparição melancólica do sujeito”, que será reiterada na relação precária com o entorno e nos aspectos formais dos versos. A crítica destaca o ritmo em *staccato* e os cortes drásticos dos versos, elementos que dificultam a enunciação e reiteram a divisão entre sujeito e natureza. Notamos que essa é uma experiência comum e literal nas grandes cidades, o que reflete o sentimento de deslocamento relatado anteriormente na época da urbanização dos grandes centros, do campo à cidade. Essa divisão também é interna, subjetiva. Conforme discutimos a partir da noção russa de *Sobornóst*, o sujeito contemporâneo sofre um afastamento de seu *ethos*, o que pode ocorrer em diferentes momentos de sua trajetória, trazendo consequências diversas. Há aspectos humanos intimamente vinculados à natureza, como os ritmos do corpo, que têm uma função fundamental no desenvolvimento subjetivo, mesmo que este não possa ser pensado desvinculado da cultura.

A impotência diante do isolamento, tanto em relação ao outro quanto em relação a si mesmo – já que não há uma interioridade possível –, remete à estagnação pontuada sobre o sujeito-pedra, que não vislumbra quaisquer saídas de seu estado. “A pedra é ausente de si, matéria que não interage, inalterável e dura. Alcançada pela água ou pela luz, não é permeável a um mundo estrangeiro” (Ibid., p. 263).

No que diz respeito ao estrangeiro, recordamos a noção de “narcisismo das pequenas diferenças”, quando o escape da agressividade direcionada ao outro tem sua contrapartida no estreitamento dos laços do grupo. Nas palavras de Freud (1929/2011, p. 80-81), “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade”. Percebe-se que o sujeito-pedra se encontra em um lugar diferente: não há ligação possível ou agressividade a escapar, a desconexão e indiferença expressivas reiteram o distanciamento.

²⁵ Cf. TORRES FILHO, R. R. um toque, In.: _____. **Novolume**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

No lirismo poético, a impossibilidade de comunhão entre sujeito e natureza traz outros traços que também divergem da voz que se expressa no poema de Torres Filho: há uma ânsia por correspondência, por se enxergar nos elementos naturais de forma a estabelecer uma conexão profunda. Em *um toque*, a indiferença em relação ao ambiente e a falta de interioridade dão as caras em versos como “Estive/ algumas vezes só/ como um rochedo/ batido pelas bestas ondas verdes”. A identificação com a pedra enquanto objeto inanimado aponta a reificação e estagnação do próprio sujeito.

Voltando para os aspectos formais, Bosi (2021, p. 264) destaca a esquivia a possíveis rimas, como aquela que aconteceria entre “adjacente” e “ausente” caso a palavra “só” não fosse antecipada para evitar a coincidência sonora. O eco toante entre “ironia” e “clemência” também é evitado com dois-pontos e antecipação da palavra “ave”. Inclusive, a pontuação faz o leitor “tropeçar” nos versos, dificultando qualquer uniformidade rítmica. A passagem da primeira pessoa, no início do poema, para a terceira pessoa, que traz um tom de indiferenciação, também é apontada pela autora como uma dissolução do eu lírico em sujeito neutro, que não encontra possibilidade de conforto junto à natureza.

Há também a localização espacial do sujeito em relação ao seu entorno: olhamos à sua volta, por dentro e por cima, paisagem que estabelece um contraste marcante entre o movimento das ondas verdes e da grandeza do céu com a dureza daquele que se assemelha a um rochedo. “Assim, essa natureza que o rodeia poderia estar ali para melhor realçar a discrepância intransigente (e mesmo crítica) entre sua imobilidade melancólica e o brilho, a leveza e a dança rítmica do mar, da chuva, da ave e da estrela” (BOSI, 2021, p. 265-266).

No entanto, a crítica se indaga sobre o papel desse entorno. Há um aspecto opressivo, na medida em que até mesmo o céu é finito em sua forma redonda e impermeável, colocando o sujeito em um lugar diminuto. Em paralelo, há também um toque de clemência, além da ironia, algum tipo de consolo mesmo na dúvida, impossibilidade ou falta de desejo de estabelecer contato.

O segundo poema no qual vislumbramos a voz do sujeito-pedra é *Escolho*, de Chico Alvim. O poema faz parte do momento mais maduro da obra de Alvim, quando a palavra expressa toda uma ideologia cristalizada na sociedade brasileira. Nos primeiros anos, sua obra carrega a influência dos modernistas e o diálogo com a tradição poética brasileira, apontando para questões da vida social do modo como fizeram seus antecessores.

Aos poucos, notando a precariedade do eu lírico, o poeta passa a trabalhar a partir de “personas” e da escuta de falas do cotidiano: desbasta a palavra até que sobre apenas um núcleo essencial, um “gesto” (MELLO, 2001). Nesse sentido, ocorre uma divisão acentuada entre os

poemas líricos e os poemas com as falas. O lirismo como problemática dentro da poesia das falas só aparece a partir dos anos 1980 e, cada vez mais, a subjetividade passa a integrar seus poemas a partir das percepções sobre a realidade, espelhando a reificação do sujeito marcado pela circulação do capital. Vamos ao poema analisado por Bosi:

ESCOLHO

Parado

Na plataforma superior

Entre as pernas
no chão
as compras num plástico

Longe do verso perto da prosa
Sem ânimo algum
para as sortidas sempre –
enquanto duram –
venturosas da paixão

Longe tão longe
do humor da ironia
das polimorfias vozes
sibilinas
transtornadas no ouvido
da língua

Ali onde o chão é chão
as pernas, pernas
a coisa, coisa
e a palavra, nenhuma
Onde apenas se refrata
a ideia

de um pensamento exaurido
de movimento

Entre dois trajetos
dois portos
(duas lagunas
duas doenças)

Sublimes virtudes do acaso
por que não me tomais
por dentro
e me protegeis do frio de fora
da incessante, intolerável, fuga do enredo?
da escolha? ²⁶

O primeiro aspecto a ser notado nesse poema é o espelhamento entre o título “Escolho” e a última palavra do último verso, “escolha”. “Escolho” pode ser tanto uma flexão do verbo escolher para a primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, quanto se referir ao substantivo “escolho”, o qual designa um rochedo à superfície do mar e também um obstáculo, no sentido figurado (MELLO, 2001).

Bosi (2021) pondera a questão da escolha dentro desse poema, que poderia aludir à concepção sartriana de liberdade individual – do sujeito responsável por seu destino diante das contingências colocadas. Há um contraste entre essa necessidade de escolha e um sujeito parado na plataforma, com suas pernas imóveis, confundidas com as coisas. As imagens reforçam o sentimento de estagnação e cansaço. Aqui, lembramos do interessante debate entre psicanálise e existencialismo no que concerne à dimensão do inconsciente. Na psicanálise, há um aprofundamento nas camadas primárias da existência, chegando, inclusive, à dimensão do *self*, anterior à concepção de inconsciente freudiano. Ou seja, nessa perspectiva teórica, algumas experiências formadoras nunca chegarão ao nível da consciência, e mesmo assim vão exercer importante direcionamento no destino humano – o que está em desacordo com a ideia de liberdade em Sartre, inclusive em sua formulação de uma psicanálise existencial²⁷.

²⁶ ALVIM, F. Escolho. In: _____. **Elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²⁷ Cf. SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Apesar da obrigação da escolha, todas as imagens reforçam o foco na estagnação reificada. A plataforma, tão presente nesse poema, é uma imagem recorrente na obra de Alvim. Aqui, alude a algum meio de transporte urbano, onde um “sujeito esvaziado de paixões e lances aventureiros, de deslocamentos quaisquer – seja na vida seja na linguagem – está fundeado ou imobilizado num lugar pouco humano” (BOSI, 2021, p. 268). Nesse lugar, não chegam as “sortidas (...)/ venturosas da paixão” nem reverberam as “polimorfias vozes/ sibilinas” tão intensas no lirismo habitual.

Em termos de forma, a redução na linguagem e a repetição de termos dão ênfase à literalidade, pois o “chão é chão/ as pernas, pernas/ a coisa, coisa/ e a palavra nenhuma”. Parece haver um duplo movimento: a imagem poética aparece em sua materialidade, ao mesmo tempo em que é esvaziada por meio de recursos como a descrição, como forma de crítica à perda da experiência estética.

Os termos de localização espacial (longe, perto, dentro, fora) trazem a objetividade descritiva, assim como a estagnação e a literalidade do sujeito na plataforma ganham reforço na presença marcante aliterativa do /p/, que intensifica a expressão de dureza e paralisia; em contraponto, o último verso – separado por dois espaçamentos que marcam sua distinção – traz a repetição do /f/ e do en/in, os quais marcam a fluidez que o sujeito parece querer evitar (BOSI, 2021, p. 270).

Os termos de localização espacial e o fato de o sujeito ser comparado às coisas na sacola, representado de forma metonímica pela perna no chão, enfatizam como aqui o espaço é preponderante em relação ao tempo – este estagnado, sem movimento, onde nada acontece (Ibid., p. 271).

Esse desejo de anulação se mostra como desejo de apaziguar o sofrimento: se não mais sonhar, se não souber das possibilidades, não haverá como sofrer. A vida enquanto superfície, sem os desatinos da tensão entre exterior e interior, traria a indiferença estimada pelo sujeito-pedra. Sobre esse ponto, Viviana Bosi faz uma alusão ao conceito de pulsão de morte, justamente o retorno a um estado inorgânico no qual as tensões inerentes ao movimento do viver seriam completamente apaziguadas. É interessante notar, nesse sentido, que a pulsão de morte carrega também a agressividade e a autodestruição, camadas não tão evidentes na voz lírica do sujeito-pedra, mas que não deixam de estar presentes.

Bosi (2021, p. 275) também faz um paralelo com a “coisificação” do humano dentro do modelo capitalista. Nas palavras de Marx, “quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio, que ele cria diante de si, tanto mais

pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, tanto menos pertence a si próprio”²⁸. O sujeito-pedra, imerso nesse estado de coisa – ainda mais no capitalismo tardio – mesmo assim, traz a consciência desse alheamento, o que pode apontar um caminho para possíveis rupturas. Nesse sentido, sua passividade não é completa, há um lampejo que permanece.

Por fim, a tríade que inspira a noção de um sujeito-pedra se completa com *Dentro/fora: Rio de Janeiro*, de Sebastião Uchoa Leite. O poeta, que em suas primeiras obras utilizava formas já estabelecidas e uma voz lírica bem definida, iniciou um processo de implosão da linguagem a partir de seu terceiro livro (*Signos/Gnosis e Outros*, composto de poemas escritos entre 1963 e 1970), com rompimentos lexicais e uma voz lírica fragmentada. Naquele momento começa a se firmar a sátira, a desconfiança em relação ao eu lírico e à própria poesia, assim como o autossarcasmo (BARBOSA, 2000).

Dos três poetas mencionados, Leite foi o que mais se aproximou da vanguarda concretista, também trazendo a crítica à centralidade de um eu lírico. No poema analisado, o sujeito se confunde com as coisas ao seu redor, e tanto ele quanto os elementos externos parecem se confundir nas superfícies que deslizam.

Dentro/fora: Rio de Janeiro

Daqui de dentro
 Por trás dos vidros
 Vê-se lá fora
 A rua pétrea
 De pedestres
 Ao sol incósmico
 Deslizam
 Por dentro do vidro
 Parecem vir
 Do outro lado
 Desta mesa
 Onde o olho
 É outro espelho

²⁸ Cf. MARX, K. (1844). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 80.

Pétreo²⁹

1994

Diferentemente dos poemas anteriores, aqui não há ressentimento do sujeito-pedra em relação à sua imobilidade e isolamento: há, sim, uma apatia que percorre todas as coisas, “as aparências, vítreas, deslizam, como se olho, sol, vidro, fossem telas ou janelas virtuais, sem espessura ou volume”. Nesse sentido, dentro e fora coincidem por um momento nessa “coisificação” de todos os elementos, o que ganha relevo com os aspectos formais do poema. Falta de pontuação, corte brusco nos versos e sonoridade aliterativa marcam o espelhamento, assim como os encontros consonantais (*tr*, *dr*, *lh*), que trazem também o aspecto de reflexo mineralizado (BOSI, 2021, p. 280).

Para Lima (2002, p. 230), o livro no qual este poema está inserido traz uma “negatividade radical” que aponta para uma “terceira margem”, excedendo os opostos. Essa terceira via, de acordo com o crítico, se explicita no interior do processo do sujeito poético, envolvendo aspectos como a prosificação do poema e a abolição de metáforas edificantes. Assim, outras instâncias adquirem relevo – não existem apenas para justificar um eu (que se dá na relação com o objeto). Desse modo, o sujeito cai do seu pedestal: o mundo não se reduz ao que é visto por ele, ao que está em relação com ele. Como ressalta Lima, a tensão da relação sujeito/objeto está em primeiro plano, o que não extingue o sujeito lírico, mas o coloca em outra posição.

Em *Dentro/fora: Rio de Janeiro* percebe-se um exemplo desse processo. Há uma primeira oposição entre sujeito e objeto logo no título, sendo dentro (“atrás dos vidros”) e fora (“a rua pétrea”) marcadamente separados. Como assinala Lima (2002, p. 234), essa separação começa a ceder quando o eu observa os passantes que “deslizam/por dentro do vidro”, criando uma sobreposição: há uma “transitividade intransitiva”, pois sujeito e objeto estão em espaços diferentes, mas, por um instante, essa divisão é suspensa.

Seguindo as reflexões de Lima, Bosi (2021, p. 281) aponta como neste poema, diferente dos outros nos quais ainda havia um sujeito-coisa a sustentar um núcleo anímico, “tudo se dá como se a voz que enuncia fosse uma coisa – o olho pétreo espelhado que reflete outros, imagens passageiras, enquanto ele permanece estático, dentro de um espaço visual em que se vê e se é visto de forma limitada e sem possibilidade de interlocução”.

Podemos complementar essa discussão com a observação de Arrigucci Jr. (2000), que aponta um hermetismo, de certa forma, aberto ao social, a um outro sem nome com o qual é

²⁹ LEITE, S. U. *Dentro/fora: Rio de Janeiro*. In: _____. **A espreita**. São Paulo: Perspectiva, 2000

possível se identificar – mas não se sabe quem olha, o sujeito do poema ou o outro que o enxerga. Diante de tais argumentações, esse outro pode ser compreendido também em um estado “coisificado”, objeto identificado a um outro objeto. Nessa perspectiva seria possível apontar intersecções entre a voz poética contemporânea do “sujeito-pedra” – que aparece nos poemas de Torres Filho, Chico Alvim e Uchoa Leite – e o sofrimento psíquico na atualidade?

4. METODOLOGIA

Para realizar a pesquisa proposta, optamos pelo uso da vinheta clínica articulada aos textos poéticos como procedimento principal. Tal procedimento faz com que a experiência psicanalítica ganhe forma literária, o que se mostra uma possibilidade profícua para colocá-la frente a frente com os textos dos poetas, com o intuito de refletirmos sobre o mal-estar contemporâneo. Como vimos anteriormente, a aposta é que a poesia possa traduzir, de algum modo, o que ainda encontra percalços para ser elaborado por pacientes e também compreendido por analistas.

Enveredamos pelo procedimento das vinhetas clínicas por apostar na escrita de um caso não apenas como um trabalho de transcrição, mas, sim, como uma possibilidade de elaboração por parte do próprio analista – o que já ficava evidente nos históricos clínicos do criador da psicanálise. Como constatou Herrmann (2006), Freud pensava por escrito. Por meio de uma ficção especulativa, propôs uma forma de pensar o psiquismo, a cultura e a sociedade, processo facilitado por sua aptidão para a escrita literária. Ou seja, a literatura não seria apenas uma forma de expressar um pensamento, mas sim de *produzir* um pensamento:

[...] há um “pensamento por escrito”, próprio da literatura. A organização linear do texto, o emprego de metáforas, comparações e de cenas elucidativas para a apresentação das personagens, a transformação de idéias em enredo e a subsequente reprodução das situações por meio da narrativa, onde tempo, espaço e atributos do ser mimetizam-se no espaço-tempo textual, no colorido sonoro e visual das frases, tudo isso determina uma forma muito especial de pensamento. Escrevendo obcecadamente, Freud pensava por escrito, exatamente como um ficcionista. (HERRMANN, 2006, p. 219)

No caso de Freud, especialmente ao trabalhar seus casos clínicos, podemos notar elementos comumente relacionados à prosa, como destaca Herrmann ao falar, por exemplo, a respeito de uma organização linear. No entanto, há também o “colorido sonoro e visual das frases”, e mesmo o emprego de metáforas, tão comuns à poesia e à prosa poética. Sublinhamos isto apenas para destacar que a produção de pensamento associada ao fazer literário não está restrita a um estilo, mas aos inúmeros modos por meio dos quais a realidade é apreendida e transformada.

No que diz respeito à pesquisa científica, ao mesmo tempo em que a ficção abre o campo das hipóteses de forma criativa, pode se tornar uma armadilha para o pesquisador: ou seja, este pode ser capturado pela rede que criou, acreditando que a realidade condiz exatamente com sua teoria. Herrmann destaca que Freud caiu nessa armadilha. Em alguns momentos, ao falar do aparelho psíquico, pareceu tomar a realidade como fato posto, cabendo ao aparelho psíquico

reconhecê-la. Tal relação, perceptualista, pode ser notada em textos como *Projeto para uma psicologia científica* (1985) e *o Ego e o Id* (1923). Por outro lado, os históricos clínicos e análises da cultura carregam uma espécie de teoria implícita, onde a realidade é tratada como criação do sujeito (HERRMANN, 2006).

A psicanálise, fundada na herança teórica de Freud, carrega consigo o mito do complexo de Édipo e, diferente de outras disciplinas – nas quais procedimento metodológico e teoria ou pesquisa têm uma distinção evidente –, o mito mencionado está presente mesmo em outras derivações metodológicas. Devido a essa falta de distinção, especialmente no caso da psicanálise, pode-se criar uma limitação para o desenvolvimento de novas hipóteses e ficções especulativas que ainda não foram pensadas.

A partir da modernidade, a ciência passou a valorizar cada vez mais a etapa de validação de hipóteses – o que é importante na medida em que se evita falsificações de resultados. No entanto, nesse processo, outras etapas acabaram sendo obscurecidas, a exemplo da qualidade heurística de cada pesquisa. Em termos metodológicos, a abertura para a ficção pode ser um instrumento importante para a elaboração de hipóteses, que poderão ou não ser validadas em um segundo momento.

Nesse sentido, além da herança teórica, seria interessante inspirar-se em Freud no que diz respeito ao seu potencial criativo como autor/escritor; e justamente a literatura pode servir como propulsora para novas teorizações. A proposta de Herrmann é que a forma literária é análoga à psicanálise assim como a Matemática é à Física.

A ficção, apreendendo o estofo psíquico da vida de relações, isola o campo a ser investigado, purifica-o da complexidade infinita de outras intromissões do real e, por fim, recria as condições para nova teorização. Pela ficção, talvez possamos voltar à teoria produtivamente – entendendo por produtivo o pensamento que gera saber sobre novo campo da vida anímica. (HERRMANN, 2006, p. 222-223)

Utilizar a composição única que cada pesquisador-psicanalista pode conceber para selecionar um objeto de pesquisa vai de encontro à proposta metodológica de diversos autores contemporâneos. Mesmo porque, assim como em outros campos das ciências humanas, não é possível isolar o pesquisador de seu objeto de pesquisa – neste caso, considerando que o mesmo compartilha da dimensão inconsciente e não pode se colocar à parte dela. Levando em conta que o método psicanalítico se trata de um procedimento de investigação de processos inconscientes, de um procedimento terapêutico e de um conjunto de conhecimentos em contínua expansão e reformulação (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006), tanto o sujeito quanto o objeto estão em contínua transformação.

O objetivo da pesquisa dessa dissertação é apontar as possíveis intersecções entre a voz poética contemporânea do “sujeito-pedra” – que aparece na obra de Torres Filho, Chico Alvim e Uchoa Leite – e o sofrimento psíquico na atualidade. Compreende-se que o diálogo interdisciplinar (literatura e psicanálise) pode favorecer a compreensão das situações clínicas contemporâneas de modo mais complexo, guardando a profundidade dos sofrimentos que acompanhamos na atualidade.

O objeto de pesquisa do psicanalista pode ser dos mais variados: além dos casos clínicos que impulsionam o desenvolvimento da psicanálise, objetos da cultura são trabalhados a partir da atenção flutuante. Primeiramente, estamos no campo dos processos primários, relacionados ao inconsciente, às emoções. A primeira aproximação com o objeto passa por aí e só em um momento posterior entram em cena os processos secundários, relacionados à consciência e à razão, que dão um contorno objetivo ao material da pesquisa.

A possibilidade que já estava presente no objeto emerge a partir do método psicanalítico, colocando o pesquisador em posição de enxergar o que não via anteriormente. Cada leitura de um texto, por exemplo, é condição de descoberta e invenção, processo que está relacionado à concepção de Winnicott sobre a ilusão necessária para o desenvolvimento emocional primitivo e para o espaço transicional.

Mas como se chega à definição de um objeto de pesquisa? Avançando na discussão sobre método, Ribeiro, Flores e Ramos (2022) tratam do uso do *fragmento intersubjetivo*, o qual tem como esteio o *mito de referência* do pesquisador-psicanalista. O fragmento intersubjetivo nasce de determinada experiência, seja de escuta clínica, seja de leitura de um texto, que afetou o pesquisador-psicanalista, tornando-se não apenas um fragmento clínico ou teórico a ser investigado, mas um fragmento derivado da experiência a partir de uma variedade de situações nas quais o psicanalista está envolvido. Esse conjunto de múltiplas experiências – escuta dos pacientes, leitura dos psicanalistas predecessores, diálogos com colegas e vestígios da própria análise – é denominado mito de referência por André Green³⁰, conjunto responsável pela apreensão particular de cada pesquisador.

Não necessariamente um fragmento intersubjetivo se tornará objeto de pesquisa. Para isso, ainda há um segundo aspecto a considerar, uma espécie de ponto de saturação. Clínica e teoria se encontram à medida em que um acontecimento clínico, um elemento teórico, uma epígrafe poética, uma passagem literária, etc. tendem a convergir na mente do pesquisador-psicanalista como formas distintas de tratar um mesmo ponto.

³⁰ Cf. GREEN, A. (1987). **A loucura privada**: Psicanálise de casos-limite. São Paulo: Escuta, 2017.

Como explicam Ribeiro, Flores e Ramos (2022), Bion³¹ propõe a denominação “fato selecionado” para tal convergência, com base na obra do matemático Poincaré. O fato selecionado coloca certa ordem na complexidade dos elementos, tornando apreensível aquilo que inicialmente era uma experiência desorganizada: ou seja, um ponto de ordem na desordem psíquica, um ponto de saturação. Para apreensão dos fragmentos, por parte do psicanalista, é necessário encontrar-se em um estado de atenção flutuante, sem prender-se a nenhum elemento consciente em especial.

No caso desta pesquisa, podemos indicar que os fragmentos intersubjetivos suscitados a partir do mito de referência da pesquisadora tiveram seu ponto de saturação na imagem do sujeito-pedra: ou seja, os poemas que remetem a essa imagem parecem estabelecer um diálogo instigante com os casos acompanhados na clínica. A voz lírica, na medida em que explicita aspectos de seu tempo, pode nos ajudar a refletir sobre o mal-estar experimentado por analistas e pacientes, dando algum contorno ao que nem sempre é explícito.

Também é importante destacar que toda produção teórica tem um direcionamento ético subjacente, e sua exposição não é menos importante do que outros elementos envolvidos em uma pesquisa.

Houve um avanço significativo sobre essa discussão após o choque provocado pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial – como o uso da tecnologia e da ciência para fins destrutivos – que levou à reflexão a respeito de como o projeto científico desenvolvimentista contribuiu para o horror visto naqueles anos (SAFRA, 2018). As ciências humanas ganharam destaque neste processo, levantando questões relacionadas aos efeitos produzidos por cada direcionamento epistemológico.

Como consequência desse período, ganha força a tradição da Europa Oriental que via na literatura uma maneira de abordar o ser humano em sua complexidade – com Dostoiévski sendo o autor mais conhecido entre os que contribuíram para esta linha de pensamento. A noção de polifonia elaborada por Bakhtin (1929/1997) não fica restrita às especificidades de um campo, e sim abre espaço para a reflexão sobre a importância do diálogo estabelecido por diferentes vozes, aspecto central para a pesquisa interdisciplinar.

Como dito há pouco, esta pesquisa visa articular literatura e psicanálise com o intuito de observar o que esse diálogo pode produzir em termos de novos saberes, a partir de uma perspectiva conciliar-polifônica. Com base nessa perspectiva, entende-se que a condição humana não é pautada pela individualidade, e sim por uma concepção comunitária de

³¹ Cf. BION, W. R. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. In:_____. **The complete works of W. R. Bion** (v. 5). London: Karnac, 2014.

singularidade, “na qual está presente a história de nossos encontros, fecundos ou não, com os outros que fizeram parte de nossa existência” (SAFRA, 2018, p. 369). Nesse sentido, a pesquisa interdisciplinar visa compreender a experiência humana em sua complexidade, buscando acessar o objeto por seus vários vértices – ao invés de apontar um único fator explicativo para a totalidade do fenômeno, característica das teorias da modernidade.

Na abordagem polifônica, o texto é espaço de produção, e não apenas de transcrição de conhecimento; e essa produção se dá a partir da alteridade, da relação do pesquisador com o texto, do texto com seus leitores, dos escritos de uma época em diálogo com o passado e o futuro, e assim sucessivamente.

Desse modo, ressalta-se como procederemos pela via oposta a qualquer tentativa de análise dos poemas trabalhados, na medida em que tal via pressupõe um sujeito pesquisador que tem domínio absoluto sobre o objeto pesquisado, e não a compreensão de que há diferentes vozes a serem escutadas, discutidas, e que têm seu espaço garantido em qualquer pesquisa – sendo ele assumido ou ocultado.

5. CASOS CLÍNICOS

Seguindo as proposições metodológicas, passemos agora aos casos clínicos. A escolha dos casos se deu por meio da possível afinidade com alguns eixos centrais da pesquisa bibliográfica sobre o mal-estar contemporâneo e sobre a voz do sujeito-pedra, que parece refletir esse mal-estar. Entretanto, é importante ressaltar que esse movimento aconteceu de forma paralela, não linear: questionamentos que já estavam presentes na prática clínica ganharam corpo a partir das leituras, mostrando-se possíveis núcleos de enlace entre os diferentes campos no que diz respeito ao mal-estar.

Para iniciarmos esse percurso, primeiramente, os casos clínicos serão apresentados de forma panorâmica e, em um segundo momento, retomaremos os principais aspectos ressaltados sobre a voz lírica do sujeito-pedra para colocá-los em diálogo com as questões clínicas de cada paciente, destacando pontos de aproximação e distanciamento entre eles. Como assinalado na metodologia, a apresentação do caso será feita em forma de ficção literária.

5.1 “Onde o chão é chão”: um corpo preso ao presente

Dos raros sonhos que teve durante os anos de terapia, Lídia³² se recorda de um em especial: vê sua casa rachando enquanto a irmã é levada pela correnteza, de onde tenta desesperadamente resgatá-la. Os escassos sonhos são permeados por desastres e os desastres permeiam a vida cotidiana.

Pegar no sono não é tarefa fácil. Quando fecha os olhos, tenta ignorar a movimentação da polícia no entorno da comunidade onde mora. Um estampido ou outro, na época das festas, é confundido com o barulho dos fogos. Logo pensa no filho de 19 anos: estaria ele em casa ou na rua? Levanta para verificar. Caso esteja em casa, a tentativa de pegar no sono tem alguma possibilidade de ser bem-sucedida. Queria pensar menos, sentir menos, não se importar tanto com essas coisas.

Depois de mais uma noite mal dormida, algo recorrente nos seus quase cinquenta anos, Lídia passa na casa da mãe para lhe dar o café da manhã. A vida sofrida de uma mulher que veio do interior e mal tinha o que comer agora dá espaço aos andrajos da velhice, mas ao menos nada lhe falta, pensa a filha. No caminho para o trabalho, o mesmo que percorre há cinco anos, passa por uma esquina onde costuma-se jogar entulhos dos mais variados. Vê

³² Os nomes dos pacientes são fictícios, pois pretende-se preservar em sigilo a identidade dos mesmos.

alguns livros de colorir e sente um misto de alegria e dor ao lembrar do sonho de dar aula de artes em uma escola ali perto.

Pouco mais adiante, passa por outra esquina de clima diverso: vários garotos reunidos, dando risada, alguns deles fazendo um corre. A sensação de frio começa a percorrer a espinha, seguida pelo suor e pela ânsia do coração que parece sair pela boca: o filho estaria ali entre esses meninos, arriscando-se na esquina enquanto ela dá duro no trabalho? Certamente, pensa, foi sua culpa, por ter se separado do pai dele tão cedo, por não ter passado mais tempo em casa. Ao mesmo tempo, a raiva sobe às têmperas. Como pode ele não aproveitar as tantas oportunidades de estudo que teve, enquanto ela sofreu uma infância miserável, sem comida, diversão, afeto? Enquanto os sobrinhos estão tentando sair da vida no morro, ele é o único que ficou assim.

Na última esquina antes do trabalho, depara-se com um homem bêbado. O estado daquele homem desamparado, em miserável sofrimento, faz com que uma ânsia intensa tome corpo novamente; inclina-se na sarjeta para vomitar, mas nada sai, só um vazio. Entra no posto e fala sobre o que viu ali na porta. Alguém poderia ajudá-lo? Não, ninguém. Vai para trás do balcão da farmácia do posto e começa mais um dia. Não compreende como seus colegas conseguem não se envolver com o sofrimento alheio; gostaria de ser assim, indiferente. Uma enfermeira, certa vez, disse que ela não poderia se emocionar com tanta facilidade, que deveria ter pesquisado mais sobre onde iria trabalhar antes de ter prestado aquele concurso. Outra colega avisou que ela não deveria ser tão bondosa com os outros. Devem me achar uma tola, uma retardada, considerou. Queria pensar menos, sentir menos, não me importar tanto com essas coisas.

Os dias no posto causam um turbilhão de sensações em Lídia. As situações que presencia envolvendo crianças ou adolescentes são as mais dolorosas, pois trazem a recordação do filho. Quando fica sabendo de algum caso de negligência na comunidade, tenta oferecer qualquer tipo de ajuda, o que a faz questionar até onde pode se envolver no trabalho. A impotência ao não ver o direcionamento adequado para alguns casos acrescenta algumas camadas de estresse ao seu cotidiano.

Quando pode, escapa para fumar um cigarro. Tenta parar há anos, mas é difícil abrir mão desse pequeno prazer diário diante da tormenta. Entre uma tragada e outra, se atualiza das ocorrências na comunidade. Adolescente encontrado morto com dez tiros. Apreensão de drogas acaba com três traficantes presos. Operação a ser realizada na sexta-feira paralisará atividades das escolas. Aumentam casos de suicídio entre jovens. E o filho, onde estará àquela hora?

Lídia assiste à reportagem na TV do posto sobre um rapaz de 17 anos que passou em duas faculdades de medicina. A repórter fala com a mãe e a avó, que dizem estar orgulhosas. Seus olhos marejam. Por que não teve essa sorte? Por que a sorte sempre mora na casa ao lado? Lembra da gravidez difícil e dos primeiros anos de vida do filho, que ficava doente com frequência. Certo dia, quando estava internado, ela assinou um papel e o levou para casa, pois tinha certeza que saberia alimentá-lo melhor do que as enfermeiras e ele ficaria bom.

Passou a ter medo de que o filho morresse enquanto dormia e checava constantemente sua respiração. Também tinha medo de morrer e deixá-lo sem ninguém. Sente que, nesse período, deixou o marido de lado, e se culpa por ele ter ido embora. O noticiário chama novamente a atenção, mais um confronto entre facções ali perto. Um policial dá entrevista, Lídia sente ânsia. Certa vez, exigiram revistar seu carro. Ela pediu identificação, eles não mostraram nada. Em outra ocasião, lembra bem, saía do mercado com filho, que estava no banco do passageiro. Julgaram que ela estava em perigo e abordaram os dois. O pior de tudo foi quando levaram seu menino para a delegacia. Ela não estava em casa, entraram lá e acharam umas coisas estranhas. Mesmo sem comprovação nenhuma na época, sente que não pode mais defendê-lo, pois ele já fez algo errado.

Está distraída quando um dos doutores do posto adentra o espaço, apressado como sempre. Passa reto por ela e cumprimenta o colega mais à frente. Isso sempre acontece, mas deve ser cisma sua, coisa da cabeça. Provavelmente ele não a viu. Queria pensar menos, sentir menos, não se importar tanto com essas coisas.

Lídia costuma se posicionar em algumas situações, mas logo vem o sentimento de culpa por arrumar briga demais. Ah, se esse doutor a pegasse em um dia ruim... Lembra de quando estava em uma reunião com outros técnicos e falaram para outro grupo entrar pois ninguém estava usando a sala. Ninguém. Eles são ninguém pros doutores e também pro pessoal da comunidade. Outro dia estavam querendo quebrar o posto porque não tinha medicamento nem médico para atender. Gente maluca. Dizem que ela é maluca também por fazer terapia e tomar medicação, talvez seja mesmo. Mas entende bem a raiva deles.

Durante o feriado, quando a mãe passou mal e precisou de atendimento, elas ficaram de um lado para o outro, pois ninguém queria atender. A médica estava sem fazer nada, mas não queria atender. Lídia se desesperou diante da recusa sem sentido e chorou copiosamente. Chorou com o corpo todo, a ponto de mal conseguir ficar em pé. Como fui idiota, pensa. Queria conseguir falar calmamente sobre as coisas, sem afetação, e não chorar desse jeito. Queria pensar menos, sentir menos, não me importar tanto com essas coisas. Preciso aprender isso na terapia, não tem como continuar desse jeito. A Marta que está certa, bate o ponto e volta para

casa como se não tivesse visto nada acontecer, ninguém sofrer, ninguém morrer. Já eu, volto para casa e não consigo dormir. Certamente o problema sou eu. Queria pensar menos, sentir menos, não me importar tanto com essas coisas.

5.1.1 Algumas considerações sobre o caso

Lídia enfrentou e segue enfrentando uma precariedade material, que acabou por fragilizar inclusive seus laços familiares: devido ao excesso de trabalho dos pais, recebeu pouca atenção e afeto na infância, e, por conta da situação delicada em sua comunidade, também enfrenta problemas na relação com o filho. Os pais migraram do interior ainda jovens, no período de grande desenvolvimento dos centros urbanos. Da vida no campo, com muitas dificuldades, passaram a fazer parte da mão de obra responsável pelo desenvolvimento da cidade, estabelecendo-se em uma comunidade do Rio de Janeiro. Além do desenraizamento estético, dos ritmos e nuances perdidos da vida no campo, a humilhação decorrente do contato com as classes dominantes e do racismo³³ estava presente no cotidiano do jovem casal. Percebemos o afastamento afetivo do núcleo familiar devido às exigências da sobrevivência, do trabalho incessante. Como aponta Weil (1936/1996), essa situação provoca o grau máximo de desenraizamento, pois consome o tempo direcionado a outras vivências do cotidiano, no caso, o tempo passado junto à família para estreitamento dos laços.

Assim como outras mulheres de sua família, Lídia foi mãe ainda jovem, e, com a separação precoce, precisou criar o filho sozinha. Como mãe solteira, trabalhava fora e cuidava da casa, o que exigiu muito de seu tempo. Justamente por isso, quando o filho se envolve com drogas durante a adolescência, culpa-se por suas escolhas: se fosse mais presente, nada disso teria acontecido. Em sua visão, ao sair da linha, o filho também se expõe à violência policial que aflige a comunidade. Lídia se sente extremamente envergonhada sobre o que os outros vão pensar quando souberem que o filho se envolveu com “coisas erradas”. Em relação à maternidade, percebemos uma angústia significativa de Lídia diante da possibilidade de perda do filho e da própria morte, aspectos que se configuram e se adensam no contexto social de exposição à violência. Como nos mostra Freud (1914/2010), o narcisismo dos pais é reatualizado na relação com os filhos. A superestimação e a negação de que doença e morte possam atingi-los, por exemplo, faz parte dessa reedição e reprodução do próprio narcisismo.

³³ Para aprofundamento da discussão sobre racismo e subjetividade, cf. SOUZA, N.S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Nesse sentido, a dificuldade de separação e compreensão do filho enquanto indivíduo também nos direciona a essa esfera, tocando a questão da precariedade narcísica.

No entanto, percebemos também como o processo de individualização das questões sociais aparece de forma significativa nesse caso, processo que despolitiza o sofrimento psíquico (DUNKER, 2021). Uma situação frequente que faz Lúdia ter “ansiedade” (palpitação, agitação, insônia) diz respeito às saídas do filho durante a madrugada. Para um jovem negro que vive em uma comunidade ocupada pela polícia, uma saída durante a noite representa o risco de não voltar. A possibilidade de sua vida estar em risco na rua, de ser alvo de alguma violência, faz Lúdia perder o sono a ponto de ela querer que ele não saia mais de casa.

A discussão sobre as toxomanias chama a atenção nesse caso, especialmente a distinção que se faz entre as drogas legais e ilegais, as primeiras com o aval garantido pela racionalidade médica. Lúdia faz uso de nicotina há algumas décadas, adicção que tentou interromper algumas vezes sem sucesso. O álcool também entra em seu dia a dia de forma problemática, para aplacar os momentos de tristeza, concomitante ao uso de psicofármacos. O filho, por outro lado, tem feito uso recreativo de drogas ilegais, uso que não afeta a sua rotina no trabalho. Esse impasse, mais do que uma questão moral, coloca em xeque a relação entre os dois, o que tem trazido grande sofrimento para ambos. Retomando a questão do narcisismo parental, também se nota como houve dificuldade na realização do luto relacionado à perda do filho enquanto bebê e criança, o que abriria espaço para o reconhecimento de um rapaz no início da idade adulta, que já faz algumas escolhas seguindo outra concepção de mundo.

Um ponto importante neste caso também se apresenta na relação de Lúdia com o trabalho. Os colegas próximos, segundo sua descrição, encontram-se em um estado de indiferença quase total no que diz respeito ao sofrimento do outro – especialmente aqueles que já trabalham no posto de saúde há muitos anos. A escassez de recursos e a alta demanda frequentemente geram atritos com a população local, que expõe a insatisfação, por vezes, de forma agressiva. Lúdia observa a indiferença como uma qualidade adquirida pelos colegas, não como uma consequência do contexto no qual estão inseridos. Percebemos um paralelo entre essa experiência e a voz lírica do sujeito-pedra, que está apartado de seu entorno, mas, ainda assim, se vê como uma coisa entre as outras.

Lúdia expressa um incômodo com as situações que vivencia – experimenta a tensão entre apostar nos enfrentamentos que lhe parecem certos ou se entregar à desistência completa, que idealiza como mais confortável. Entre um lado e outro, permanece na imobilidade. Nesse sentido, percebemos como traz algo que aparece nos últimos versos de *Escolho*, de Chico Alvim:

Entre dois trajetos
dois portos
(duas lagoas
duas doenças)

Sublimes virtudes do acaso
por que não me tomais
por dentro
e me protegeis do frio de fora
da incessante, intolerável, fuga do enredo?
da escolha?

Uma vida que siga certas regras e se assemelhe a de seus colegas parece mais confortável do que a fuga do enredo, ideia de movimento que gera insegurança.

No posto, a auxiliar de farmácia se vê frente a uma cultura orientada pela técnica, na qual os aspectos humanos, mesmo na área da saúde, acabam por submergir em meio à burocracia e precariedade. Como vimos, as relações de mercado servem como parâmetro para as relações humanas (HARVEY, 2008) e, nesse sentido, a maximização da eficiência perpassa todos as dimensões da vida em sociedade, inclusive aquelas de responsabilidade do Estado.

Nesse caso, localizamos as agonias que ocorrem no percurso da vida (SAFRA, 2015), especificamente as de desenraizamento ético, humilhação e invisibilidade, causando fraturas no *ethos*. As abordagens policiais sem fundamento, assim como as invasões à moradia de Lídia e de outras pessoas da comunidade, infringem a dignidade e as colocam frente à desumanização pelo abuso de autoridade do outro. Dentro do posto, tais violências ganham lugar na relação com outros tipos de autoridade, a exemplo da autoridade médica. A invisibilidade se dá frente a profissionais com maior reconhecimento, os quais colocam a vida da mãe de Lídia em risco ao recusarem atendimento. A vergonha de si, individualização das violências sofridas, vem como consequência de todas essas situações do cotidiano e faz com que Lídia duvide das próprias impressões sobre o seu entorno.

O sentimento de impotência diante das dificuldades enfrentadas encontra no corpo uma vazão. Ao presenciar alguma situação mais grave no dia a dia do posto, sente taquicardia e enjoo intenso, que se expressa no gesto de um vômito que na maioria das vezes não traz conteúdo nenhum. A dimensão do corpo fala mais alto, e não apenas enquanto registro da tensão

entre desejo e recalque: os sintomas físicos emergem das situações de angústia sem mediação possível. O corpo, que traz sensações incompreensíveis para Lídia, causa incômodo por não poder ser controlado. Não há comunhão possível com essa dimensão enraizada na natureza, o que vemos também na poética do sujeito-pedra:

O céu redondo, capa impermeável
ou sobretudo lírico, acrescenta
um toque de ironia

Nos versos de Torres Filho, o céu parece descolado da experiência humana e marcado por um toque artificial. Por ser impermeável, apresenta um limite que não possibilita a porosidade e o atravessamento: as trocas necessárias entre dois ambientes vivos.

Imobilizada em um lugar pouco humano, sem perspectiva de escape, Lídia gostaria de se entregar a uma vida de superfície, sem os desatinos da tensão entre exterior e interior. A tensão e seus movimentos, algo que busca evitar, estão enraizados na materialidade dos mecanismos de uma instituição de saúde precarizada, assim como na experiência de desigualdade vivenciada diante do abuso de poder e violência.

A falta de perspectiva de mudança na comunidade e em seu local de trabalho resulta na vontade de não querer ser mais afetada pelas interações diárias – como se fosse possível deixar a comunidade humana por alguns instantes para não partilhar de seu sofrimento. Em outras palavras, Lídia gostaria de adoecer no mesmo nível de seus colegas, que precisaram encontrar meios de lidar com a rotina árdua diante da falta de outras opções. Com o fim das utopias, que se esgotaram na metade do último século, e diante da ascensão do discurso neoliberal, o sentimento de estagnação e de um presente sem possibilidade de futuro passou a delimitar de modo significativo as subjetividades (JAMESON, 2017; DUNKER, 2021).

5.2 Uma outra terra possível

Quando o dia começa, para os outros, lá fora, Tarsila inveja o movimento alheio. Impressionante a quantidade de coisas que fazem: tomam café, trabalham, vão para a academia, divertem-se. Para ela, a vida parece passar na roda em que seu hamster corria quando era pequena, tudo no mesmo lugar. A roda, no seu caso, é o próprio corpo, um inimigo difícil de domar; no início de sua terceira década de vida, parece ter muitas décadas a mais.

O desânimo profundo, persistente, tornou-se um peso imenso que não deixa as suas costas e faz sofrer cada nervo, músculo, cada pedaço daquilo que se entende por Tarsila.

Tenta traçar uma linha na sua história para entender onde ela se quebrou. Na adolescência, assim como outros jovens, teve o desejo de trabalhar com algo relacionado às artes, especialmente por ter crescido em meio às cores e texturas orientais que estampavam a casa da família paterna. Considerou estudar em outra cidade, mas o receio de encarar uma grande metrópole e deixar a casa dos pais barrou essa tentativa. Queria ter tido a coragem da prima, que não ligou para os comentários alheios e partiu assim que possível.

Tarsila ficou na pequena e atrasada cidade e ingressou na área de saúde para agradar ao pai. Quando pensa nisso, vê a figura dele em sua frente. Esbelto, esportista, parece ter tudo sob controle, mas apenas para quem o vê de fora. De dentro da casa, na visão da esposa e dos filhos, a figura se distorce e retorce, em crises de raiva que nem a dedicação extrema ao trabalho consegue aplacar. No fundo, o medo dele sempre esteve rondando. A satisfação discreta em agradá-lo ao se formar em enfermagem dissipa-se rapidamente. Logo, Tarsila entra em um estado de desânimo que se adensaria nos anos seguintes, mas que aqui dava as caras pela primeira vez. No ímpeto de sua juventude, finalmente consegue seguir os passos da prima, indo morar na mesma cidade que ela. A proximidade entre as duas aumentou, tornando-as quase irmãs em uma amizade que costumava salvar Tarsila nos momentos mais difíceis.

A cidade grande era tudo que sonhava: um caleidoscópio de cores, sensações e ritmos que a transportava para vários lugares antes inimagináveis. Os elementos novos, a possível carreira, a amizade, a metrópole, pareciam compor uma base mais sólida na qual ela finalmente poderia se firmar como pessoa. No entanto, algo havia ficado para trás. Entre idas e vindas, mantinha uma relação turbulenta com um amor da juventude, que nunca engrenou para algo além dos encontros sem compromisso. O pai não aceitava aquela relação, o que a deixava em um estado de tensão permanente; após a mudança para a metrópole, pôde receber o rapaz algumas vezes e com mais liberdade. Certo dia, Tarsila suspeitou que o inesperado havia acontecido. Os enjoos e tonturas não deixavam dúvidas: estava grávida, certamente, e os planos teriam de ser refeitos a partir de então.

O breve terror diante da ideia foi sucedido pela imagem dela, do parceiro e do filho juntos, felizes. Talvez este fosse o algo a mais que faltava para que ele pudesse enxergá-la como a mulher de sua vida e para que a família pudesse aceitá-lo. Pensava como os dois poderiam ter uma vida boa na cidade, onde sempre quis criar os filhos um dia, e lembrou do desejo de seu pai em ter netos. Tarsila comunicou ao rapaz a suspeita de gravidez antes de

fazer o teste e, quando o resultado negativo veio, sentiu uma dor lancinante ao perceber a felicidade do outro lado da linha. Não demorou muito para que os dois se afastassem de vez.

Essa foi a primeira vez que a linha se quebrou. Ao recordar daquele período, Tarsila lembra que depois desse episódio as festas se tornaram intensas, inacabáveis. Mas, um dia pela manhã, não teve vontade de levantar da cama; a esse dia se sucederam outro e outro. Sentia-se vazia. Com a ajuda de alguns remédios, voltou a ter uma rotina funcional depois de algum tempo, e o tempo também trouxe Arthur, um rapaz estável e sem muita personalidade.

A vida de Tarsila entra em um marasmo que lhe parece agradável: a carreira no ramo da moda, apesar de não ser exatamente o que queria, torna-se uma fonte de renda. A vida a dois com Arthur, que não deixa faltar nada, também não decepciona. Mas logo se dá um segundo corte na linha de sua história. A prima, melhor amiga e principal referência na sua mudança para a cidade, faz as malas para bem mais longe. Sente-se sozinha novamente. Pouco após a partida dela, dores difusas e intensas pelo corpo, dores no estômago e uma alergia insistente levam Tarsila a uma peregrinação sem fim por várias especialidades médicas, que não detectam nenhum problema fisiológico. A visita ao psiquiatra teve efeito mais significativo e, com a medicação, novamente ela retoma atividades cotidianas, mesmo sem compreender ao certo o que se passou naquelas duas rupturas dos anos anteriores.

No entanto, a volta para o cotidiano fica cada vez mais difícil. O empuxo para o retorno, puxar aquela linha quebrada para arremedar novamente a própria história, torna-se um esforço grande demais. A dificuldade em arrumar trabalhos temporários em sua área e realizá-los acaba por afastá-la completamente das poucas tarefas que conseguia exercer. Arthur passa a cuidar da casa completamente.

Uma dúvida começou a martelar em sua cabeça: será que ainda haveria algum futuro possível sem a dependência do pai, do marido ou de qualquer outro? Pensa na avó paterna, que faleceu quando era criança. Passava as tardes na casa dela, entre as tapeçarias de cores escuras e os perfumes que remetiam a outra terra. Ao recordar de sua primeira profissão, como enfermeira, lembra-se da impressão que lhe causavam os instrumentos dispostos na mesa de cirurgia, que evocavam o manejo das agulhas de costura de sua avó. Da racionalidade encarnada pelo pai, que influenciou suas primeiras escolhas, algo de genuíno também pode surgir, mesmo em meio à aspereza e assepsia do ambiente hospitalar.

Uma das poucas coisas que lhe trazem ânimo atualmente é a possibilidade de viajar, de conhecer outros lugares, assim como conheceu a cidade grande nos anos idos da juventude. Gosta de observar a estética de cada lugar, as peças significativas sobre a história de cada povo. Na medida em que começa a rememorar os elementos da casa de sua avó, advém o desejo

de usar as habilidades desenvolvidas na moda para produção de peças que tenham a ver com aqueles primeiros anos.

Os pensamentos começam a voar mais alto: talvez possa até produzir peças de tapeçaria no estilo oriental, vender algumas delas, construir uma base que a sustente. Talvez deixe tudo para trás e caia no mundo, como a prima. No entanto, antigas questões – como a urgência de sucesso rápido demandada pelo pai e a falta de segurança para dar seus passos – não a deixam sonhar alto demais. Caberá a ela fazer frente ou não às pesadas expectativas familiares, mas fato é que uma resposta singular, própria, surge como uma centelha em meio ao desencanto.

5.2.1 Algumas considerações sobre o caso

De uma perspectiva psicanalítica, podemos perceber como o caso de Tarsila se insere no que costumamos denominar problemática narcísico-identitária, na qual os limites entre o eu e o outro se confundem, misturam-se. Podemos observar essa falta de limites, de uma transitividade intransitiva, no poema de Uchoa Leite, no qual o eu observa os passantes que “deslizam/por dentro do vidro”, criando uma sobreposição.

Poderíamos marcar dois momentos fundamentais na história de Tarsila: o primeiro, de término com o amor da juventude e luto não vivido que leva a uma oscilação entre mania e depressão, expressões da intensidade; e um segundo, quando a prima admirada vai embora e o corpo já não é capaz de responder às demandas externas, pois perde seu suporte fundamental.

O corpo, para Tarsila, é um lugar hostil, inimigo. Nesse segundo momento, que se mostra um adensamento regressivo do primeiro, não há projeção para o mundo, mas tampouco há introspecção ou relação consigo mesma. A sensação de mal-estar surge de forma imediata: são dores que percorrem os membros, cansaço extremo, cada movimento exigindo um esforço quase impossível. Nos versos de *um toque*, de Torres Filho, percebemos esse elemento de desconexão e agressividade do ambiente:

Estive
algumas vezes só
como um rochedo
batido pelas bestas ondas verdes
do mar adjacente. Só
é como estar ausente
no centro exato. Limita por dentro.

Subjaz a esses momentos a precariedade narcísica relacionada a uma falta de lugar no mundo, que poderíamos observar pelo viés de uma falta de enraizamento – nesse sentido, a aderência ao outro aparece como saída possível.

Da mesma forma que a voz lírica do sujeito-pedra encarna o elemento mineral, o sujeito contemporâneo encarna o mal-estar no próprio corpo, em sua dimensão material. Quer dizer, não há os meandros simbólicos da conversão histórica, e sim a materialidade de uma dor que não pode encontrar outras vias de expressão. A “sensação de incapacidade para o movimento” (BOSI, 2021, p. 260) dessas vozes condiz com a imobilidade dos estados depressivos: não há ruminatórias, reclamações ou autoagressão proclamada em palavras, o que costuma advir no discurso melancólico, e sim o peso de um corpo que parece não responder mais às demandas externas. No contexto do mal-estar contemporâneo, estamos no plano das intensidades, pontuado por Birman (2017) e Dunker (2021), interligado ao contexto sócio-histórico da pós-modernidade e do capitalismo tardio.

Por breves momentos, Tarsila consegue vislumbrar um futuro, fazer planos, e se anima com a ideia de colocá-los em andamento. Mas logo esse primeiro impulso submerge na densa imobilidade, que aparenta proporcionar algum conforto. Observamos o paralelo com a voz do sujeito-pedra nos versos de Chico Alvim: se pudesse, Tarsila não escolheria. Ou melhor, é justamente esse lampejo de desejo que parece gerar o incômodo. A necessidade de escolha, em contraste com a imobilidade de um sujeito parado na plataforma, estagnado, ilustra o seu estado, com o corpo à semelhança das sacolas no chão:

Entre as pernas
no chão
as compras num plástico

Longe do verso perto da prosa
Sem ânimo algum
para as sortidas sempre –
enquanto duram –
venturosas da paixão

Podemos também pensar como essa estagnação assemelha-se a um protesto: por que se mover nesse lugar pouco humano, de coisa, de pedra? Antes ficar imóvel e mimetizar ao máximo o lugar de objeto.

Como vimos, os sentimentos de fracasso e impotência que assomam a figura do depressivo têm a função de individualizar o sofrimento, isolando a dimensão política e suas determinações objetivas (DUNKER, 2021). Estamos na esfera das intensidades, onde os sentimentos não remetem ao conflito entre a possibilidade de expressão e o isolamento, como bem notou Jameson (2017) ao tratar da pós-modernidade. Agora, autossustentados e individuais, os sentimentos estão alinhados ao espírito neoliberal e seu enfoque no indivíduo.

Nos casos críticos da atualidade, há um traço solipsista a partir do qual há impossibilidade ou dificuldade de endereçar a dor a um outro e transformá-la em sofrimento (BIRMAN, 2017). Essa partilha, justamente, requer uma temporalidade estendida, que integre a história de quem a expressa. A experiência de um tempo presente que não passa diz muito sobre o estado de Tarsila – do qual ela se afasta por alguns instantes quando começa a recobrar os elementos de sua história familiar, no enraizamento estético (SAFRA, 2015). À semelhança dos últimos versos de *Escolho*, a fluidez aparece quando pensa na possibilidade de se dedicar à tapeçaria, de se manter com seus próprios meios fazendo algo que parece ter sentido dentro de sua história. Por meio desse enraizamento estético, Tarsila consegue voltar a tecer uma narrativa que a tira de um estado de inércia, resgatando a dimensão temporal do psiquismo que possibilita o endereçamento a um outro.

Apenas quando começa a articular aspectos importantes de seu passado é que o futuro também toma outra forma. A possibilidade de criar o novo a partir do que existe, de transformar o passado a partir do presente, abre uma outra dinâmica de movimento temporal. Percebemos como esse movimento dialético é primordial para que o sujeito se aproprie da vida, no sentido oposto ao do falso *self* (WINNICOTT, 1983).

5.3 Um falso poeta

Não gosto de psicólogos, muito menos de psicanalistas. Não sei o que estou fazendo aqui. Talvez busque algum suporte, mas não acredito que ele possa vir da terapia ou de uma de suas incríveis técnicas. Em quase quarenta anos, digo para você, minha melhor companhia são os livros. Com eles me sinto bem. Desde a adolescência, é com eles que converso. Meu primeiro Goethe foi aos quinze, desde então não parei mais. Quando vou visitar a minha mãe no hospital, o que tem sido recorrente nos últimos meses, sempre estou com um livro a tiracolo. No caso da minha avó, que morreu de Covid, não tinha como fazer isso. Naquele período reli o Gaia Ciência, “a doença é a alegria para o filósofo”! Sim, o próprio Nietzsche tinha uma saúde bastante frágil, dizem que a sífilis contribuiu para a sua loucura e morte, mas hoje em

dia alguns pesquisadores estão apontando outras versões. Sobre a minha avó? Bom, não sei o que dizer, ela morreu.

Oscar é um homem composto por aforismas nietzschianos. Não só isso, sabe que foi no início de 1889 que o filósofo sofreu o emblemático colapso mental em frente a um cavalo. Também sabe que foi influenciado por Goethe, Schopenhauer e Heine, mas levaria algumas sessões para que pudesse compartilhar todo o seu conhecimento sobre o assunto. Seus pares, pesquisadores e professores de filosofia, não entendem bem o que Nietzsche queria dizer.

Borges é seu poeta preferido, não sabe bem por quê. Gosta do fato de ele ser argentino, um país com jeito mais europeu, onde as pessoas gostam de ler. Se ele apoiou ou não Videla, pouco importa, assim como é uma besteira associarem Heidegger ao nazismo. Oscar não gosta de política, das notícias, das revoltas: entende-se como alguém introspectivo, que está conectado a questões mais importantes do que essas efemeridades. Gostaria que o mundo fosse mais silencioso, sem tanta conversa. Pra que falar tanto quando se pode ler, meditar, estar consigo mesmo e com as próprias ideias? Pensa na erudição da Alemanha de Nietzsche e Heidegger e nas andanças de Borges pelas ruas de uma Buenos Aires antiga. Cita o Poema dos Dons, de cor: “Ninguém rebaixe a lágrima ou censura/ Esta declaração da maestria/ De Deus, que com magnífica ironia/ Me deu mil livros e uma noite escura”.

Oscar recita versos como alguém lê uma bula de remédio: a dimensão estética de sua fala não porta ritmos e nuances conectados a uma experiência vívida; traz à monotonia e desvitalização de não ser afetado por aquilo que lê. A ironia de Deus e a noite escura poderiam abrir um leque de possibilidades, se não fosse uma informação mais relevante para Oscar: sabia que Borges foi bibliotecário? E que o Umberto Eco criou um personagem inspirado nele, Jorge de Burgos?

Os pais, diferentes dele, não são grandes leitores. Sempre teve uma convivência harmoniosa com os dois, mas nada muito além disso. A mãe sofre com a saúde frágil há alguns anos, mas, mesmo assim, foi muito controladora com o filho mais novo. O pai, ao contrário, é visto como alguém leve e tranquilo, e se tornou o principal cuidador da mãe. Diante da fragilidade da vida que sempre se fez presente, Oscar encontrou refúgio nos livros. Nada mais cansativo do que as coisas cotidianas, nada mais cansativo do que lidar com a vida. Se pudesse, não sairia de sua imensa biblioteca, tal qual um idoso que opta por passar seus últimos anos mergulhado nos livros, longe do mundo.

Amizades? Não, não me importo muito com isso. Nesse sentido, sou bem diferente do Borges, que tem vários poemas dedicados à amizade. Vez ou outra, encontro uma pessoa com quem sinto vontade de conversar sobre algum assunto, mas você sabe... É difícil encontrar

peessoas que tenham os mesmos interesses por aqui. Tento ensinar aos meus alunos a importância de ler. Quando um deles está no celular, não resisto e tiro uma onda, “conte para nós o que de tão importante você está vendo”. Chega na hora da prova, eles tremem de medo, morro de rir. Mas um ou outro ainda se salva desse lixo. Eu, por exemplo, mal mexo no celular, sou completamente ignorante sobre as coisas da tecnologia, prefiro o conhecimento, a filosofia, a poesia.

Recorda de uma situação em particular, vivida junto à sua primeira terapeuta há alguns anos. Havia chegado um pouco antes do horário de sua sessão ao consultório e encontrou uma outra pessoa na antessala, que se despedia carinhosamente dela. Quando o vê, ela fica surpresa e muda de expressão, pedindo para que aguarde um pouco antes de entrar na sala. No início da sessão, curioso, pergunta se a pessoa da antessala se tratava de algum familiar, questionamento ao qual ela responde, após algum silêncio: “o que você acha de falarmos sobre você?” A resposta teve um impacto negativo em Oscar, que sentiu como se a fala da terapeuta portasse algo de “não humano”, sensação estranha.

Viu por que não gosto de terapia? Aliás, acho que isso aqui não está fazendo muito sentido, melhor pararmos por aqui.

5.3.1 Algumas considerações sobre o caso

O interesse por filosofia e poesia, ao invés de instigar Oscar com a maleabilidade que as perguntas podem gerar, forma uma espécie de teia que não o deixa ir para muito longe. Apesar das referências líricas, sua fala reproduz elementos que garantem o *status* de intelectual, mas não necessariamente expressam algo mais íntimo e subjetivo. Uma análise superficial deste caso poderia dar a entender que Oscar acessa a dimensão da criatividade e dos jogos de palavras por conta das referências que exhibe, mas não é exatamente isso o que acontece. Quando recita Borges, destaca sua habilidade para decorar versos e não o que eles alcançam na dimensão de uma *poïesis*. A racionalização dos elementos poéticos nos remete aos versos de Chico Alvim, que demonstram a literalidade do sujeito-pedra:

Ali onde o chão é chão
 as pernas, pernas
 a coisa, coisa
 e a palavra, nenhuma
 Onde apenas se refrata

a ideia
de um pensamento exaurido
de movimento

Pensamos que, na impossibilidade de vivenciar certas experiências de forma ativa, Oscar apega-se àquelas que lhe parecem mais interessantes, especialmente as vividas por seus autores favoritos. Afirma que o Brasil não é país para ele: pensa em se mudar para a Argentina, vizinha na América Latina mais próxima ao estilo europeu, onde poderá encontrar pessoas com um pensamento mais parecido com o seu, pessoas que “apreciam o hábito de ler” e discutir sobre suas leituras. A realidade no Brasil, para Oscar, passa longe do mundo idealizado que a vida no exterior poderia sugerir. Sem amigos próximos, a maioria de suas interações se dá com os alunos mais novos, sobre os quais exerce posição de autoridade.

Como podemos perceber, a filosofia e a poesia ocupam um lugar muito particular nesse caso, especialmente a dimensão poética, que parece ter sido racionalizada inclusive como uma forma de defesa. No entanto, por meio de um humor ácido, sarcástico, Oscar parece observar a pequenez de sua eloquência que não se deixa afetar. Assim, observamos a similaridade com a voz do sujeito-pedra, mesmo que, neste caso, haja mais *poïesis* em “torcer o pescoço do cisne”³⁴ do que em sua tentativa de reproduzir alguns versos. Os livros que rodeiam Oscar, além de serem um abrigo diante da fragilidade da vida, também têm a sua dimensão enquanto objeto sublinhada – ao invés de veículo para emoções e afetos, formam uma rede de proteção, um anteparo contra a aridez do mundo. Há pouco espaço para ser permeado pelo que vem do outro e expor aquilo que lhe é singular.

A sensação de imobilidade em relação ao fluxo da vida também se destaca nesse caso, atrelada justamente ao sentimento de estar apartado do entorno. A fantasia com outros lugares entra aqui como fuga da realidade. Oscar também se encontra parado – se não em uma plataforma, em sua biblioteca – e o desejo é de não mais precisar se mover. Mesmo assim, quando aponta a pouca humanidade da psicóloga, há justamente a demanda por um encontro que possibilite algo mais humano.

Quando tratamos da poesia de Chico Alvim, Uchoa Leite e Torres Filho, especialmente nos versos que evidenciam o sujeito-pedra, percebemos como tal poética tem um caráter mais metonímico do que metafórico. No entanto, algo interessante aparece nesse caso clínico, um

³⁴ “Primeiro/ O cisne se evade/ Depois é um cisne de outrora/ Depois torcem/ O pescoço da plumagem/ A eloquência da linguagem/ Enfim torcem/ O pescoço do cisne”. LEITE, Sebastião Uchoa (1991). Cisne. In: _____. **A uma incógnita**, São Paulo, Iluminuras, p. 14.

movimento que poderia se assemelhar ao do pastiche: uma espécie de cópia desafetada do discurso poético. As metáforas mimetizadas nas falas de Oscar, nesse sentido, não trazem a *poïesis*. Sua aproximação às características da voz lírica do sujeito-pedra se dá pela descrença, indiferença, falta de porosidade na relação com os outros e de interioridade em relação a si mesmo. Ou seja, estamos no plano da superfície, mesmo com a aparência de alguma profundidade.

Pensando a partir da literatura, a questão da estética se coloca em primeiro plano: ao declamar o poema como quem lê uma bula de remédio, Oscar não traz o ritmo, as nuances das palavras, o tom afetivo que elas poderiam carregar. Isso não diz respeito ao poema em si, mas à sua apropriação – por conta disso, enfatiza-se que nem todo poema que entra numa sessão carrega consigo a densidade da *poïesis*. Até mesmo porque, como nos lembra Borges (2011), o verso exige a pronúncia.

Como indica Ribeiro (2019), com referência a Bion, quando há uma “qualidade onírica e de *poïesis*” no encontro da dupla analítica, há possibilidade de pensar pensamentos ainda não pensados por meio dessa outra mente concebida a partir do encontro entre inconscientes. No entanto, era justamente isso que não ocorria nas sessões com Oscar. Quando recitava algum verso, logo era tomado por digressões intelectuais sobre a poesia ou sobre a figura dos poetas. É o que Bion denomina Linguagem de Substituição, o oposto da Linguagem de Consecução – a qual “inclui uma linguagem que é tanto um prelúdio para a ação quanto uma espécie de ação” (1970, p. 125). As palavras de Oscar pareciam aterradas em sua monotonia, mesmo quando recitava algum verso tocante de Borges: sua desvitalização impedia o voo das “palavras aladas”, que comportam e veiculam a verdade emocional do sujeito no encontro analítico (CESAR, RIBEIRO & PERROTA, 2022). Nesse caso, o campo da poética pode se tornar uma armadilha para a dupla, por ser um lugar confortável para o falso *self*.

Winnicott (1983) traça a etiologia do falso *self* nas primeiras relações objetais, quando o bebê não existe por si mesmo e se apoia no ego auxiliar da mãe. Quando está com fome, o infante alucina o seio que será oferecido a ele – resultando, assim, na onipotência criadora que aos poucos será desfeita. Nesse primeiro momento, espontaneidade e alucinação estão sobrepostas, e a forma como o cuidador lida com tal gesto de onipotência infantil tem repercussões no desenvolvimento emocional da criança. Esse gesto está relacionado ao *self* em potencial, que pode se desenvolver ou não dependendo do ambiente.

Em certa medida, o falso *self* é necessário para as relações sociais, pois preserva o *self* verdadeiro. A questão é que há gradações que vão além da “máscara” utilizada no convívio social e adentram outros espaços, impossibilitando a espontaneidade e o potencial criativo do

sujeito. É interessante notar que, para Winnicott, justamente aqueles que não viveram a “loucura” inicial – da onipotência e espontaneidade sobrepostas – são os que acabam adoecendo posteriormente por conta da submissão. Poderíamos supor, a partir de uma lógica dedutiva, que Oscar tivera seus gestos espontâneos limitados de algum modo nos primeiros tempos de sua vida. No entanto, essa dedução não é o ponto central aqui. Na experiência concreta do atendimento clínico, evidencia-se o modo intelectualizado por meio do qual se expressa, e isso aponta para uma problemática que está em uma ordem mais originária, mas que também encontra espaço para se sobressair na contemporaneidade.

A experiência de escutar um aforisma ou poema vindo de Oscar parece revelar a fala do falso *self* ao invés de uma fala espontânea, encarnada e colorida pelas nuances emocionais. O “sobretudo lírico/ acrescenta um toque de ironia/ ou de clemência” (*um toque*) e o protege de uma realidade que parece desagradável, de difícil tradução, já que mimetiza elementos externos na falta de uma experiência própria.

Como constata Fédida (1991) sobre os casos difíceis, “o tempo de engendramento da interpretação é atacado, assim como a capacidade metafórica do analista”. Estamos em um terreno no qual a temporalidade fica estagnada, o que se constata também na redução da capacidade de sonhar desses pacientes. Seguindo o pensamento do autor, nesses casos, há necessidade de renovação da potência *poiética* – viável a partir de um silêncio que possibilite uma fala singular. Do lado do analista, para lidar com o silêncio, os estados de petrificação e a clivagem do paciente, Figueiredo (2014, p. 131) aponta para a necessidade de uma escuta empática³⁵.

Haveria possibilidade de o falso poeta, de fato, vir a fazer poesia – ser afetado pelos ritmos, nuances e dimensões estéticas que passam pelas páginas e também pelas emoções até então resguardadas? Acreditamos que sim, inclusive por sua aproximação desse campo, que não deve ser desconsiderada. Mas, levando em conta a peculiaridade da inserção da poesia neste caso – de uma poesia que passa pelo *status* de seus autores –, pensamos que esta pode se tornar uma armadilha, inclusive para o psicanalista, ao se mostrar um lugar confortável para possíveis intelectualizações.

5.4 Esse obscuro objeto chamado sujeito

³⁵ Trata-se da escuta relacionada às falhas de constituição narcísica. Em Winnicott, as bases dessa escuta estão na mutualidade entre mãe e bebê, ou seja, na dimensão estética.

Era cerca de meia-noite quando Caio chegou ao seu condomínio, em uma cidade mínima de Minas Gerais. A lua parecia uma lâmpada acesa e contrastava com o entorno no breu, escuridão que refletia o interior do jovem homem na casa dos trinta. Ao entrar no apartamento onde vive só, Caio vai direto tomar uma ducha para limpar o corpo dos últimos acontecimentos. Não consegue acreditar a que ponto chegou.

Ainda de tarde, no escritório, não imaginava que o dia acabaria assim. Como de costume, entre um café e outro, trocava mensagens pelo aplicativo com alguns homens interessantes. Gostava daqueles mais velhos, na contramão de seus amigos próximos, que acreditavam que ele poderia conseguir coisa melhor. Um pouco antes do fim do expediente, ainda sem nenhum encontro marcado, recebe a mensagem de um homem atraente. A exuberância física ganhava um tom artificial com a segura das palavras, sem floreios: vamos aí? Bom, como não havia nada melhor para as próximas horas, concordou em encontrá-lo em um lugar afastado do centro, por volta das dez da noite.

Enquanto se ajeitava para o breve encontro, pensava nas demandas que precisava cumprir no escritório. Se quisesse uma promoção, teria que dar conta daquele projeto até o fim desta semana. Certamente, precisaria de tempo para fazer um trabalho bom e já havia saído nos outros dias para outros encontros. Mas a tentação era grande e Caio sabia que não era muito bom em resistir a tentações. Começou já tarde a provar os prazeres da vida e não tinha tempo a perder. Os amigos, às vezes, se preocupavam. Lembra da vez que ligou chorando para Martim porque havia contraído uma doença.

Afastou esses pensamentos rapidamente e saiu para pegar o carro. Após meia hora de estrada e poucas luzes pelo caminho, sentiu uma pontada de preocupação. Estacionou próximo ao endereço indicado pelo aplicativo, onde se localizava um depósito. Apenas um bar de esquina estava aberto, com algumas pessoas dentro. Um homem se aproxima dele e, após uma breve troca de palavras, os dois vão para o local ermo. Outra pontada de preocupação: e se esse homem quisesse assaltá-lo?

Com o fechar das portas, nem se ele gritasse alguém conseguiria ouvir. Imediatamente, sentiu-se pouco confortável para dar continuidade ao encontro, mas ficou constrangido em dizer não àquela altura. Aos poucos, o medo cedeu espaço ao desejo, que se extinguiu após uma relação sexual curta e sem graça. Antes de se despedir, da mesma forma seca das primeiras mensagens, o homem mediu Caio de cima a baixo e disse: “Achei que você fosse melhor do que isso”.

Achei que você fosse melhor do que isso. A frase ficou latejando na cabeça de Caio durante todo o caminho de volta. O odor daquele homem, ainda em seu corpo, causava uma

ânsia intensa, e por um momento teve a sensação de que ficaria sujo para sempre. Enquanto a água quente caía em sua cabeça, lembrou do término com o ex-companheiro e as tantas lágrimas que derramou naquele dia. A sequência de encontros para superar o rompimento foi intensa, urgente. Não se lembra do nome ou do rosto daquelas pessoas, recorda-se apenas das interações sexuais que traziam algum alívio.

Ali, naquele rompimento, percebeu um ponto de virada. A situação foi ficando mais complexa quando Caio passou a chegar tarde no escritório ou se ausentar por longos períodos para dar conta do encadeamento de encontros. Precisou ter muito jogo de cintura e criatividade para inventar tantas desculpas.

Algumas vezes, sentiu vontade de conhecer melhor uma pessoa ou outra. No entanto, as situações nas quais houve desejo por mais intimidade e envolvimento mostraram-se um risco emocional. Na época que namorava, Caio sempre imaginava os contatos que o companheiro teria com outros rapazes nas redes sociais e, na sua fantasia, nada impediria que fosse trocado. Colocava-se no lugar de um objeto que poderia facilmente ser substituído por outro com qualidades superiores.

Também esteve no lugar oposto. Certa vez, um rapaz se apaixonou por ele, o que lhe causou certa irritação: sentiu o outro muito dependente de sua presença, sentimento um tanto incômodo. Por vezes, ficava com raiva de qualquer gesto delicado ou amoroso, explodindo em agressões verbais incompreensíveis. Após as brigas, o afastamento gerava uma sensação de terror, de curto-circuito, que fazia o corpo inteiro tremer.

Hoje em dia, quando envia uma foto por meio do aplicativo e não obtém resposta, bloqueia a outra pessoa para evitar qualquer mal-estar – o medo do descarte está sempre presente e causa tensão. Na mesma medida em que Caio realiza suas trocas, também é trocado com rapidez, o que gera causa ansiedade crescente em relação a qualquer envolvimento mais profundo. Questiona se há possibilidade de viver relações que não se baseiem nas aparências ou na potência sexual. Mesmo que aconteçam, o risco de cair em um lugar abjeto parece estar sempre à espreita.

5.4.1 Algumas considerações sobre o caso

A relação entre sexualidade e adicções apresenta um extenso caminho de pesquisa para a psicanálise e aparece como ponto central no caso de Caio. Entre as vias de acesso possíveis para esta discussão, está a da perversão do objeto pulsional, que conecta a adicção aos desvios do fetichismo. Nessa hipótese, adicções e perversão são consideradas “uma derivação direta –

em positivo – das pulsões sexuais parciais, ali onde falha a função negativante do recalçamento” (GURFINKEL, 2022, p. 149).

Freud (1905a/2016) aponta que o fetiche ocorre na substituição do objeto sexual “normal”. A dimensão patológica se instaura quando há fixação por um objeto específico, na medida em que a natureza da pulsão diz respeito à variabilidade, não ao estancamento; ou quando o objeto-fetiche acaba por se separar do outro, ganhando autonomia do investimento sexual. No entanto, é preciso considerar que as adicções nem sempre envolvem um sentido simbólico, como no caso do fetichismo, e trazem a urgência de uma neonecessidade³⁶ (GURFINKEL, 2022, p. 161).

Quando não há uma dimensão simbólica em jogo, estamos no terreno das neuroses atuais, onde o excesso pulsional encontra vias de vazão que fogem à elaboração psíquica. A compulsão à repetição, mecanismo que emerge junto à noção freudiana de pulsão de morte (FREUD, 1921/1922), também aponta para o caráter traumático, vinculado ao excesso pulsional em um psiquismo no qual as possibilidades de contenção estão fragilizadas.

Além disso, podemos observar essa questão pela perspectiva dos teóricos das relações de objeto, a partir da qual a compreensão da adicção passa por uma falha severa e contínua no ambiente. Winnicott (1951), ao discutir sobre a noção de objeto interno elaborada por Melanie Klein, observa que a vitalidade deste requer a presença de uma figura cuidadora viva e real. Quando há falhas severas de continuidade nesse sentido, o objeto ganha um aspecto mortífero ou persecutório, e os objetos transicionais (situados entre o externo e o interno) perdem a sua qualidade: tornam-se objetos-fetiche, falsos objetos. O paradoxo, assim, não é desfeito por meio de uma desilusão gradual no contato com a realidade, que proporcionaria também uma discriminação entre o eu e o outro. O sujeito precisará buscar no mundo externo o que lhe falta, pois não desenvolveu recursos para lidar com a tensão, nem a capacidade de estar só.

Como a nossa intenção nesta pesquisa não é adentrar as várias teorias possíveis no campo das adicções, vamos nos ater a sublinhar a complexidade do objeto nessa problemática, questão que nos coloca um ponto de contato oportuno com o mal-estar na contemporaneidade e com a voz lírica do sujeito-pedra.

Um dos aspectos da vida contemporânea relacionados ao presente mal-estar diz respeito à equiparação das relações humanas às relações de mercado: a maximização dos lucros, o

³⁶ Gurfinkel menciona o termo criado por Braunschweig e M. Fain para designar uma necessidade falsa, organizada de antemão, que traz o imperativo de uma necessidade vital e dissimula a condição de necessidade artificialmente adquirida. Cf. BRAUNSCHWEIG, D. & FAIN, M. **La noche, el día**: Ensayo psicoanalítico sobre el funcionamiento mental. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.

descarte do que não gera ganhos e a busca incessante por novidade são traços da economia que se materializam, a seu modo, nas relações interpessoais (HARVEY, 2008). Nesse sentido, a confusão entre sujeito e coisa é intensa, uma vez que a dimensão subjetiva passa a operar próxima à lógica das trocas de mercado. A analogia entre os aplicativos de encontros e as vitrines de lojas não é incomum: os usuários podem escolher, entre dezenas de opções, aquela que se mostra mais aprazível.

No caso de Caio, há um paradoxo entre precisar do outro e, ao mesmo tempo, sentir-se sufocado diante de qualquer sinal de permanência. A distância certa precisa ser mantida: a proximidade é sentida como ameaça, mas os contatos devem estar disponíveis para acalmá-lo. A fuga da intimidade para evitar o sofrimento é um movimento contínuo, na mesma medida em que o vazio da ausência é insuportável. Nesse sentido, o uso do aplicativo e a passagem de um contato a outro evitam tanto a intimidade quanto o vazio, suspensão que possibilita alguma gestão do mal-estar permanente. Podemos perceber como a via da ação – que direciona o excesso pulsional quando este não é metabolizado de outras formas – apresenta-se aqui na compulsão, que aparece especialmente no uso do aplicativo de relacionamentos com a finalidade de obtenção do prazer sexual. O corpo acaba como depositário do excesso quando a ação é impedida, gerando crises de “pânico”.

No diálogo com os poemas que trazem a voz do sujeito-pedra, algumas características ganham evidência: a experiência da fragmentação, o olhar para si mesmo enquanto coisa inerte e a falta de porosidade que permitiria uma troca em âmbito humano, relacional. Ao invés de um sujeito que se direciona a um objeto (no sentido psicanalítico de investimento objetal), sua experiência aponta para uma relação entre dois objetos-coisa. O prazer de imaginar e executar a troca de parceiros volta com um revés angustiante, de que ele também pode ser trocado a qualquer momento.

Especialmente no poema de Uchoa Leite, *Dentro/Fora Rio de Janeiro*, a divisão entre sujeito e objeto é suspensa por alguns instantes – equalizando o vidro que reflete e o olho humano. Lembremos do ponto discutido por Lima (2002) sobre a negatividade radical do autor: o sujeito deixa de ser indispensável ou central para o poema; como se, de certa forma, os objetos ganhassem alguma autonomia. Inclusive, em alguns poemas, a existência do sujeito só pode ser subentendida por intermédio da relação entre objetos. Bosi (2021) aponta o paralelo dos versos de Uchoa Leite com as janelas virtuais, e percebemos como esse movimento de deslizar entre os possíveis objetos de desejo acaba por colocar também o sujeito nesse lugar.

Por trás dos vidros
Vê-se lá fora
A rua pétrea
De pedestres
Ao sol incósmico
Deslizam
Por dentro do vidro
Parecem vir
Do outro lado
Desta mesa
Onde o olho
É outro espelho
Pétreo

A exposição autocentrada na contemporaneidade (BIRMAN, 2000) faz com que os referenciais subjetivos passem a ter o apoio no olhar do outro, ao qual o sujeito adere mesmo que seja para efetivar o pacto masoquista e evitar o desamparo. O corpo e o psiquismo do outro podem ter um caráter de utilidade nesse sentido, o que difere da ideia de uma relação onde há partilha e intimidade.

A dificuldade ou impossibilidade de endereçamento ao outro aparece na falta de intersecção do sujeito-pedra: não há projeção nem atravessamento pelo mundo externo. Como consequência da mudança de perspectiva espaço-temporal, com enfoque na dimensão espacial, a superficialidade e a simultaneidade são atributos centrais no período pós-moderno – vemos a marca de uma experiência que se dá na superfície, sem aprofundamento.

Um último aspecto nos chama a atenção nesse caso. A cultura da imagem e do simulacro, que traz os estereótipos e o pastiche (JAMESON, 2017), está intimamente associada à impossibilidade da experiência ativa da história, a qual parece encerrada para modificações. Essa impossibilidade da experiência ativa também é vista no caso de Caio, em sua relação com o uso dos aplicativos. De modo geral, estabelece relações nas quais se submete ao outro, e essa submissão é quebrada em rompantes de raiva, de explosividade. A possibilidade de exercer o papel ativo na escolha de seus parceiros acaba por subjugá-lo quando entra no circuito das adições – a pulsão, cujo caráter habitual é o da atividade, fica escravizada frente a um objeto único.

CONCLUSÃO

Ao levantarmos questões sobre os casos clínicos partindo da literatura, dos poemas nos quais emerge o sujeito-pedra, conseguimos evitar (mesmo que parcialmente) as racionalizações apressadas que buscam encaixar o sofrimento psíquico nos moldes diagnósticos ou mesmo na nosografia psicanalítica. A literatura oferece recursos linguísticos e simbólicos para expressar estados críticos dos analisandos, liricamente descritos nos poemas, que muitas vezes não conseguem ser colocados em palavras. O que a voz do sujeito-pedra, que ressoa nos casos destacados, poderia nos dizer sobre o mal-estar contemporâneo? Ou ainda, em quais pontos essas dimensões se aproximam e o que podemos depreender partindo do ponto de vista da literatura, sem as amarras teóricas às quais a psicanálise por vezes nos prende? Notamos que, no diálogo entre os poemas e os casos, alguns eixos se destacaram: o primeiro deles diz respeito à mudança na percepção da temporalidade; o segundo, à redução da linguagem (e à racionalidade); e o terceiro, ao lugar do eu como objeto e ao olhar do outro em relação ao sujeito.

A sensação de um presente que não passa, pela falta de lastro no passado e de possibilidades para o futuro, atravessa os casos apresentados e também a voz lírica do sujeito-pedra. Como visto nas linhas de montagem e nos modos de vida do início do século XX, a organização do espaço e a fragmentação visando à maximização da eficiência tiveram seus efeitos. No período final da modernidade, com a desintegração do sistema de referências que anteriormente servia de apoio à percepção, a perspectiva sobre espaço e lugar absolutos foi substituída pelas inseguranças de um espaço relativo em mudança (HARVEY, 2008). O tempo esvaziado, da produção alienada, ganhou mais ênfase na medida em que a noção de um bem-estar futuro também se esgotou. Se as políticas keynesianas no pós-guerra visavam a algum grau de bem-estar social, essa possibilidade foi descartada, e agora a administração do sofrimento passa a ser compreendida como um impulso a mais para a produtividade (DUNKER, 2021).

A experiência imediata, do agora, se mostra dominante na contemporaneidade – no entanto, essa experiência pode se dar de forma um tanto desencarnada, permeada pelo vazio de sentido. A inércia e as dores difusas são os principais aspectos do mal-estar de Tarsila, evidenciando como o solipsismo da dor encontra uma via direta no corpo – ou seja, apresenta-se em sua espacialidade. Com a perda da dimensão da transcendência (SAFRA, 2015), o sujeito acaba preso ao presente, e a aderência ao outro para evitar os conflitos e o desamparo pode subjugar a própria singularidade. Assim, percebemos como o plano das intensidades se

sobrepõe ao dos conflitos em uma cultura de sentimentos autossustentados e individuais (JAMESON, 2017).

O estado de estresse permanente ao qual o corpo é submetido no mundo atual, requisitado a funcionar em plena potência, desencadeia sensações variadas, que podem integrar diferentes síndromes presentes nos manuais psiquiátricos. Por um lado, podemos pensar, como aponta Birman (2017), que a experiência contemporânea pode ter enfraquecido o mecanismo de angústia-sinal de algum modo; por outro, também podemos considerar que o próprio corpo passou a ser olhado de outra forma pela psicanálise – não mais subjugado ao psiquismo e às suas representações, mas portando uma linguagem própria.

Com a decadência do potencial crítico do modernismo, na medida em que as dissidências são rapidamente assimiladas pela cultura do consumo, qualquer espécie de dor deve ser rapidamente medicada e revertida com o propósito de manter a eficiência dos indivíduos. O sofrimento, endereçado a um outro, requer outro ritmo para expressão e compartilhamento, além de uma abertura à vulnerabilidade que vai na contramão da estimada autossuficiência dos dias atuais. No caso de Lídia, ao sentir que o trabalho no posto de saúde vai contra o *ethos* humano e, mesmo assim, não visualizar nenhuma perspectiva de mudança, as reações físicas não tardam a aparecer. A ansia é o principal sintoma, raramente seguido de vômito. Há também dores nas articulações e manchas na pele, que se assemelham a uma reação alérgica. A especialização que veio junto ao movimento de fragmentação pode ser percebida em seu ambiente de trabalho, no qual várias forças atuam e, ao mesmo tempo, parecem estar dispersas no atendimento dos usuários do sistema de saúde. Frente a isso, ela sente a intensa angústia que contrasta com a indiferença de seus colegas, habituados, aparentemente, àquele ritmo. Uma cultura orientada para a técnica, fragmentada pela especialização, pragmática e sem conexão com o universo ou possibilidade de transcendência é um dos fatores que leva ao desenraizamento humano (WEIL, 1936/1996). Ainda no que diz respeito ao campo do trabalho, o mal-estar provocado pelo desenraizamento (na medida em que consideramos ser possível pensar novas formações sociais a partir da evolução do capitalismo clássico) está relacionado ao tempo e esforço direcionados ao ganho de um salário precário. Tal situação se evidencia no caso de Lídia. Além da demanda extenuante e muitas vezes sem resolução, ela faz frente a uma tripla jornada, que inclui o papel de cuidadora e também de dona de casa.

O curto-circuito provocado pelas intensidades também afeta o nível do pensamento, que, na subjetividade moderna, esteve ligado à imaginação e à capacidade de síntese dos conflitos psíquicos (BIRMAN, 2017). O fluxo de informações dos meios de comunicação, com uma temporalidade cada vez mais distante dos ritmos da corporeidade e da subjetividade, anula

em grande parte a possibilidade de silêncio, da não comunicação, necessários ao desenvolvimento do espaço transicional (WINNICOTT, 1975; 1983). Nesse sentido, percebemos como a racionalização feita por Oscar, até mesmo de obras que trazem em si um aspecto transcendente, está enraizada em um plano mais complexo. Há uma dissociação entre o pensar e o sentir, extinguindo a *poïesis* da linguagem, que ganha os contornos técnicos de uma fala reduzida a instrumento.

O segundo ponto que tangencia o diálogo entre a voz do sujeito-pedra e os casos em questão diz respeito à redução da linguagem. Nos poemas visitados, percebemos como a forma e o conteúdo dos versos diferem da noção mais tradicional de poesia. Ao invés de metáforas, as metonímias ganham espaço, assim como o uso da elipse, figura de sintaxe que abre lacunas. Se, nos poemas, a elipse abre espaço para que o leitor complete os versos, na clínica nem sempre as lacunas trazem essa abertura.

Podemos situar também no nível da superfície, de uma racionalidade técnica, as tentativas de reduzir questões subjetivas, psíquicas, à dimensão fisiológica, sináptica: há uma busca do domínio das intensidades, das pulsões, excluindo o conflito. A aderência aos diagnósticos, por um lado, mostra uma tentativa de reduzir o psiquismo a certos traços; por outro, evidencia a angústia provocada pela perda de bases que davam suporte à existência. O discurso psiquiátrico, assim como as modalidades terapêuticas que visam eliminar os ruídos de um mal-estar mais amplo, está alinhado à lógica de eficiência de um modelo econômico produtivista. Não à toa trata-se de uma visão com caráter adaptativo. Como esse direcionamento é hegemônico, tem influência direta sobre as demandas que chegam à clínica. A identificação com o diagnóstico muitas vezes aparece com rigidez tão intensa, mesmo porque legitimada externamente, que coloca o sujeito como objeto do campo médico, a ser decifrado e curado por poderes que escapam ao seu domínio.

Como vimos no decorrer desta pesquisa, há um paradigma econômico que atravessa a subjetividade; a depressão, por exemplo, comumente é mencionada como a doença que gera mais afastamentos do trabalho – ou seja, a preocupação tem como foco o sofrimento humano ou a redução da produtividade? Do mesmo modo, o controle da atenção com as medicações para hiperatividade tem como objetivo reduzir o sofrimento ou tornar crianças, adolescentes e adultos cada vez mais produtivos a partir do aprimoramento de sua gestão? Certamente, não se trata de descartar os benefícios que os psicofármacos trouxeram nas últimas décadas, e nem desconsiderar o reconhecimento de tipos de sofrimento que antes ganhavam menos relevo. O ponto é que há uma enxurrada de diagnósticos baseados na *check-list* dos manuais de transtornos, uma espécie de catálogo do sofrimento que se amplia na medida em que novas

medicações são desenvolvidas. Assim, percebemos que a redução da linguagem e a racionalidade perpassam o modo de vida contemporâneo de maneira ampla e significativa.

Um terceiro ponto de intersecção entre a voz do sujeito-pedra e os casos abordados diz respeito ao lugar do eu enquanto sujeito e objeto. Seguindo a discussão sobre a cultura do narcisismo e do espetáculo, vimos como o sujeito contemporâneo tem seus referenciais subjetivos apoiados no olhar do outro. Há um direcionamento exibicionista, na medida em que o sujeito necessita integrar a cultura do espetáculo para ser acolhido socialmente; por outro lado, a exibição é autocentrada, com o intuito de que os olhares se voltem para o eu (BIRMAN, 2017). Assim, por vezes, o corpo e o psiquismo são submetidos ao outro (que pode entrar em um lugar perverso), desde que se tenha proteção contra o desamparo. As relações breves de Caio exibem esse traço de perversidade: mesmo diante das humilhações e riscos, sente-se impotente diante do excesso.

Caio vê seu corpo imerso na cultura da melhor performance, requisitado a funcionar em plena potência. A seleção dos encontros e a imensa quantidade de opções também gera a comparação entre seu corpo e outros corpos que parecem ter mais potência, beleza, juventude, atributos valorizados socialmente. Um corpo aquém desse ideal é visto pela ótica do fracasso, da preguiça, da falta de vontade, sentimentos que se apoderam dele com alguma frequência. Com a precariedade narcísica e a dificuldade de estabelecer vínculos, Caio sente-se exposto ao sentimento de desamparo, o qual é preenchido por encontros variados e contatos sempre disponíveis para eventuais necessidades – assim, o uso do aplicativo é tomado pelo caráter compulsivo, de um agir no mundo que não consegue ser submetido à regulação do sujeito. A *desposseção de si*, que indica a impossibilidade de regular a relação do corpo com o mundo, aparece nas ocasiões em que rompe relações, quando a sensação de terror emerge de maneira massiva.

Além dos pontos de confluência entre a voz lírica do sujeito-pedra e o pensamento psicanalítico no que tange ao mal-estar contemporâneo, podemos notar reflexões abertas pelo campo da literatura que extrapolam essas conexões e nos interessam para pensar a clínica.

Percebemos que o uso da linguagem metonímica nos poemas não traz necessariamente a perda da *poiesis*, mas diz respeito a uma outra forma de elaboração que traduz os movimentos do contemporâneo. Será que pensar na redução da linguagem na clínica associada a um déficit nos processos de elaboração não impede um olhar mais amplo sobre outras possibilidades de expressão? Nesse sentido, a restituição da temporalidade não poderia ocorrer, por exemplo, pela via estética? No caso de Tarsila notamos a verbalização de impressões acerca do contato com outras culturas que a remetem aos primórdios de sua vida, mas o ponto principal nesse processo

aparece no contato com os símbolos estéticos, com os sentidos que ajudaram a compor as impressões primárias. Há de se compreender o que essa linguagem, essa dimensão estética, pode articular. Deprendemos a partir do trabalho de Safra (2016) que não se trata de tentar traduzir tal dimensão, convertê-la em palavras, mesmo porque, nesses casos, não há uma simbologia a ser desvelada pelo analista. A dimensão não verbal, mais do que uma espécie de “etapa” a ser superada rumo à linguagem discursiva, é uma esfera importante por si só: “o *self* se constitui, se organiza, se apresenta por fenômenos estéticos” (Ibid., p. 27).

Algumas experiências são melhor expressadas pela linguagem discursiva, mas há outras que encontram sua forma de expressão nos símbolos orgânico-estéticos, os quais dizem respeito a formas de ser, sentir e existir. A importância da materialidade da experiência, que já se apresentava nos objetos transicionais de Winnicott, é a base dos símbolos do *self*, elementos estéticos que veiculam o *self* de cada sujeito; e é pela “forma sensorial privilegiada para um determinado indivíduo que se abre a constituição do seu objeto subjetivo e seu estilo de ser” (SAFRA, 2016, p. 39). O estilo que compõe o *self* central pode se dar em torno de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis, entre outras.

Um último ponto ampliado pela leitura dos poemas diz respeito à questão da alteridade. O sujeito-pedra aponta para uma impermeabilidade tanto na relação com o outro quanto com o ambiente, não há troca ou identificação possível, o que ressalta o seu estado de isolamento. No âmbito da clínica, costuma-se compreender a alteridade de forma mais restrita a relações interpessoais, mas será que um olhar atento à relação com os elementos estéticos do entorno não poderia dar pistas sobre o sujeito, assim como o faz o ambiente hostil onde se encontra o sujeito-pedra? A literatura, em especial a poesia, guarda esse campo estético que por vezes falta à clínica diante da racionalidade que se impôs desde a modernidade. Por isso, olhar para os casos clínicos através de sua lente pode nos trazer reflexões importantes para escaparmos às armadilhas do reducionismo.

Quando lemos *Escolho* ou *Dentro/Fora Rio de Janeiro*, não há como apartar a experiência do eu lírico de seu entorno, como se costuma fazer ao destacar certos traços de um quadro clínico: há um sujeito-objeto que aparece com todas as suas nuances. No poema de Chico Alvim, o sujeito se vê no nível das coisas inertes, das sacolas, na plataforma de um trem ou metrô que o levará para qualquer lugar. Mesmo diante do movimento, a sensação de estagnação permanece. Esse sujeito não pode ser retirado de seu entorno, do transporte que utiliza, das coisas que compra. Como resumir tantos vértices a um único traço, a um dos itens do *check-list* da depressão ou da neurose obsessiva? *Dentro/Fora Rio de Janeiro* traz uma outra experiência do cotidiano, da indiferença que atravessa o vidro ao próprio sujeito que se vê como

objeto. Como dizer que se trata da impressão subjetiva de um indivíduo antissocial quando o próprio contexto de vidro e pedra convoca o que há de mineral naquele olhar? Ou ainda, há de se dizer que a voz lírica em *um toque* se assemelha à de um sujeito melancólico ou indica para uma nova relação com o mundo, pois evidencia o distanciamento de seu *ethos*? Uma breve digressão como essa nos inspira a abrir o campo de hipóteses para pensar a experiência humana ao invés de reduzi-la logo de saída a meia dúzia de características. A psicanálise, atravessada pela lógica produtivista, não escapa às tentativas de enquadrar cada caso em seu catálogo metapsicológico. Justamente por isso, nesta pesquisa, buscamos adentrar o campo do mal-estar por outra via, a da literatura

Como vimos, a questão central não é eliminar o mal-estar, até porque esse mal-estar diz muito sobre a subjetividade de cada época. Se tomarmos como exemplo a consciência do alheamento expressa pelo sujeito-pedra, que se vê como coisa, podemos compreender mais sobre a condição humana dentro do capitalismo tardio. A constatação impossível para a maioria dos sujeitos que passa pela clínica não é confortável, mas tampouco o é seu estado de alienação. Os modos de vida da atualidade podem afastar o ser humano de seu *ethos*, de seus ritmos e temporalidade subjetiva, da possibilidade de transcender o presente e criar algo de singular a partir do coletivo – ou seja, de conduzir uma vida que faça sentido para si e para a sua comunidade. No entanto, como aponta Bosi (2021), justamente esse entendimento do sujeito-pedra acerca de si mesmo, enquanto coisa, é o que o retira de um estado completo de alienação. Assim, há uma pequena brecha para que a singularidade se faça presente, estado necessário para um possível movimento dialético, de transformação. Vemos nos casos clínicos, em maior ou menor intensidade, esse mesmo olhar breve para si, ainda que as dificuldades na relação com o outro e consigo mesmo estejam presentes.

Percebemos como a voz lírica do sujeito-pedra pode jogar luz a certos aspectos desse mal-estar que talvez fossem obliterados por uma leitura da subjetividade baseada em certas categorias já delimitadas. No âmbito da clínica, resgatar uma linguagem que carregue *poiesis* e não seja desafetada é um desafio constante, que passa pelo contato direto com a literatura e outras formas de expressão menos reducionistas e técnicas. Do mesmo modo, não se pode perder de vista a concretude da experiência histórica, pois é ela que fornece as bases daquilo que se compreende como humano. Somente assim será possível, no encontro com o outro, abrir perspectivas menos rígidas e homogeneizantes, que possam, quem sabe, gestar outros futuros possíveis no âmbito individual e coletivo.

REFERÊNCIAS³⁷

ALVIM, F. **Elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARRIGUCCI JR, D. O guardador de segredos. **Folha de São Paulo**, 10 de junho de 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1006200001.htm>. Acesso em: 26 de set. de 2021

AS ESCUTAS na psicanálise. SBPSP, 2013. Publicado pelo canal SBPSP em 4 dez. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U87JX4D7gZ4&ab_channel=SBPSP>. Acesso em jul. 2020.

BAKHTIN, M. (1929). **Problemas da Poética de Dostoievski**. São Paulo: Forense, 1997.

BARBOSA, J. A. Raro entre os raros. In: LEITE, S. U. **A espreita**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BARONE, L.; COSTA, B. H. R. da. Psicanálise, ficção e cura: entre a Teoria dos Campos e a Teoria do Efeito Estético. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 189-195, 2017. DOI: 10.1590/0103-656420150179. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/134445>. Acesso em: 13 fev. 2022.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BIRMAN, J. A psicanálise e a crítica da modernidade. In: _____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

_____. Subjetividades contemporâneas. In: _____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.

_____. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BION, W. R. (1963). Elements of Psychoanalysis. In: W. R. Bion, **The complete works of W. R. Bion** (v. 5). London: Karnac, 2014.

BORGES, J. L. **A poesia**. In: _____. **Borges oral e sete noites**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

BOSI, A. (1970). **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOSI, V. O sujeito-pedra: tornar-se coisa. In: _____. **Poesia em risco: Itinerários para aportar nos anos 1970 e além**. São Paulo: Editora 34, 2021.

_____. Rubens Rodrigues Torres Filho: verso e avesso. In: _____. **Poesia em risco: Itinerários para aportar nos anos 1970 e além**. São Paulo: Editora 34, 2021a.

³⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BRAUNSCHWEIG, D.; FAIN, M. **La noche, el día**: ensayo psicoanalítico sobre el funcionamiento mental. Buenos Aires: Amorrortu, 1975.

DESCARTES, R. (1637). **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEBORD, G. (1967). **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2007.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os demônios**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DRUMMOND, C. D. **Alguma Poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

DUNKER, C. A hipótese depressiva. In.: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

FÉDIDA, P. **Nome, figura e memória**: a linguagem na situação analítica. São Paulo: Escuta, 1991.

FIGUEIREDO, L. C. O caso-limite as sabotagens do prazer. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** 2000, vol. 3, n. 2, pp. 61-87. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142000002005>>. Acesso em: 24 de ago. 2020.

_____. Escutas em análise. Escutas poéticas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 1, pp. 123-137, 2014.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M.. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 set. 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Nietzsche, Freud e Marx/ Theatrum Philosophicum**. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

_____. **História da loucura**: Na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FREUD, S. (1895). Sobre os critérios para se destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia. (1895). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1895a). Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: _____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905). O chiste e sua relação com o inconsciente. **Obras completas volume 7**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Obras completas volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. (1908). O poeta e o fantasiar. In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

_____. (1914). Introdução ao narcisismo: Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). **Obras completas volume 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1915). **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. (1917). **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. (1917). Uma dificuldade da psicanálise. In: _____. **Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras completas volume 14. História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1921). **Além do princípio do prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2022.

_____. (1929). **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1937). Análise terminável e interminável. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937a). Construções em análise. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XXIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOETHE, J. W. **Fausto**. Uma tragédia. Primeira Parte. São Paulo: Editora 34, 2004.

GREEN, A. (1987). **A loucura privada: Psicanálise de casos-limite**. São Paulo: Escuta, 2017.

GURFINKEL, D. **Adições: Paixão e vício**. Belo Horizonte: Artesã, 2022.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. **Neoliberalismo: História e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HERRMANN, F. A ficção freudiana. Nota introdutória. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 12, n. 10, p. 217-223, 2007. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i10p217-223. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/23627>. Acesso em: 2 fev. 2022.

_____. Psicanálise, ciência e ficção. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 39(70): 55-79, jun. 2006.

_____. A paixão do disfarce. In: _____. **A psique e o eu**. São Paulo, SP: Hepsyché, 1999.

_____. **Introdução à Teoria dos Campos**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2001.

HOOVER, H. H. Presidential Nomination Adress. Aug. 11, 1932. Disponível em: <https://bit.ly/3qlG0JK>. Acesso em: 13 jan. 2023.

HUBEŇAK, F. La formación del pensamiento nacional ruso [en línea] **Prudentia Iuris**. 1996, 41. Disponible en: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/10555>.

HUGHES, M. J. **Moscow Slavophilism 1840-1865: A Study in Social Change and Intellectual Development**. 1991. Thesis (PhD) – London School of Economics, University of London, London, 1991.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

KEATS, J. **The Letters of John Keats**. 2 vl. ROLLINS, H. E. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

KERN, S. **The culture of time and space: 1880-1918**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

KUPERMANN, D. Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela, doutor! **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. Niterói, v. 16, n. 1, p. 121-131, 2004.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **O Seminário**. Livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LEITE, S. U. **A espreita**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **A uma incógnita**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

LEJARRAGA, A. L. Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. **Natureza humana**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 115-147, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200005. Acesso em: 12 ago. 2020

LIMA, L. **Sebastião Uchoa Leite em prosa e verso**. Intervenções. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LOPARIC, Z. É dizível o inconsciente? **Natureza Humana**, 1(2), 1999, p. 323-385. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-24301999000200005&lng=pt&nrm=is&tlng=pt. Acesso em: 24 de Ago. 2020

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MELLO, H. F. **O rito das calçadas**: Aspectos da poesia de Francisco Alvim. Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Dez/2001.

MARX, K. (1844). **Manuscrtos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O capital**: Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

OGDEN, T. H. (2014). **Leituras criativas**: Ensaios sobre obras psicanalíticas seminais. São Paulo: Escuta.

_____. (2003) What's true and whose idea was it? **International Journal of Psychoanalysis**, 84(3), 593-606.

O SUJEITO na poesia contemporânea. SBPSP, 2013. Publicado pelo canal SBPSP em 13 nov. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rLyImgynJhg&ab_channel=SBPSP. Acesso em: jul. 2020.

OWENS, C.; DEIN, S. Conversion disorder: The modern hysteria. **Advances in Psychiatric Treatment**, 12(2), 152-157. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/advances-in-psychiatric-treatment/article/advances-in-psychiatric-treatment/article/conversion-disorder-the-modern-hysteria/73F77976DFC9802B4>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PAIXÃO, F. O trapezista pensando. In: TORRES FILHO, R. **Novolume**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

PAZ, O. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PLASTINO, C. A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 7, n. 1, pp. 80-113, 2012.

RANCIÈRE, J. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, M. F. R., FLORES, D. B. e RAMOS, J. F. S. A pesca do fragmento intersubjetivo na pesquisa psicanalítica. In: PINHEIRO, N. N. B; PERES, R. S.; CORDEIRO, S. N. (Orgs.). **Pesquisas acadêmicas em psicanálise**: reflexões teóricas e ilustrações práticas São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

SAFRA, G. Psicologia Clínica e Interdisciplinaridade. In: ANTÚNES, A.; SAFRA, G. (Org.). **Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018.

_____. **A po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2015.

_____. **A face estética do self**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2016.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

SHELLEY, M. **Frankenstein ou o prometeu moderno**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.

SOUZA, N.S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TEMPOS Modernos. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Charlie Chaplin. Intérpretes: Charlie Chaplin Paulette Goddard Henry Bergman Tiny Sandford Chester Conklin. Roteiro: Charlie Chaplin. Los Angeles: United Artists, 1936. (86 min).

THATCHER, M. Mrs. Thatcher: The first two years. [Entrevista concedida a] Ronald Butt. **Sunday Times**, London, 3 May, 1981. Disponível em: <https://www.margaretthatcher.org/document/104475>. Acesso em: 13 jan. 2023.

THE Kingdom. Criação de Lars von Trier e Tómas Gislason. Dinamarca: Danmarks Radio (DR), 1994-. son., color. Série exibida pelo MUBI. Acesso em: 7 mar. 2023.

TORRES FILHO., R.R. **Novolume**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

WEIL, S. (1936). A vida e a greve dos metalúrgicos. In: BOSI, E. (org.), Simone Weil. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. (1943) O enraizamento. In: BOSI, E. (org.), Simone Weil. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WINNICOTT, D. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.

_____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.